



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação Física
Programa de Pós Graduação em Educação Física
Mestrado em Educação Física

**PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR DO DISTRITO
FEDERAL: UMA INTERPRETAÇÃO DO FENÔMENO NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

CLEBER DOS SANTOS FERREIRA

Brasília – DF

2010



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação Física
Programa de Pós Graduação em Educação Física
Mestrado em Educação Física

**PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR DO DISTRITO
FEDERAL: UMA INTERPRETAÇÃO DO FENÔMENO NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

CLEBER DOS SANTOS FERREIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Física, sob orientação do Prof. Dr. Aldo Antonio de Azevedo.

Brasília – DF

2010

Cleber dos Santos Ferreira

**PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR DO DISTRITO FEDERAL:
UMA INTERPRETAÇÃO DO FENÔMENO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Física, pela Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, pela Comissão formada pelos professores:

Presidente:

Professor Doutor Aldo Antonio de Azevedo

Faculdade de Educação Física

Universidade de Brasília

Membro Interno:

Professora Doutora Ingrid Dittrich Wiggers

Faculdade de Educação Física

Universidade de Brasília

Membro Interno:

Professor Doutor André Luiz Teixeira Reis

Faculdade de Educação Física

Universidade de Brasília

Membro Suplente:

Professor Doutor Alfredo Feres Neto

Faculdade de Educação Física

Universidade de Brasília

Brasília – DF, 29 de julho de 2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F413p Ferreira, Cleber dos Santos.

Práticas de violência no espaço escolar do Distrito Federal:
uma interpretação do fenômeno nas aulas de Educação Física /
Cleber dos Santos Ferreira. Brasília, 2010.

140 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, 2010.

1. Educação Física. 2. Violência escolar. I. Título.

CDU 372.879.6

**À D. Glorinha (em memória) pela confiança em mim depositada.
À nova família que se constituiu ao longo desse processo. Talita, Artur e Vitor;
Aos que se dedicam por uma escola e uma Educação Física de qualidade.**

Agradecimento

**Primeiramente a Deus, força nas horas difíceis;
À grande família: Talita, Artur, Vitor; Tia Selma; D. Sonia, Seu Dudu, Carlinho;
Cristiano, Aline, Miriam, Gabriel; D. Noemia, Ruth, Neblina, Márcio;
Aos colegas de trabalho, em especial Patrícia, Amanda e Divina, pelo apoio;
Ao Prof. Dr. Aldo Antonio de Azevedo, pelas sábias orientações;
Aos professores e funcionários da Faculdade de Educação Física – UnB;
Aos professores e alunos que tornaram o trabalho possível.**

SUMÁRIO

RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
LISTA DE QUADROS	x
LISTA DE TABELAS.....	xi
LISTA DE SIGLAS.....	xii
INTRODUÇÃO.....	13
OBJETIVO GERAL.....	17
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	17
CAPÍTULO 1 - Sobre o conceito de violência.....	18
1. 1 O conceito por diferentes autores.....	24
1.2 Indicadores de violência.....	32
1.3 Violência e Estabelecimentos Sociais: as instituições.....	36
CAPÍTULO 2 - Violência e Escola.....	39
2.1 Polícia e Escola.....	43
2.1.2 O Batalhão Escolar	44
2.2 A educação do corpo nas escolas.....	46
2.3 Educação Física e manifestações da violência	49
METODOLOGIA	53
CAPÍTULO 3 - Amostra e Procedimentos.....	53
3.1 O Campo de Pesquisa: Histórico da Cidade Satélite de Santa Maria e a Instituição Educacional.....	55
RESULTADOS.....	57
CAPÍTULO 4 – Análise dos dados.....	57
4.1 BLOCO I.....	58

4.1.1 O conceito de violência.....	58
4.1.2 Causas da violência	66
4.1.3 Violência: causas internas ou externas.....	68
4.2 BLOCO II.....	77
4.2.1 Casos ocorridos.....	77
4.2.2 Os dados do Batalhão Escolar.....	92
4.2.3 Locais e momentos em que mais ocorrem.....	93
4.2.4 Meninos ou meninas?.....	95
4.2.5 Medidas tomadas nos casos de violência.....	96
4.3 BLOCO III.....	99
4.3.1 Polícia e escola.....	99
4.4 BLOCO IV.....	107
4.4.1 As aulas de Educação Física.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS	123
ANEXOS.....	126

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo verificar a ocorrência, freqüência e tipos de práticas de violência nas aulas de Educação Física em uma escola pública da cidade satélite de Santa Maria - Distrito Federal, compreendendo o ambiente das aulas, a figura do professor e dos alunos, a escola e as relações desta com a comunidade como elementos integrantes e intervenientes, para uma ação refletida no fazer pedagógico. Durante sua construção foram observadas as práticas de violência presentes e como se davam essas práticas nas aulas de Educação Física. De linha qualitativa e quantitativa combinou-se a aplicação de questionários, observações e realizações de grupos focais com alunos, professores, equipe de direção e policiais do Batalhão Escolar; no intuito de trazer relatos e compreender a mecânica de construção do fenômeno nas aulas na medida em que mostrou as motivações, as causas, os modos como determinados atos e atitudes se entrelaçam, os efeitos sobre os indivíduos, as relações sociais e o ambiente escolar. Foram constatadas práticas de violência nas aulas de Educação Física, tendo as agressões verbais lugar de destaque, seguidas de agressões físicas e roubos, o que em alguns casos levou os alunos ao isolamento em sala de aula ou na própria quadra. Questões como contexto em que a escola está inserida, infra-estrutura das quadras, falta de planejamento do professor e a sua omissão diante dessas práticas, foram citados como fatores influenciadores da prática de violência durante as aulas; percebendo assim que um trabalho conjunto deve ser realizado no tratamento do assunto.

Palavras-chave: Violência, Escola, Educação Física.

ABSTRACT

This study aimed to assess the occurrence, frequency and types of practices of violence in physical education classes in a public school in the suburban town of Santa Maria – Distrito Federal, including the school environment, the figure of the teacher and pupils the school and its relations with the community as integral elements and actors for an action reflected in the teaching done. During its construction, showed the present practices of violence and how it gave these practices in physical education classes. Line qualitative and quantitative combined to questionnaires, observations and realizations of focus groups with students, faculty, staff director of the School Battalion and police, in order to bring reports and understand the mechanics of construction of the phenomenon in the classroom as that showed the motivations, the causes, the ways in certain actions and attitudes are intertwined, and the effects on individuals, social relationships and school environment. Practices of violence were found in physical education classes, taking verbal prominent place, followed by assaults and robberies, which in some cases led to the isolation students in the classroom or on their court. Issues such as the context in which the school is located, the court infrastructure, lack of teacher's planning and its omission before these practices were cited as factors influencing the practice of violence during the school year, they realize that a joint work must be done in the treatment of the subject.

Keywords: Violence, School, Physical Education.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Conceito de violência na opinião da equipe de direção.....	59
QUADRO 2 – Conceito de violência na opinião dos professores.....	59
QUADRO 3 – Conceito de violência na opinião dos alunos.....	60
QUADRO 4 – Frequência com que ocorrem as práticas de violência na escola. Adaptado de ABRAMOVAY (2009).....	77
QUADRO 5 – Opinião da equipe de direção sobre a presença da polícia dentro da escola.....	100
QUADRO 6 – Opinião dos professores sobre a presença da polícia dentro da escola.....	100
QUADRO 7 – Opinião dos alunos sobre a presença da polícia dentro da escola.....	100

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Resultados acerca dos motivos internos e externos de violência escolar.....	68
TABELA 2 – Resultados quanto à violência sofrida por alunos no percurso entre a casa e a escola.....	79
TABELA 3 – Freqüência com que ocorrem casos de violência no entorno da escola.....	80
TABELA 4 – Freqüência com que ocorrem brigas entre os alunos.....	81
TABELA 5 – Freqüência com que ocorrem xingamentos entre os alunos.....	83
TABELA 6 – Freqüência com que ocorrem ameaças entre os alunos.....	84
TABELA 7 – Freqüência com que ocorrem furtos entre os alunos.....	85
TABELA 8 – Freqüência com que ocorre o consumo de drogas ilícitas por alunos da escola.....	87
TABELA 9 – Freqüência com que ocorre pichação e depredação da escola.....	87
TABELA 10 – Freqüência com que ocorre a presença de integrantes de gangues na escola.....	88
TABELA 11 – Freqüência com que ocorre o comércio ou tráfico de drogas na escola.....	90
TABELA 12 – Freqüência com que ocorre o porte de armas de fogo por parte dos alunos.....	91
TABELA 13 – Freqüência com que ocorre o debate por parte dos professores sobre o tema da violência.....	92
TABELA 14 – Quantidade de ocorrências atendidas pelo Batalhão Escolar nos anos de 2009 e 2010 de acordo com tipificação dos casos.....	93
TABELA 15 – Resultados acerca da consideração quanto a atitudes violentas entre meninos e meninas na escola.....	95
TABELA 16 – Freqüência com que ocorrem as práticas de violência nas aulas de Educação Física.....	108

LISTA DE SIGLAS

A	Alunos
P	Professores
ED	Equipe de Direção
PM	Policiais Militares do Batalhão Escolar

INTRODUÇÃO

Pretende-se no estudo em tela, verificar se o fenômeno da violência, presente no ambiente escolar do Distrito Federal, também se faz nas aulas de Educação Física, recorrendo e discutindo, dentre outras, “se”, “como” e “por que” ocorrem tais práticas. Faz parte desse propósito, uma compreensão das aulas de Educação Física, da figura do professor e dos alunos – com as respectivas visões e envolvimentos nessas práticas-, da escola e das relações desta com a comunidade como elementos integrantes e intervenientes nessa análise. Justifica-se também pela insuficiência de estudos sobre violência no ambiente escolar relacionados com as aulas de Educação Física, o que acarreta um desconhecimento por parte dos professores, dificultando a sua atuação, intervenção, mediação e reflexão nos confrontos existentes. As práticas de violência escolar, em especial durante as aulas de Educação Física, apesar de ser um tema pesquisado por alguns, é pouco discutido dentro da realidade educacional brasileira, carecendo de mais estudos e de aprofundamento teórico, proporcionando um olhar mais crítico que perpassa a esfera do tratamento atualmente dado.

É sabido que vivemos em uma época em que a violência adquire novos formatos, ganhando importância social, política e acadêmica; onde o tratamento que dado pela sociedade, de tão comum e freqüente que é a sua ocorrência, torna-se ainda mais banalizado. Entender o fenômeno da violência em suas diversas manifestações, natureza e origens para construção de uma visão crítica é uma preocupação do ser humano.

Como todo fenômeno ao qual se tenta traduzir através de um conceito teórico, traz enraizado uma polissemia presente no termo. Talvez, determinada característica se dê pelo fato de o mesmo não poder, devido a sua complexidade de manifestações, ser traduzido em apenas um conceito. Se assim o fizer, corremos o risco de contribuir para as conclusões equivocadas existentes que o utilizam de maneiras diversificadas e abrangendo várias situações diferentes. Por tal razão, a presença de inúmeras correntes que, baseadas em autores e estudos considerados, se fazem na necessidade de compreensão por aqueles que se aventuram em uma teia de significados e representações.

Mas tal tarefa não se torna simplista, a partir do momento em que são consideradas as características voláteis e mutáveis – se assim é permitido atribuir

tais características – presentes na construção de um pensamento acerca do fenômeno. Mudam-se as formas, os significados, os agentes produtores/receptores e até mesmo a própria percepção da violência nas diversas sociedades, como será constatado na sociedade brasileira através dos diversos estudos. Sendo assim, o momento histórico é de suma importância para começarmos a pensar no fenômeno, onde será preciso um olhar mais crítico da localidade, do contexto sociocultural, dos cenários envolvidos, das situações e processos sociais.

Enquanto fenômeno social, o qual acompanha as sociedades e sua história, tem sido analisada e debatida nas suas manifestações e diversidade de espaços sociais, dentre os quais, a escola. Como dito anteriormente, o conceito de violência é complexo e sua análise depende de setores como a cultura, a política, o poder público, a dinâmica da sociedade, das comunidades, do funcionamento das instituições, das relações sociais, das desigualdades sociais, etc.

Tem-se registro em escolas tanto de periferia quanto dos centros urbanos de Brasília de atos de violência escolar, na maioria das vezes, cometidos por alunos contra seus próprios colegas, professores, servidores e inclusive diretores; ou como veremos mais adiante, praticados pela própria instituição de ensino. Tais fatos encontram explicações tanto na estrutura da sociedade, em perspectiva macro, quanto nas relações internas das escolas, em perspectiva microsocial. A partir dessas perspectivas, o estudo parte das contribuições teóricas e metodológicas de autores como Foucault e Bourdieu, e recorre a estudos mais pontuais e específicos como os de Abramovay, Waiselfisz, Guimarães e outros.

Trazer a discussão sobre a violência que toma conta das escolas públicas do Distrito Federal, utilizando como cenário as aulas de Educação Física e a relação do fenômeno com o envolvimento de alunos, professores e da própria instituição, possibilitará um melhor entendimento do assunto tão pouco abordado, contribuindo para abertura de novas pesquisas nesse âmbito.

A violência no meio escolar, apesar de muito citada na atualidade, sempre me despertou curiosidade pela dinâmica exercida e pela sua capacidade de, a cada episódio, surpreender cada vez mais. As ocorrências atendidas pela escola passaram a ter novos significados e novos atores, surpreendendo professores e equipe gestora, que passam a considerar os casos passíveis de intervenção através de projetos, conduzindo inclusive o próprio funcionamento da escola. Prova disso são os Projetos Político-Pedagógicos das instituições, que passam a considerar a

violência na sua composição, levando a escola a repensar o seu fazer pedagógico. E nesse cenário, as aulas de Educação Física como parte integrante do fazer pedagógico, se constituem em um ambiente, às vezes até mais propício, para o surgimento dessas práticas de violência. Mas os questionamentos que surgiam levavam em consideração a relação entre comunidade, escola e a Educação Física. Qual seria a influência de um sobre o outro e suas interferências? Qual o papel de cada um desses? Quem seria o culpado, se é que existe um? Qual o tratamento dado ao fenômeno? Qual a importância da Educação Física e do professor nessa relação?

Durante a trajetória profissional pude acompanhar situações que intrigavam e que representavam não um fato isolado, mas um conjunto de situações que levaram a desencadear determinadas práticas. Essas situações variavam de uma explosão repentina de agressividade, passando pela negociação de espaços com a comunidade, até episódios de extrema brutalidade. Um aluno que no decorrer de uma atividade reage contra o outro em forma de insultos, xingamentos ou até mesmo chegando às vias de fato; uma aula cercada por sujeitos de alta periculosidade e que se misturavam em meio aos alunos; o socorro a dois alunos ensangüentados após tesouradas desferidas por outro durante uma partida de futebol. Realidades e novas configurações que pouco, ou em nada, se comparam à época em que era freqüentador assíduo das aulas de Educação Física.

Mudaram as relações entre a escola e a comunidade, e essa mudança é acompanhada por novas configurações que podem interferir no dia-a-dia da instituição e porque não no próprio ambiente da Educação Física, exigindo um posicionamento da equipe gestora e, principalmente do professor, frente a temática proposta.

Diante do exposto, inicialmente é apresentado um resgate sobre os conceitos e o tratamento teórico que diversos autores atribuem à violência, suas características e manifestações distintas. Com isso, considera-se o termo nas diversas áreas do conhecimento como biologia, psicologia, filosofia e sociologia para então partirmos para um apanhado de autores nacionais que se dedicam a estudar a realidade brasileira. Após determinado resgate, faz-se um breve comentário sobre os indicadores utilizados para caracterizar a violência no Brasil e a necessidade de um indicador que traduza a realidade escolar. No capítulo seguinte, é salientado como a violência se faz nos estabelecimentos sociais, trazendo a ótica das práticas

difundidas ao longo da história pelas instituições. Assim complementa-se o estudo com uma discussão sobre a atuação da polícia e a imagem do policial refletido no cenário educacional pela representação do Batalhão Escolar. A seguir, é traçado um paralelo entre violência e escola, e de como o fenômeno é a cada dia mais abordado nesse ambiente; acrescido pela violência despercebida realizada através de uma educação do corpo. Por fim, é feito um resgate dos estudos que trataram da violência no campo da Educação Física, mostrando a carência e a necessidade de mais estudos, frente a um assunto de tamanha magnitude.

Sendo assim, a questão de pesquisa principal que se faz a partir do referencial teórico construído é:

- Quais as práticas de violência presentes nas aulas de Educação Física, suas relações com a escola e o contexto social em que está inserida, assim como a influência exercida na participação dos alunos?

OBJETIVO GERAL

Verificar a ocorrência de práticas de violência nas aulas de Educação Física em uma escola pública da cidade satélite de Santa Maria - Distrito Federal, compreendendo o ambiente das aulas, a figura do professor e dos alunos, a escola e as relações desta com a comunidade como elementos integrantes e intervenientes, para uma ação refletida no fazer pedagógico.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar a frequência e os tipos de práticas de violência ocorridos no ambiente escolar;
- Verificar a frequência e os tipos de práticas de violência ocorridos durante as aulas de Educação Física nas séries finais do ensino fundamental;
- Estabelecer uma ligação entre os envolvidos no fenômeno e sua participação durante as aulas.

CAPÍTULO 1 – Sobre o conceito de violência

Estudada por vários sociólogos e pesquisadores, a violência segundo Costa (1997) remota sua origem às organizações humanas mais primitivas, onde a revolução agrícola cria uma nova relação homem e natureza. Sua vida nômade e predatória é substituída pelo sedentarismo e pela produção individual, que faz com que a defesa dos territórios mais férteis coloque diversos grupos em conflitos. Para a manutenção de propriedades e dos direitos adquiridos; a guerra, a conquista e a defesa tornaram-se atividades permanentes acompanhadas pelo desenvolvimento das civilizações.

O que se percebe é que os teóricos que abordam a temática mostram-se ansiosos na busca de uma definição, de um conceito que consiga expressar ou traduzir a realidade de um fenômeno que se mostra cada vez mais latente. Por tal razão, antes de nos aprofundarmos entre conceitos e seus autores, é importante salientar que essa busca se faz não para criar um conceito padrão ou único; mas para situar no tempo e no espaço, em determinado período ou época, o contexto específico e a realidade desse tempo e espaço que contribuíram para construção do mesmo.

Ao tentar criar um conceito teórico sobre o que venha a ser violência, deve-se ter em mente que tal feito exige certo cuidado, pois o mesmo tem sido utilizado de maneiras diversificadas e abrangendo situações diferentes. Até porque sua dinamicidade permite uma constante mudança em seus significados e representações que, como todo fenômeno social, acompanha as sociedades e sua história. Sendo assim o momento histórico é de suma importância para começarmos a pensar no fenômeno, onde será preciso um olhar mais crítico da localidade, do contexto sociocultural, dos cenários envolvidos, das situações e processos sociais. Um passeio pela literatura pode explicar essa situação, onde atos hoje considerados violentos em certos momentos históricos ou em determinadas sociedades não o eram e vice-versa.

Mas antes de tal passeio, e somente a título de informação, não podemos deixar de fazer uma breve, mas importante, citação das várias correntes que trazem seus conceitos num sentido mais restrito, considerando aspectos mais peculiares e específicos como objeto de análise da violência. São as correntes Biológicas, Psicológicas e Sociais.

A corrente Biológica atribui comportamentos violentos à causas genéticas (hormônios, formações cerebrais diferenciadas, etc...), sendo considerados da natureza do indivíduo. Na corrente Psicológica, privações de afeto e perdas podem obstruir os processos de socialização (problemas no desenvolvimento e na formação da personalidade, humilhações e frustrações, excesso de rigor e autoritarismo, restrição das possibilidades de diálogo e negociação, enfraquecimento do processo de identificação, entre outros) acarretando com isso em comportamentos violentos. Já a corrente Sociológica atribui tais comportamentos a fatores como preconceitos de gênero, raça, crença, desigualdade social e má distribuição de renda, exclusão social, processos de opressão das massas, falta de coesão social.

Como o fenômeno, possui essa amplitude de significados e estes se entrelaçam nas correntes acima citadas, optou-se pela abordagem sociológica dessas práticas por entender que o tratamento dado ao tema por essa corrente, atende mais aos objetivos do estudo.

Michaud (1989), parte de uma análise de dicionários e da própria etimologia da palavra para compreender o seu uso corrente. A diversidade de sentidos do termo, segundo o autor, de um lado designa fatos e ações, onde a violência é encontrada como opositora à paz e à ordem a qual perturba e questiona; e de outro, designa uma maneira de ser da força, do sentimento ou de um elemento natural, desrespeitando regras e passando da medida. Portanto, a aplicação de força contra alguma coisa ou alguém, que passa da medida ou perturba uma ordem, torna o caráter violento. Essa idéia de força permeia a noção de violência, dando significações à palavra, designando comportamentos e ações físicas e que, segundo o autor, “deixa marcas.” Acrescenta ainda que em função de normas definidas, as quais variam muito, tal força assume a qualificação de violência. Sendo assim, “podem haver tantas formas de violência quantas forem as espécies de normas.” (p.08)

No campo jurídico, o autor traz dois aspectos que surgem ao se considerar o fenômeno: um primeiro, de força física e seus efeitos facilmente identificáveis; e um segundo mais imaterial, de transgressão e violação de normas onde qualquer coisa pode ser considerada uma violência. Com isso, tenta-se alcançar uma definição que consiga dar conta tanto dos estados quanto dos atos de violência, observando-se vários fatos: a complexidade das situações de interação que diluem as responsabilidades e multiplicam os participantes; as diversas modalidades de

produção de violência; sua distribuição temporal; e os diferentes tipos de danos que podem ser impostos.

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (p.11)

Para uma análise mais contextualizada, Michaud (1989) passa a considerar as abordagens antropológicas, sociológicas e filosóficas para se definir as causas da violência. Na abordagem antropológica, relaciona-se os diversos aspectos da natureza humana. Dela fazem parte as relações entre agressividade e base neurológica (ponto de vista neurofisiológico); agressividade animal e comportamento humano (etologia e agressividade); a capacidade de complicar, inventar, acrescentar e refinar a violência, em oposição aos animais (antropologia pré-histórica); agressividade e personalidades violentas em perspectiva clínica e de interações sociais (psicologias da agressividade); e as personalidades violentas, masoquistas, narcisistas e os comportamentos de autodestruição (contribuições da psicanálise).

Na abordagem sociológica, encontra-se o empirismo (o qual busca entre os diferentes indicadores estabelecer “porque os homens se rebelam” ou “quando os homens se revoltam e por quê”); a teoria social (considerando a violência funcionalista, sistêmica ou de concepção marxista); e os estudos microsociológicos (a qual considera os comportamentos de determinados grupos, os julgamentos, as práticas e as atribuições que fazem da violência). Já na abordagem filosófica considera-se a ontologia da violência (as concepções da natureza do Ser, da natureza das coisas) e a reciprocidade (sendo a violência considerada do ponto de vista da relação com outrem e da intersubjetividade).

O autor conclui seu pensamento afirmando que “não há discurso nem saber universal sobre a violência: cada sociedade está às voltas com a sua própria violência segundo seus próprios critérios e trata seus próprios problemas com maior ou menor êxito.” (14)

Wieviorka (2007), ao considerar que a violência não é a mesma de um período a outro, devendo caracterizar-se por cada época, propõe três modos principais de abordagem da violência que afirma há muito serem utilizados pelas ciências humanas e sociais.

O mais clássico dos modos de abordagem “insiste na idéia de que a violência é uma conduta de crise, uma resposta a mudanças na situação do ator ou dos atores, que reage(m) principalmente pela frustração.” (p.1151). Mas, nos anos 70, duas outras linhas de abordagem foram amplamente aceitas pela carência e limitação do caráter explicativo da primeira abordagem. Assim, uma segunda abordagem analisa o caráter racional e instrumental da violência.

Os que defendem determinada abordagem partem do princípio que “a violência é uma conduta que nada mais é que um recurso mobilizado por atores como um meio para atingir seus fins.” (ibdem). Baseados nessa idéia explicavam como se utilizavam da violência aqueles que eram excluídos do campo político, na intenção de aí penetrarem e se manterem, considerando-os assim personagens conscientes. A última linha clássica de abordagem cria um vínculo entre cultura e violência (Elias, Adorno, entre outros), mas que o autor considera problemática a partir do momento em que tal análise “deixa de lado todas as mediações políticas e sociais, mas também a espessura histórica que pode separar o momento em que se forja uma personalidade e aquele em que ela passa ao ato.” (p.1152).

Conclui, apesar de freqüentemente não satisfazerem o pesquisador, as abordagens clássicas podem ser úteis para uma compreensão concreta da violência, não podendo ser esquecidas ou postas de lado.

A violência muda, e a mudança está também nas representações do fenômeno. Se, freqüentes e numerosos esforços são empreendidos no sentido de fornecer uma apresentação objetiva, convertida em cifras, da violência – estatísticas de crimes, de delinqüência, de motins etc. –, esta também não deixa de ser altamente subjetiva, ela é aquilo que em um dado momento uma pessoa, um grupo, uma sociedade considera como tal. (p.1148)

Assim, Wieviorka (2007) ao atribuir à violência características de um período, grupo ou pessoa, compartilha das idéias de Michaud (1989), onde para cada sociedade e época é feita uma apropriação do que ela venha a se configurar; podendo ser melhor interpretada através da ótica e da realidade daqueles que se inserem naquele dado momento.

Certos autores trabalham com a dicotomia poder e violência. Para alguns, a violência deve ser diferenciada do poder, mesmo que possuam estreita associação; o contrário para outros em que a violência é a mais segura manifestação do poder (institucionalizada e regulada por meio de leis).

Arendt (1994), parte do princípio que o poder real da classe dominante não consiste nem se assenta na violência, diferenciando assim do pensamento de Marx que considera o Estado como um instrumento da violência sob o comando da classe dominante, definindo seu papel no processo de produção (o Estado como um instrumento de opressão nas mãos da classe dominante através de uma violência supostamente legítima).

Segundo a mesma, a não distinção entre palavras-chave, como “poder”, “vigor”, “força”, “autoridade” e, por fim, violência; e o uso delas como sinônimos resultaram no que considera uma cegueira quanto às realidades às quais eles correspondem.

Em suas considerações, PODER pertence a um grupo (não a um indivíduo), e só existe enquanto o mesmo permanece unido – alguém está no poder pois foi empossado por um número de pessoas para agir em seu nome – desaparecendo o grupo, seu poder também esvanece. VIGOR trata-se de uma entidade individual, pertencente ao caráter (que pode ser sobrepujado pelos muitos). Já a FORÇA – empregada pelo senso comum como sinônimo de violência (especialmente em situações de coerção), deveria ser reservada às “forças da natureza” ou à “força das circunstâncias”; idéia essa que se contrapõe à de Michaud (1989), que lança mão do uso da força para caracterizar o desrespeito às regras e violação de normas, gerando por consequência episódios de violência empregados contra algo ou alguém. A AUTORIDADE estaria relacionada ao reconhecimento inquestionável por aqueles a quem se pede que obedeçam, sem necessidade de coerção ou persuasão. Enquanto isso, a VIOLÊNCIA vai depender da orientação e da justificação pelo fim que almeja, podendo ser justificável, mas nunca legítima (a violência sempre pode destruir o poder).

Afirma que “o domínio pela pura violência advém de onde o poder está sendo perdido” (p. 42), sendo opostos; pois onde um domina absolutamente, o outro está ausente. “A violência aparece onde o poder está em risco, mas, deixada a seu próprio curso, ela conduz à desaparecimento do poder.” (p. 44). Quanto mais poder, menos violência, e vice-versa.

Ela (a Violência) não promove causas, nem a história, nem a revolução, nem o progresso, nem o retrocesso; mas pode servir para dramatizar queixas e trazê-las à atenção pública.” [...]ao contrário do que seus profetas tentam nos dizer, a violência é a arma mais da reforma do que da revolução.” [...] “Se os objetivos não são alcançados rapidamente, o resultado será não apenas a derrota, mas

a introdução da prática da violência na totalidade do corpo político. A ação é irreversível, e um retorno ao *status quo* em caso de derrota é sempre improvável. A prática da violência, como toda ação, muda o mundo, mas a mudança mais provável é para um mundo mais violento.” (p.58)

Para a autora, algumas interpretações que atribuem à violência humana uma raiz de instintos desviados não dão conta da instrumentalidade da violência.

A violência deve ser analisada no funcionamento das relações humanas, sociais e políticas e no espaço que ela conquista ou perde nessa dinâmica; analisando-a, deve-se tentar colher os motivos e os objetivos do uso da violência, bem como o sentido da relação violenta. (ibdem)

Prova disso é sua contribuição no processo de desmistificação da violência. Tal processo compreende a desnaturalização (recusa em associar o processo histórico com a luta pela sobrevivência e a morte violenta no reino animal e de abrir mão do significado da política enquanto determinação do humano), a despersonificação (não atribui a violência uma potencialidade de sujeito, sendo apenas instrumental e detentora de certa racionalidade) e a desdemonização (a violência perde o caráter mágico ou demoníaco que comumente lhe é atribuída, não sendo nem bestial nem irracional).

Para Foucault (1984), as relações de poder realizam um controle detalhado, minucioso do corpo em seus gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos. E tal poder não surge única e exclusivamente do Estado – ou da extensão dos efeitos -, mas de infinitos mecanismos e técnicas que chamará de micro-poderes, que “a nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras.” (p. XIV).

O poder, segundo ele, é forte na medida em que produz efeitos positivos no nível do desejo e do saber. “[...] se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento [...], se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil”. (p.148)

Além disso, considera um tipo específico de poder que chamou de disciplina ou poder disciplinar, que se consiste em “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade...” (FOUCAULT, 2007. P. 139)

Bourdieu (1989), faz referência a um poder simbólico como um “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. (p.7-8). Diferente da violência física, trata-se de uma imposição oculta e arbitrária da cultura de um determinado grupo sobre outro, mascarando as relações de força que estão na base de seu poder.

Assim sendo, essa violência simbólica – que por suas características, na maioria das vezes passa despercebida na vida rotineira – encontra-se presente nas arquiteturas das casas, nos hábitos, nos costumes, nas leis (que consagram os limites de violência permitidos a cada sociedade e que acaba por normalizar muitas vezes o que não é normal), na mídia (que explora o imaginário das pessoas e cria uma cultura de aceitação e concordância, de permanência e manutenção da ordem vigente, do *status quo*), nas escolas, nas universidades etc.

Percebe-se nos escritos dos autores que, em se tratando de violência e na tentativa de conceituá-la e interpretá-la, algumas idéias se assemelham, enquanto nota-se a divergência em outras. Seja através da associação entre violência e força de Michaud (1989), em oposição aos pressupostos de Arendt (1994); seja na noção entre violência e PODER (Arendt (1994); Foucault (1984); Bourdieu (1989)), pertencente ao Estado, a determinado grupo, que se expressa através de micro-poderes; ou em um poder simbólico que se faz na cumplicidade de outros.

1.1 O conceito por diferentes autores

Como salientado anteriormente, a busca de diversos pesquisadores que tentam aproximar-se de um conceito ou de uma caracterização da violência, é feita de acordo com uma ótica particular, sendo considerados em suas análises diversos – mas não excludentes – acontecimentos sociais e suas repercussões.

Odalía (1983), vem chamar de democracia na violência a presença e a extensão do fenômeno, uma vez que se faz presente em ambientes diversificados, sem distinguir classe e que portanto, “seus longos braços a tudo e a todos envolvem.” Conseqüência disso e reflexo nas paisagens urbanas e arquiteturas, é a busca antes de tudo por segurança e defesa, pois cada vez mais os espaços abertos compostos por jardins cedem lugar às grades, muros altos, cercas elétricas, tornando-se ainda mais fechados.

Remete à Bíblia para relatar casos de violência, desde física, passando pela violência sutil e maliciosa, pelo estupro e outros mais; tendo como primeiro relato a expulsão de Adão e Eva do paraíso que, como diz o autor, nada mais foi que uma punição à violação de uma regra (a condenação ao trabalho e às dores do parto por violarem a proibição aos frutos da árvore).

Para se perceber um ato como violência, diz que é exigido um esforço no sentido de superar sua aparência de ato rotineiro, natural e como que inscrito na ordem das coisas; e que a dificuldade em se compreender de imediato seu caráter, se dá por “razões, costumes, tradições, leis explícitas ou implícitas, que encobrem certas práticas violentas normais na vida em sociedade.” Segundo o mesmo “a violência está, sobretudo na fixação de regras e normas de conduta que amesquinham e diminuem o homem, sem que ele disso tenha consciência – implícito. Muito mais do que no explícito [...]” (p.23)

Uma violência é (ou está sendo) cometida, “toda vez que o sentimento que experimento é o da privação, o de que determinadas coisas me estão sendo negadas, sem razões sólidas e fundamentadas”. (p.86)

Odalía (1983) nos traz uma idéia de institucionalização da violência como sendo:

A institucionalização da miséria, do sofrimento, da dor, da indiferença pelos outros, da ignorância, do não saber sobre si e sobre sua sociedade, não ocorre porque o homem é mau, mas pelo simples fato de que uma sociedade estruturada para permitir que a competição, o sucesso pessoal individualizado, sejam os parâmetros de aferição do que o homem é, não pode, evidentemente, preparar o homem para ver no seu semelhante outra coisa que não um concorrente ou uma presa a ser devorada. (p.35)

E conclui, que “toda violência é institucionalizada quando admito explícita ou implicitamente, que uma relação de força é uma relação natural – como se na natureza as relações fossem de imposição e não de equilíbrio”. (p.35)

Discorda dos argumentos que aceitam sua associação com fatores naturais, por serem impostos com relativa facilidade e sem necessidade de grande reflexão ou “como se estivesse inscrita na ordem das coisas, cabendo ao homem apenas sofrê-la por ser apenas mais um dos elementos da natureza.” (p.36). Acrescenta ainda na educação um instrumento privilegiado de dominação “por ser um processo longo, contínuo e que trabalha com um material altamente sensível, a criança e o

jovem.” (p.57), acompanhado pelos meios de comunicação de massa, em especial a televisão.

Da Matta (1982), ao trazer sua abordagem sobre violência salienta a precisão de verificar que se trata de um dado da própria condição humana, o que necessitaria de uma investigação do conjunto de valores que estão associados a certas formas de violência em sociedades específicas. Assim como o discernimento de algumas encarnações assim chamadas de violência, e sua associação com múltiplos aspectos e contornos, possui facetas positivas e negativas numa relação de gradação e equilíbrio entre o positivo e o negativo.

[...]o discurso sobre violência é, em geral, um discurso escandaloso. Se não é denúncia, é elogio. Não pode ser um discurso interrogativo e relativizador, pois que se toma como perversão qualquer tentativa de ver a violência como um fenômeno social. Seu poder de mobilização é tão grande, que só se admite um posicionamento contra ou a favor. (p.13)

Com essa afirmação, apresenta um debate entre o pensamento sociológico e o discurso acima citado. No exemplo acima considera que o uso da violência é feito sem as devidas preocupações sobre as formas que engloba e o uso de distintas modalidades, ao ponto que a postura sociológica, por considerar tais fatores, “é sempre entendida como uma fuga, uma posição que se cobre com a capa da neutralidade utópica para não ter que tomar um partido.” (p.14)

Ao analisar o modo como a violência é concebida no Brasil, o faz através do que chama discurso Teórico Erudito (falas da direita, ou caso de polícia – mais polícia e policiais para liquidar a violência -; e falas da esquerda, ou caso de poder – onde a violência é uma resposta a um sistema), não sendo contra tal diagnóstico, mas o considerando incapaz de perceber os elementos, as relações e o desenho institucional que distingue e singulariza as sociedades. Assim como também não tem dúvidas de que o sistema econômico brasileiro é injusto e incapaz de dar voz a quem está por baixo. Mas questiona o que é estar por baixo no Brasil, uma vez que a dicotomia dominante/dominado é complexa, já que “entre os dominantes existem dominantes e dominados, o mesmo ocorrendo com os dominados. Deste modo, o dominante numa região do sistema pode ser dominado em outra e vice-versa.” (p.19-20)

O discurso do Senso Comum ou Popular é um falar que se trava na experiência diária das pessoas, traduzido pela imagem de uma briga, agressão ou

conflito entre duas pessoas. As noções de que o violento e a violência estão relacionados à “maldade humana”, ou ao uso da força contra o fraco, o pobre ou o destituído – a violência tendo uma distribuição desigual na sociedade.

Considera os discursos complementares, pois o que um não diz o outro acentua.

Quando são os pequenos (os fracos) que clamam por seus direitos, esse clamor assumirá sempre a forma de uma violência pessoalizada e aparentemente pré-política e não planejada; ao contrário dos grandes (ou fortes) que quando iniciam um movimento de violência, o fazem num idioma jurídico-legal apresentado como um modo de salvar as instituições e a própria sociedade. (p.38)

E conclui dizendo que a violência brasileira, “serviria tanto para hierarquizar os iguais quanto para igualar os diferentes.” (p.42)

Outro autor que dedica-se a estudar a violência é Soares (2000), porém o faz através de uma associação entre criminalidade e violência (e a políticas públicas que daí são propostas), o que irá nortear suas pesquisas e conclusões a respeito do assunto. Acredita que essa ligação direta, ainda que não exclusiva, entre violência e criminalidade, deu-se através de uma característica cultural a qual entrelaçou-se com a modernização conservadora; o que acabou por gerar uma série de problemas.

Hoje, os pesquisadores dedicados à temática da violência e da criminalidade partem do pressuposto de que não há vida democrática sem segurança pública, e que por consequência, devotam-se a analisar políticas públicas alternativas e modalidades mais ou menos eficientes de repressão à criminalidade. (p.30)

Suas análises apontam para uma liberação dos indivíduos do dever da obediência, legitimando a desobediência civil, devido à impotência do Estado (incapaz de garantir a ordem pública, de proporcionar cidadania e condições aceitáveis de vida à parcela expressiva da população) em prover segurança e meios de sobrevivência.

Minayo (1993), considera que a violência passa a ser objeto de reflexão por parte de várias áreas do saber, entre elas a Saúde Pública (objeto de seus estudos), pelo papel que assume diante do que chama “morbi-mortalidade”, que acaba por vitimizar crianças, jovens, adultos e idosos indiscriminadamente. Segundo a autora a violência é também responsável, em suas manifestações específicas, por uma série de agravos à saúde (como maus-tratos a crianças, espancamento de mulheres e

outros) tendo como pior consequência a morte por crimes cometidos no trânsito e pelos assassinatos, sobretudo, de jovens brasileiros.

Analisando as formas específicas de violência, ressalta que as mesmas se fazem presentes em todas as regiões do país e nos diversos grupos sociais, em maior ou menor intensidade; constituindo uma rede intrincada e complexa, na qual todos são vítimas e autores a um só tempo, mesmo que cada um a seu modo.

Tal como numa epidemia, todos são afetados pela fonte comum de uma estrutura social desigual e injusta, que alimenta e mantém ativos os focos específicos de violência, os quais se expressam nas relações domésticas, de gênero, de classes e no interior das instituições. (p.75)

Ao associar o fenômeno com o aprofundamento ou a intensificação da violência estrutural, apresenta como determinantes fatores como o crescimento da desigualdade sócio-econômica (associados aos baixos salários e à perda do poder aquisitivo). E acrescenta,

Esta forma de violência se faz acompanhar da descrença e do afastamento da população em relação às instituições sociais, que não realizam as funções às quais se destinam e, quando o fazem, atuam de modo violento, discriminatório; da ausência de políticas públicas integradas e condizentes com as necessidades da população, na conjuntura atual, em relação às áreas de assistência, educação, saúde, moradia e segurança; da priorização do desenvolvimento econômico (frustrado na década) e endividamento externo, em detrimento do desenvolvimento social e às custas do sacrifício da população em geral, mas, sobretudo, com maior ônus para os pobres; do intenso apelo ao consumo, conflitando com o empobrecimento do país. (p.75)

Segundo Porto (2000), o que estaria ocorrendo hoje no Brasil seria uma ressignificação da violência e que a dificuldade em defini-la é devido ao fato de que sua compreensão tem estreita dependência com os arranjos societários de que emerge.

[...] estes sentidos não podem ser analisados independentemente do campo social em que se inserem. Se muda a natureza do social, mudam, igualmente, as formas de manifestação da violência e de suas significações. (p.194)

Por não ser a violência um fato recente (implicando continuidades), ressalta o novo que caracteriza essa violência, construídas em simultâneo com o que chama de “as novas configurações do social.” Assim, a violência hoje possui contornos distintos de suas formas tradicionais de manifestação, não perdendo, porém, o convívio com estas, mas contribuindo para sua destruição, deslocamento e redefinição.

Tais contornos vinculam-se a duas ordens de fatores. Em primeiro lugar, à questão dos valores. Neste aspecto, fragmentação sociocultural, ausência de uma representação unificada do social, ausência de pontos fixos de referência norteadores de conduta, são expressões de uma fragmentação valorativa, com repercussões, por exemplo, nos processos de construções identitárias. Em seguida, ao modo como a violência, enquanto manifestação das mudanças do mundo contemporâneo, estaria relacionada à questão da legitimidade, das formas como ela é percebida e do conteúdo mesmo da noção de legitimidade. (p.195)

A noção de que a violência deve ser analisada e estudada para uma possível interpretação através de um conceito – se isso é possível -, faz com que os muitos autores que a isso se propõem, admitam as dificuldades em defini-la logo de início pela polissemia do próprio conceito. Corroboram então nesses esforços, que a utilização do termo se dá para denominar grande variedade de situações, múltiplas causas, e fatores; mostrando uma incapacidade de inseri-la nas relações e espaços sociais.

A noção de violência é, por princípio, ambígua. Não existe uma violência, mas multiplicidade de manifestação de atos violentos, cujas significações devem ser analisadas a partir das normas, das condições e dos contextos sociais, variando de um período histórico a outro”. Pode-se ainda considerar a objetividade e a subjetividade da violência. [...] não se afere muito bem o que considerar violento, o que a sociedade decreta ser a violência e, muitas vezes, o que um grupo crê ser violência não é assim considerado por outro”. (WAISELFISZ, p.144-145)

Vasconcelos e Costa (2005), in Paviani, Ferreira e Barreto (orgs.) consideram violência como:

[...] qualquer ação intencional realizada por indivíduo ou grupo, dirigida a outro, que resulte em morte, danos físicos, psicológicos e/ou sociais. Assim, violência é um fenômeno social decorrente de processos macrossociais e das características subjetivas individuais da vítima e do agressor que se articulam e interagem de forma dinâmica. (p.34)

Para Debarbieux (2002), quando se tenta definir violência, aproximando-a de um conceito absoluto com encaixe perfeito entre a palavra e a coisa, é onde se cometem os maiores erros. O mesmo considera uma extrapolação abusiva e anti-científica o uso do termo para descrever fenômenos, que de acordo com o autor, são fatos isolados: agressão física, extorsão, vandalismo, ofensas, empurrões, xingamentos e humilhações.

Sodré (2002), traz uma caracterização da violência por modalidades, sendo a violência anômica (aspectos visíveis de altos índices de criminalidade, ruptura da ordem pela força); a representada (manejada pelo jornalismo e pela indústria do entretenimento); a sociocultural (racismo, discriminação); e a sociopolítica (aparelhos repressivos do Estado).

Bernard Charlot, no prefácio do livro *Cotidiano das escolas: entre violências* (2005), faz algumas distinções conceituais a respeito do fenômeno. A primeira distingue agressividade, conflito, agressão com violência instrumental e agressão como uma forma de violência chamada por ele de “sintomática”; divididos em sintomas psicológicos (na explosão de violência morfinas endógenas são liberadas tendo efeitos similares aos de uma droga); sintomas sociais (ódio porque a pessoa nada tem e se sente abandonada e desprezada por quem tem mais do que ela); e talvez sintomas culturais, pois começa-se a falar em cultura da violência.

Uma segunda distinção, diz respeito à lei (delito, crime), a transgressão à regra de uma instituição e a incivilidade (em que se pode incluir uma forma particular de incivilidade, chamada de *bullying*). Assuntos específicos de polícia e Justiça diferem dos específicos da escola. Por fim, faz uma distinção entre violência “dentro da escola” (invasão para acerto de contas), a violência “na” escola (insultos ao professor, ameaças para conseguir colar a prova) e a violência “da” escola (gerada pela instituição sob formas variadas).

Chauí (1998), utiliza a palavra violência, do latim *vis*, como sendo “tudo que abrange a força para ir contra a natureza de algum ser”, ou ainda “todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém”; incluindo coação, constrangimento, tortura, brutalizações, violações e abusos físico-psíquicos contra alguém.

Zaluar (1999), também recorre à origem da palavra em latim sendo força, vigor, emprego da força física ou os recursos do corpo em exercer tal força, afirmando que a mesma passa a ser considerada como violenta a partir do momento em que os limites, socialmente estabelecidos através de acordos e regras de relações, são ultrapassados.

Costa (2006), ao falar do tratamento dado à violência, vai além do instinto ou do biológico, entendendo-a como resultado da dinâmica social. Para a autora, a violência pode se tornar um dos elementos da própria cultura a partir do momento em que circula sem o devido controle dentro de uma determinada sociedade,

produzindo não só sociedades e Estados desestruturados, mas também alterando condutas e personalidades dos indivíduos envolvidos.

Abramovay (2002), utiliza-se de vários conceitos ao tratar da violência, passando desde a intervenção física indo contra a integridade de outrem ou contra si mesmo; pela forma de violência simbólica onde o abuso do poder se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade; até os relatos de violências cotidianas como violência verbal, humilhações e exclusões sociais vividas e sentidas em nossa sociedade.

Em estudo mais recente, Abramoway (2009) traz duas linhas de conceituação da violência. Uma onde o conceito é abordado de forma mais limitada, associando-o ao seu núcleo duro ou à violência física mais grave (homicídio e estupro – ou suas tentativas-, danos físicos graves e assalto a mão armada), ou como a própria autora chama, as “violências duras”. Mas essa linha ocasiona uma redução do fenômeno ao não levar em consideração a interpretação que um indivíduo ou grupo social pode ter dos mesmos. A outra linha, numa abordagem mais ampla do termo, passa a considerar os envolvidos, ou melhor, a violência é caracterizada pelo não reconhecimento do outro como sujeito (passam a ser consideradas como atitudes violentas as incivildades, agressões verbais, humilhações e violência simbólica).

Atribui ainda às ações e tensões violentas a classificação em três tipos de violências: violência dura (atos presentes nos códigos penais como lesão corporal, ameaças, roubo, furto, tráfico de drogas etc.), microviolências ou incivildades (vão de encontro às regras da boa convivência, como as desordens, grosserias, etc.) e violência simbólica, já abordada anteriormente nas idéias de Bourdieu. Mas alerta que,

Nas interações sociais, podem se misturar ou, dependendo do contexto, algo definido como pertencente a uma categoria pode ser interpretado como parte de outra. As violências se entrelaçam e mudam de significado de acordo com o processo social. Isto não significa uma imprecisão conceitual. Ao contrário, revela a complexidade do tema, sua fluidez na vida cotidiana e o quanto é difícil enquadrá-lo. (p. 21-22)

A partir dos conceitos, ou tentativas de se conceituar violência, percebe-se que podemos encontrar núcleos de análises comuns e ao mesmo tempo distintos. São consideradas as diversas manifestações e situações, porém a maioria dos

autores de comum acordo atribuem as características da violência à fatores relacionados à época e contextos sociais os quais estão inseridos, assumindo novas configurações a cada indivíduo ou ambiente que se faz presente. Defendem a utilização do termo de forma adequada para uma superação de aparência rotineira de atos, evitando erros ao tentar definir violência (Odalía (1983); Da Matta (1982); Porto (2000); Debarbieux (2002); Abramovay (2009)); relacionam violência e força (Chauí (1998); Zaluar (1999)) numa relação de interdependência; associam violência à criminalidade (Soares(2000); Sodré (2002); Charlot (2005)) sendo necessárias políticas públicas de segurança, e porque não de saúde (Minayo, 1993), e combate a essa criminalidade para dar tratamento ao fenômeno.

A utilização de diversos autores com suas contribuições teóricas, se fez no intuito de situar, em determinado espaço de tempo, como a violência vem sendo abordada pelos mesmos, corroborando com a idéia inicial de que a grande dificuldade encontrada por quem se aventura nos estudos acerca desse fenômeno é a de chegar a uma definição comum; se é que tal feito é possível, pois como já visto, o período, época e principalmente o sujeito é quem vão determinar o que é ou deixa de ser violência. Mas entre aqueles que concordam ou diferem em suas visões conceituais, vale destacar que os estudos de Abramovay (2009) foram os que melhor atenderam as expectativas em termos de operacionalização do conceito de violência, em conformidade com o objeto de estudo proposto.

Porém, não é apenas no conceito de violência que devemos fazer considerações; pois existe, dentro dos estudos do fenômeno, a falta de indicadores para relacionar volume e densidade da violência (quantificação do fenômeno), sendo utilizado para tal a taxa de homicídios. Percebe-se que uma das razões de não encontrarmos indicadores que respondam ao esperado, está no fato de o próprio conceito da violência abarcar um leque de possibilidades e interpretações do que possa caracterizar o ato.

1.2 Indicadores de violência

Percebe-se que ao se tratar de violência, em especial no ambiente escolar, não se tem um indicador que defina se aquela instituição é ou não violenta, em que grau ou nível (se é que tal indicador é possível de se construir); diferentemente da

violência considerada em um contexto geral, que faz uso de taxas, ocorrências e outros índices para caracterizar o fenômeno.

No estudo realizado em Brasília, Waiselfisz (1998) faz uso da taxa de homicídios para caracterizar a violência, diferenciando-a em três cenários:

1. Entre 0,5 e 5 homicídios em cada 100.000 habitantes – estratégias de prevenção e repressão eficazes com poucos riscos aos indivíduos, predominando a segurança, a ordem e a confiança nos mecanismos de controle e prevenção institucional (NORMAL)
2. De 5 a 10 homicídios – estratégias parcialmente eficazes com riscos e perigos de violência, questionando-se o que deveria ser feito e o que se está fazendo. (ULTRAPASSA O NORMAL)
3. Acima de 10 homicídios – perda de eficácia no controle e repressão pela saturação da frequência de situações violentas. (EPIDÊMICO)

O autor também faz uma identificação das características da comunidade e da família que identificavam certa probabilidade no ingresso dos jovens em atos de violência: disponibilidade de armas, cultura criminosa, desorganização da vizinhança e áreas de privação no que diz respeito à comunidade; e deficiências, limitações, conflitos e envolvimento em atos violentos ou criminosos quando da família. Fatores de risco, considerados pelo autor, para que a violência atinja a escola são o fracasso escolar e os comportamentos problemáticos.

Vasconcelos e Costa (2005) apud Paviani, Ferreira e Barreto (orgs.) admitem que o aprofundamento no conhecimento das causas da violência ou de como preveni-la só é feito atualmente com base nessas estatísticas de mortalidade; o que evidencia somente uma pequena parte do fenômeno, permitindo mesmo assim se fazer uma análise de sua extensão, evolução e características sociodemográficas das vítimas. Seu estudo faz uma divisão territorial da violência, trazendo também alguns indicadores como: PRECARIEDADE (moradia, pobreza, infra-estrutura...), PROVISORIEDADE (população recente e sem organização) e VULNERABILIDADE (escolaridade, mortalidade, renda, segurança, trabalho...)

O que se percebe é que quando se leva em conta o indicador de número de homicídios, acaba-se por fazer uma caracterização equivocada, taxativa e no mínimo criadora de rótulos dos que fazem parte ou não do fenômeno. Prova disso é a constatação das regiões mais violentas, que indicavam na população mais pobre o foco do assunto, gerando a afirmativa duvidosa de que regiões e populações menos

favorecidas, necessariamente são mais violentas. Ao mesmo tempo em que autores defendem essa tese de vinculação “pobreza e violência”, alguns a consideram infundada, citando inclusive dados de regiões nordestinas onde a precariedade de condições de sobrevivência em nada se relacionava com o fenômeno; apresentando em contrapartida regiões desenvolvidas com número elevado de ocorrências.

A relação entre urbanização, pobreza/marginalidade, criminalidade e violência, feita de forma estreita e direta é considerada falha por grande parte dos autores, pois apresenta como um dos motivos que as favelas e periferias são os únicos locais em que são realizados tais estudos, o que acaba por concentrar o foco nas áreas pobres, gerando assim tal associação.

Segundo Misse (2008), nos discursos sobre o tema da violência no Brasil, a localização da causa principal oscila entre dois pólos justificativos: de um lado a questão da impunidade dos criminosos pelo sistema policial e judicial; do outro a pobreza, a desigualdade, a miséria, ou simplesmente a privação relativa, que justificariam estratégias ilegais de sobrevivência de setores desses segmentos econômica e socialmente excluídos. Possuindo também argumentos críticos no sentido penal, penitenciário. Percebe-se nos discursos a necessidade de relacionar violência com criminalidade, que por sua vez se faz através de suas causas. A miséria e a pobreza como causas do crime. Controla-se os pobres por não ter como acabar com a pobreza, reforçando a correlação entre pobreza e crime, e por consequência a violência.

Zaluar (2002), é uma das autoras que discorda e acha infundada a tese que relaciona diretamente pobreza/miséria e criminalidade, apresentando estudos onde os estados mais produtivos e mais ricos apresentaram mais mortes violentas do que os estados mais pobres que ficaram em último lugar nas estatísticas. Tal justificativa, segundo a autora, serve para desviar a atenção daqueles que deveriam estar sendo controlados e o fruto dessa redução seria o aumento da pobreza e do sofrimento dos pobres, na medida em que impede seu acesso aos serviços e instituições do Estado.

[...] a idéia de que a pobreza gera crime e violência, tanto no discurso que faz desta idéia a justificativa para a repressão violenta às classes populares, quanto para os que a utilizam na retórica de defesa da política social voltada para o atendimento aos setores mais pobres da população. Ambos os discursos se sustentam na idéia do perigo aliado à pobreza, ou no conceito de classes perigosas, para fazer dos pobres o foco de uma intervenção estatal montada na ameaça da suposta violência deles. (ZALUAR, 1992. P.42)

Velho (1996), é outro autor que sustenta a idéia da não-relação entre pobreza e criminalidade, admitindo que “a pobreza tomada isoladamente não explica a perda de referenciais éticos que sustentam as interações entre grupos e indivíduos.” (p.15-16). Considera que a desigualdade social é apenas uma das variáveis para se compreender a crescente violência da sociedade brasileira, dando especial ênfase ao individualismo presente na contemporaneidade.

A ausência de um sistema de reciprocidade, minimamente eficaz, se expressa em uma desigualdade associada e produtora de violência. A impossibilidade de acesso da grande maioria das camadas populares a bens e valores largamente publicizados, através da mídia e da cultura de massas em geral, acirra a tensão e o ódio sociais. [...]a natureza do individualismo na sociedade brasileira vem assumindo características tais que a tornam palco de um capitalismo voraz com uma dimensão selvagem, relegando a segundo plano as referidas preocupações com equidade e reforma social. (p.19)

Mas em se tratando de escola, como se traduzir a violência através de um indicador, diante dessa dinamicidade do fenômeno também dentro das escolas. Waiselfisz apud Abramovay (2009), a partir de indicadores utilizados nos instrumentos de pesquisa qualitativa, apresenta uma escala de violência escolar, onde são agregadas uma série de manifestações violentas, em um levantamento de incidentes ocorridos entre os anos de 2006 e 2008. Apesar de representativa, evidencia uma homogeneidade na pontuação da escala de violência existente entre Regionais de Ensino e uma heterogeneidade dentro de cada Regional.

Em outras palavras, ao considerar as Regionais de Ensino, as práticas de violência se mostram presentes, sem muita diferenciação em todas elas; porém dentro de uma mesma Regional, existiram escolas com níveis baixos de práticas e outras com níveis elevados. Tais indicadores podem nortear as políticas de convivência escolar de cada Regional, assim como possibilitam um trabalho específico em determinada escola.

Percebe-se uma infinidade de conceitos e abordagens atribuídos ao fenômeno e sua presença no ambiente escolar torna-se cada vez mais objeto de estudo; mas assim como o conceito em si, sua abordagem dentro desta instituição também se faz de formas diversificadas, ultrapassando seus muros numa relação família e comunidade. Nessa relação, algumas observações devem ser consideradas para que nenhuma das partes passe a exercer o papel da outra, criando assim um choque de informações e responsabilidades.

1.3 Violência e Estabelecimentos Sociais: as instituições

Goffman (2007), aborda os estabelecimentos sociais ou instituições, como locais em que ocorre atividade de determinado tipo e, ao discutir o seu papel, nos traz a idéia de fechamento, feito através de proibições ou impossibilidades à saída, simbolizado pela barreira entre relação social e mundo externo; proporcionados muitas vezes pela estrutura física (portas fechadas, paredes altas, muros, arame farpado). Tem-se então formado um determinado ambiente onde se articulam vínculos estabelecidos, valores, normas, interdições e incentivos.

Tais instituições passam a controlar a conduta humana e estabelecem padrões definidos previamente em uma única direção, possuindo uma divisão básica entre um grande grupo controlado e uma pequena equipe de supervisores. Estereótipos são concebidos entre os grupos numa visão de desconfiança, arbitrariedade, superioridade, inferioridade, fraqueza, censura e culpa. Casas de apoio, sanatórios, cadeias, penitenciárias, quartéis, conventos e escolas são exemplos dessas.

Foucault (2007), ao falar de instituições numa perspectiva microsocial, aborda aspectos referentes à disciplina, onde o corpo encontra-se preso e na imposição de limitações, proibições e obrigações. Além das prisões e quartéis dedica algumas partes de sua obra ao âmbito escolar, fazendo considerações que são válidas ainda na atualidade. Corpos submissos e dóceis que ao mesmo tempo em que aumentam suas forças (em termos econômicos de utilidade) as têm também diminuídas (em termos políticos de obediência). “Cada indivíduo no seu lugar, e em cada lugar, um indivíduo” (p.123), traduz bem essa noção de espaços e localizações, onde se destaca também o papel das filas diversificadas em suas formações por idade, desempenho, comportamento e seus lugares.

Haverá em todas as salas de aula lugares determinados para todos os escolares de todas as classes, de maneira que todos os da mesma classe sejam colocados num mesmo lugar e sempre fixo. Os escolares das lições mais adiantadas serão colocados nos bancos mais próximos da parede e em seguida os outros segundo a ordem das lições avançando para o meio da sala[...] Cada um dos alunos terá seu lugar marcado e nenhum o deixará nem trocará sem a ordem e o consentimento do inspetor das escolas. [Será preciso fazer com que] aqueles cujos pais são negligentes e têm piolhos fiquem separados do que são limpos e não os têm; que um escolar leviano e distraído seja colocado entre dois bem comportados e ajuizados, que o libertino ou fique sozinho ou entre dois piedosos. (p. 126)

O uso de sinais para disciplinar os alunos era tido como aprendizado fundamental, e os ensinamentos eram feitos com poucas palavras, nenhuma explicação e o máximo de silêncio, interrompido apenas por tais sinais. O poder de disciplinar teria como função maior adestrar.

Feita a oração, o mestre dará uma pancada de sinal, olhando a criança que quer mandar ler, lhe fará sinal de começar. Para fazer parar o que está lendo, dará uma pancada de sinal... Para fazer sinal ao que está lendo de se corrigir, quando pronunciar mal uma letra, uma sílaba ou uma palavra, dará duas pancadas sucessivamente e seguidas. Se, após se ter corrigido, ele não recomeçar na palavra que começou mal, porque leu várias depois dela, o mestre dará três pancadas sucessivamente uma em seguida da outra para lhe fazer sinal de recuar de algumas palavras e continuará a fazer esse sinal, até o escolar chegar a sílaba ou à palavra que pronunciou mal. (p.140)

Em nada se distingue tal afirmação acima, quando comparamos o uso do sinal e do adestramento nas aulas de Educação Física; onde o apito do “treinador” conduz o ritmo da tarefa a ser executada, serve para reunir quando a dispersão se faz grande, chama a atenção quando foge do que foi pré-estabelecido e anuncia o fim de mais uma aula.

Com os mecanismos de vigilância obtendo cada vez mais eficácia, surge a idéia de um aparelho disciplinar perfeito, onde um ponto central seria ao mesmo tempo um olho a que nada escapa e um centro em direção ao qual todos os olhares convergem. Vigiar torna-se uma função definida com pessoal especializado. Surge um novo mecanismo de poder: o panóptico. Tal mecanismo no interior das escolas apresenta-se na atualidade através da presença e vigilância do coordenador disciplinar, supervisor ou diretor; e permito ir mais além, através do sistema de câmeras instaladas nos corredores, pátios e salas de aula.

As repressões através da punição iam do castigo físico leve a privações ligeiras e pequenas humilhações. A idéia de como os comportamentos que ameaçavam a ordem eram tratados fica claro quando,

Pela palavra punição, deve-se compreender tudo o que é capaz de fazer as crianças sentir a falta que cometeram, tudo o que é capaz de humilhá-las, de confundi-las: ...uma certa frieza, uma certa indiferença, uma pergunta, uma humilhação, uma destituição de posto. (p.149)

Foucault (2007) também nos remete ao sentido das punições quando considera os exames escolares como um combinado de técnicas de vigilância e sanção, permitindo qualificar, classificar e punir. Uma cerimônia de poder e

demonstração de força, ou como diz o autor “a superposição das relações de poder e das de saber assumem no exame todo o seu brilho visível” (p.154).

Guimarães (2006), afirma que a escola, como qualquer outra instituição, prima por uma homogeneização realizada através de mecanismos disciplinares. São controlados o tempo, o espaço, o movimento, os gestos e atitudes daqueles que se fazem presente neste ambiente. Existe um choque entre as leis e normas e os grupos que estabelecem relações; sendo assim, além da violência ocorrida na sociedade, a própria escola produz sua violência, causando assim uma tensão entre forças antagônicas. A imposição da disciplina sem considerar os espaços, os tempos e as relações, gera uma reação que fatalmente explode em episódios de violência.

As relações entre as instituições e as manifestações de violência abordadas pelos autores definem bem o trajeto percorrido servindo como base para sua contextualização, possuindo a seguir outras considerações específicas de como tal fenômeno vem se apropriando cada vez mais do ambiente escolar.

CAPÍTULO 2 - Violência e Escola

O papel que a escola desempenha na vida dos jovens mudou radicalmente, se transformando em um dos mais importantes (se não o único) agentes do processo de socialização. Isso se deve, às mudanças que ocorreram na composição das famílias, entrada das mulheres no mercado de trabalho, e uma diversidade de fatores. A essa característica associa-se a redução do contato que crianças e jovens têm com adultos responsáveis, não oportunizando aos pais que exerçam seu papel como modelos para padrões de comportamento, valores, crenças e atitudes. Assim, a escola passou a ter outras responsabilidades além daquela de prover os conteúdos educacionais tradicionais.

Objeto em constante construção, os estudos sobre violência no ambiente escolar geram discussões e criam divergência entre pesquisadores, assim como acontece na busca de uma conceituação do fenômeno da violência, encontrando também inúmeros tipos de situações envolvidas, podendo correr o risco de passar a criminalizar e estigmatizar padrões de comportamento comuns no ambiente escolar ou até mesmo deixarmos de considerar outros que ali se compõem.

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade. (ADORNO, 2000 – p.155)

A violência nas escolas não pode então ser tratada como um novo problema, mas deve-se considerar as novas formas em que se manifesta, assim como as particularidades de determinados contextos envolvidos.

Possui, segundo Ruotti (2006), causas externas à escola (sexismo, racismo, conflitos regionais, estrutura familiar dos alunos, influência da mídia, características do ambiente onde a escola está inserida) e causas internas (idade e nível de

escolaridade; regras, disciplina e o sistema de punições; indiferença dos professores frente aos casos de violência, a má qualidade do ensino, carência de recursos humanos e financeiros e a relação de autoridade entre professores e alunos). (p. 28)

A escola passa a ser vista como um ambiente que concentra conflitos e práticas de violência; um período de crise da educação onde seu papel já não está mais tão claro e não há mais sentido para os alunos frequentarem um espaço percebido muitas vezes como desagradável e excludente. (p.26)

Debarbieux apud Abramovay (2002), associa tal violência a três dimensões socioorganizacionais distintas que são: a degradação no ambiente escolar e suas estruturas deficientes devido à grande dificuldade de gestão; a violência que se origina de fora para dentro das escolas, e manifesta-se por intermédio da penetração das gangues, do tráfico de drogas e da exclusão social na comunidade escolar; e por último as características internas das escolas e suas especificidades.

Charlot apud Abramovay (2002) trata a violência como fenômenos heterogêneos, difíceis de delimitar e de ordenar, e também considera o tema de difícil tratamento, pois desestrutura as representações sociais que têm valor fundador: a infância como inocência, a escola como refúgio de paz e a da própria sociedade pacificada no regime democrático. O mesmo considera que o que é caracterizado como violência varia em função do estabelecimento escolar, do status de quem fala (professores, diretores, alunos...), da idade e, provavelmente, do sexo.

Os estudos de Sposito (2001), trazem grande contribuição ao tema, relatando o início de seu debate no Brasil durante a década de 1980 e os motivos que levaram a tal. Numa época em que todas as classes cobravam por segurança, as escolas passam a ter visibilidade a partir de denúncias feitas sobre suas condições precárias nessas regiões. Passa-se a ter a percepção da violência a partir das depredações das instalações e da invasão do espaço escolar por pessoas sem vínculo com a instituição, predominando a idéia de que a escola precisava ser protegida de elementos estranhos, daí a adoção de esquemas de proteção ao patrimônio, como reforço do policiamento, implementação dos serviços de zeladoria e incrementos na estrutura física, como muros e grades. As medidas punitivas passam a ser cada vez mais rigorosas para os fatos mais violentos.

De acordo com Sposito (ibidem), nesse contexto algumas abordagens foram evitadas por especialistas e contestadas. Uma delas em que a escola é apresentada como vítima da violência exterior (relação entre os problemas da escola e a pobreza

e violência das comunidades a sua volta ou a relação entre alunos e grupos organizados do crime que atuam nas dependências da escola). Segundo essa abordagem, os principais problemas não seriam produzidos no interior das escolas, mas trazidos do ambiente externo e, portanto fora do controle dos representantes da instituição. O que a autora considera, é que com isso responsabiliza-se o outro, ocultando-se o lugar da instituição (o que seria conveniente à ela) na produção dessa violência. Afirma que a escola deve assumir o seu papel, mas que não é a única responsável pela violência que a envolve.

Outro ponto importante abordado, diz respeito ao que chamou de “mercantilização da violência”, sendo tratada como produto comercial de acessórios e equipamentos.

[...] mochilas de vinil que permitem visualizar seu conteúdo, softwares sobre planejamento de crises que envolvem o ambiente escolar, manuais de prevenção e programas de treinamento de professores que geram emprego a consultores de “segurança escolar”, e equipamentos de segurança como aparelhos de raios X, detectores de metais, circuitos de câmeras e travas magnéticas, literaturas especializadas sobre “fatores de risco[...]” (p. 38-39)

Aquino (1998), ressalta as duas vertentes presentes no meio educacional na análise da violência presente no cotidiano escolar: uma de cunho “sociologizante”, onde a violência teria raízes externas às práticas escolares, como nos contextos político, econômico e cultural; a outra de cunho “psicologizante”, em que os eventos conflituosos estariam relacionados à estruturação psíquica dos agentes envolvidos em eventos conflituosos.

Nas duas vertentes os problemas são atribuídos mais a questões anteriores e/ou externas a escola, do que às práticas institucionais realizadas por ela, restando um sentimento de impotência diante das situações ocorridas. Sendo assim, pensa que “a violência na escola só pode ser pensada se o sujeito envolvido estiver situado num complexo de lugares e relações pontuais, ou seja, institucionalizada.” E complementa: “é necessário situá-la nas relações institucionais da escola e não em seus atores de forma individualizada.” (p. 08)

São associados a essas análises, as constatações da perda de funções da família e a transferência dessas funções para instituições socialmente especializadas (partidos políticos, sistemas educacionais, instituições econômicas etc.), em especial a instituição escolar, responsável por várias funções e tarefas que lhe foram atribuídas ao longo dos tempos. Dentre essas funções, a transmissão às

novas gerações do saber acumulado e sistematizado; transformação do indivíduo em cidadão participativo na vida societária; preparação para o trabalho e formação moral e ética para um convívio social. A ação escolar seria assim marcada por uma espécie de “reprodução” de outros contextos institucionais (a política, a economia, a família, a mídia etc.), que se fariam refletir no interior das relações escolares.

Guimaraes (1996), à respeito de reprodução nos traz a seguinte afirmação:

A instituição escolar não pode ser vista apenas como reprodutora das experiências de opressão, de violência, de conflitos, advindas do plano macroestrutural. É importante argumentar que, apesar dos mecanismos de reprodução social e cultural, as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina. (p. 77).

“A escola é um dos alvos preferidos, pois contraria todos os seus pressupostos; isto é, se diz democrática, mas não o é; diz que prepara para a vida, mas não o faz; é lugar de novo, mas propaga o velho”. (ibidem, p. 25)

A mesma nos traz a idéia de que a violência primeira parte da própria escola e que a depredação expressa tanto uma forma de contestação, como uma maneira que a administração encontra para neutralizar as ações que visam críticas à escola. Questiona-se o papel instrumental da escola que preocupa-se muito em preparar o jovem para o “êxito profissional”, e pouco em abrir espaços para compromissos sociais e em estimular uma visão crítica dos valores da modernidade. Conseqüência disso é que os jovens consideram a escola alienada de suas experiências de vida e uma obrigação, uma fatalidade. Criticam o ensino por não desenvolver temas fora do conteúdo programático, os professores pela ausência, autoritarismo e falta de respeito e os estabelecimentos precários.

Constata-se aqui o que Bourdieu (1998) chamou de violência simbólica:

[...] é todo poder que consegue impor significações e impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que são o fundamento da sua força ... toda ação de violência simbólica que consegue impor-se, supõe objetivamente uma delegação de autoridade [...] essas ações simbólicas não podem exercer-se senão na medida e na medida somente em que elas encontram e reforçam predisposições (as relações entre um jornal e seu público.”

As relações de poder decorrem da produção e reprodução dos sistemas, os quais são, por sua vez, fundamento prático dos grupos e das sociedades. Recorre o poder de manipular e criar opiniões aos meios modernos de difusão. Tal violência atenta contra a integridade moral e cultural do homem, quando o autoritarismo

cultural se expressa. É uma violência que se exerce com a cumplicidade dos que a sofrem e também, com freqüência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la.

Todo poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força. (BOURDIEU e PASSERON, 1975. P. 19)

Ao falar sobre a reprodução nos sistemas de ensino, Bourdieu e Passeron (1975), argumentam que toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural, dotado de um sistema de agentes convocados com a finalidade de reproduzir o arbitrário cultural das classes dominantes ou das classes dominadas, impondo e inculcando certas significações. O trabalho pedagógico teria sempre uma função de reprodução da estrutura das relações de força entre os grupos ou as classes, impondo aos membros dos grupos ou classes dominados o reconhecimento da legitimidade da cultura dominante.

2.1 Polícia e Escola

Com a violência cada vez mais se apropriando do cenário escolar, um novo ator foi colocado em cena, tendo sua atuação despertado o debate e o confronto de opiniões que devem ser consideradas para compor tal cenário. A parceria entre escola e polícia, vem ganhando força e acalorando o debate sobre o tratamento que é dado à violência nas escolas. O que se coloca em questão é o fato da violência ser considerada um problema policial ou pedagógico.

Muito desse questionamento que é feito diante da presença cada vez mais constante da polícia nas escolas, se dá pela incredibilidade que tal instituição possui. A polícia brasileira adquiriu ao longo dos tempos uma fama que a leva ao descrédito, fruto de constantes episódios de corrupção e da própria violência que deixam uma imagem difícil de apagar em um curto prazo. É percebida uma crescente no número de campanhas publicitárias no intuito de restaurar a imagem da polícia e do policial, divulgando-se uma polícia cidadã, a serviço do bem público.

Justificada, ou ao menos tentando justificar, por baixos salários, insegurança e condições precárias de trabalho, essa imagem é confrontada com o ambiente

escolar e o resultado disso tem gerado polêmica entre os envolvidos direta ou indiretamente no fenômeno da violência.

Cada vez mais nos é passada a noção de que é preciso mais polícia e policias para o enfrentamento da violência que toma conta das escolas, deixando assim de ser tratada por vertentes pedagógicas e assumida como problema específico de segurança pública. Não se pretende aqui criticar a parceria polícia e escola, mas sim despertar um olhar acerca de como vem sendo feita tal intervenção, muitas vezes de forma repressiva e punitiva, ocorrendo assim uma substituição do pedagógico pelo uso da força. O que se coloca em questão é que, cada vez mais, as propostas surgidas para o tratamento da violência dentro das instituições escolares, são centradas exclusivamente na ação policial.

Provável que essa necessidade urgente por intervenção policial, se dê pelo fato da invasão cada vez maior de problemas antes não pertencentes, ou tão evidentes, ao recinto escolar. Aumentam os casos de gangues que transferiram para escola o seu local de acertos de contas e rivalidades de domínios de áreas, assim como o tráfico de drogas que vem ditando um novo pensar sobre a necessidade dessa intervenção. O clima de medo e insegurança que se instala na comunidade escolar resulta na presença cada vez maior do aparato policial.

Enquanto fenômeno social e histórico, a violência deve ser objeto de estudo e reflexão da escola, e parte dessa reflexão passa pela interpretação dada à presença da polícia no seu interior. Não estaríamos “passando a bola” de um problema que por sua vez pode ter se iniciado pelo próprio tratamento que a escola dá para seus alunos? Perdemos nossa capacidade de reflexão, ou encontramos na repressão a solução? Despreparo ou desespero?

2.1.2 O Batalhão Escolar

Baseado na necessidade da oferta por escolas com maior tranquilidade que garantissem segurança à comunidade escolar, tendo como idéia um policiamento que fosse exclusivo para as escolas, é dado início às discussões sobre a relação do fenômeno da violência com os ambientes escolares.

Em setembro de 1988, a partir de uma reunião entre a Polícia Militar (PM) com membros da antiga Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF), o que corresponde hoje à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF),

é criado o Batalhão Escolar. Com essa proposta de implantação do policiamento escolar, a PM começa a formar policiais para atuarem nas escolas do Distrito Federal.

Infelizmente, fator determinante para sua criação foi a morte da menina DILZA, durante a saída das aulas em um colégio no Gama, em novembro desse mesmo ano. A partir do Decreto nº 11.958 de novembro de 1989, cria-se então o 6º Batalhão de Polícia Militar – Batalhão Escolar do Distrito Federal, tendo a atribuição de executar o policiamento ostensivo, encarregando-se da segurança dos estabelecimentos de ensino localizados nas regiões administrativas.

Mas para garantir tal segurança, prevista no art. 4º do Decreto acima citado, o Batalhão Escolar dispõe de operações policiais que se aplicam assim que é verificada uma situação atual ou iminente de violência no ambiente escolar. De caráter preventivo, visa evitar que fatos graves ocorram dentro dos estabelecimentos de ensino, apesar da realidade mostrar que sua atuação se dá, na maioria das vezes, não de forma preventiva e sim repressiva; fato esse justificado por alguns policiais na falta de contingente efetivo.

Como exemplo, um efetivo pequeno é destinado a cobrir as regiões administrativas do Gama, Recanto das Emas e Santa Maria, comprovando a perda do caráter preventivo e prevalecendo o caráter repressivo. Sua atuação acontece quando já ocorrido algum incidente, quase não se fazendo presente da forma preventiva como rege o decreto de sua criação.

Muito desse caráter repressor, se dá por “culpa” dos estabelecimentos de ensino, que se vêem confundidos com a idéia da polícia fazendo parte do cotidiano da escola. Quando admitem a presença de aparato policial em suas dependências, assim o fazem pois já perderam o controle da situação e a prevenção cede lugar à repressão. Isso é fruto do pensamento anteriormente abordado, que traz a imagem de uma polícia corrupta e violenta, a qual não poderia assim fazer parte de um lugar que prima educação e formação e que luta cada vez mais contra esse cenário de violência do qual é ao mesmo tempo ator e expectador.

Para efeito de registro, as operações realizadas pelo Batalhão Escolar, e que dão a noção de prevenção e repressão e quando age cada uma, são a VARREDURA, a ESCOLA LIVRE, a FISCALIZAÇÃO DE TRANSPORTE ESCOLAR, o BLOQUEIO ESCOLAR, a BLITZ ESCOLAR e a VOLTA ÀS AULAS; obtidas de acordo com a solicitação das direções das escolas, autoridade pública competente

(Gerente Regional de Ensino, Promotor de Justiça, etc.), ou por iniciativa do próprio Batalhão Escolar. Vale lembrar que na iniciativa do Batalhão Escolar, as operações e todo procedimento policial adotado devem ser autorizados pela direção da escola, sempre acompanhados pelos diretores ou seus representantes.

De acordo com informações do Batalhão Escolar, a Varredura consiste na revista aos alunos, com detectores de metais, no interior das salas de aula; a Escola Livre também é uma operação de revista, porém realizada na entrada da escola, visando apreender e reprimir o uso de armas de fogo e inibir a ocorrência de outros tipos ilícitos. A Fiscalização de Transporte Escolar é uma abordagem realizada em ônibus e vans escolares nas vias públicas que dão acesso à escola. O Bloqueio Escolar, executado quando se detecta uma situação mais crítica, consiste em uma busca geral em locais de concentração de pessoas no perímetro escolar; tendo na Blitz Escolar a realização simultânea do somatório das operações Escola Livre, Varredura e Bloqueio Escolar, onde se é realizada a busca e revistas tanto no interior da escola quanto em seu perímetro externo. Por fim, a operação Volta às aulas, é uma ação conjunta de todas as outras operações, diferenciado pela orientação à comunidade escolar quanto à atenção aos aspectos da segurança após um longo período de férias.

Atualmente, seu benefício se estende a alunos, professores, funcionários e moradores das áreas próximas às escolas.

2.2 A educação do corpo nas escolas

A escola, enquanto instituição que sofre os efeitos do modernismo, traz consigo formas muito peculiares de tratar o corpo, modelando-o de acordo com determinados interesses formativos, e porque não deformativos. Percebe-se dentro dela um constante esforço de negação do corpo nas práticas corporais, podendo ser percebido através de um controle intenso sobre toda e qualquer ação de alunos, professores ou funcionários; fomentado desde o início da vida estudantil por um poderoso código coercitivo de regras e punições.

[...]cotidianamente percebemos que as manifestações corporais, assim como outras, continuam sendo reguladas de tal modo que permaneçam sob o controle intenso de certas convenções, o que representa a supressão do próprio prazer, que acaba sendo substituído pela realização de

falsos prazeres. Dessa maneira, são aceitas somente práticas que promovem o ajuste social e/ou que servem como elemento de catarse para eliminação daquilo que é dispensável socialmente. (OLIVEIRA, 2006. P.59-60)

Ao aluno, resta identificar e aprender as várias regras que compõem esse sistema e que desenvolvem um auto-controle sobre suas ações no âmbito escolar; pois fugindo dessas regras, as sanções serão aplicadas. É feita então uma distinção entre alunos, exaltando os conformados e repudiando aqueles que não se adéquam e insistem em desafiar as normas estabelecidas (um bom exemplo disso são as estratégias de divulgação de alunos destaque, tanto exaltados nos murais da escola, quanto homenageados em público – comporte-se de tal maneira ou não fuja das regras e será exaltado).

Para aqueles que desafiam as regras, os dispositivos de repressão são imediatamente acionados através da ameaça até de forma direta ao corpo. Mas como salienta Oliveira 2006, “os efeitos daquilo que foi reprimido não deixam de existir, pois ficam retidos e acabam voltando em uma intensidade ainda maior, não raro, na forma de ira e violência” e “acabam transformando-se em desprezo pelos estudos, aversão às regras que regem a organização escolar, ira contra professores, funcionários e colegas etc.” (p.61)

Segundo o autor a violência pode significar a denúncia da própria dominação, mesmo que não realizada de forma refletida e consciente, ou nas palavras de Adorno (2000), “quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir” (p.128)

Soares (2009) ao falar das privações e proibições impostas pela escola afirma que,

“A criança reage de forma a reafirmar seu corpo, seu pensar, mesmo que isto se apresente de forma violenta, em atitudes desrespeitosas com professores, direção e a própria escola. [...], como se o seu agir violento não fosse um pedido de socorro, um grito desesperado de quem perdeu o seu maior bem ao entrar na escola: o seu corpo.” (p.29)

Sendo assim, àquele que pretende analisar tal fenômeno, é preciso uma reflexão sobre as interações não só entre alunos como dos próprios docentes, onde ambos são agentes de práticas agressivas e/ou violentas, pois “...sejam eles professores ou alunos, na medida em que agridem cegamente e cegamente se

defendem, perseguidores e vítimas pertencem ao mesmo circuito funesto.” (Adorno, p.63)

Não raras as vezes em que a punição é utilizada para não se perder a ordem estabelecida, e para isso, regras são impostas. Cabe à escola identificar e tornar pública a situação para que sirva de exemplo para aqueles que tentarem perturbar a ordem; não havendo possibilidade de discussão ou diálogo, pois o medo de que ao quebrar determinadas regras sem ter a devida punição, suas estruturas de poder sejam abaladas.

Em se tratando de corpo na Educação Física, considerações também devem ser feitas acerca do tratamento desferido durante as aulas. Em palestra proferida por Bernard Charlot durante abertura do curso “Juventude, Diversidade e Convivência Escolar” aos professores da Secretaria de Educação do Distrito Federal no mês de abril de 2010; uma fala me chamou atenção. Quando questionado por um professor sobre sua visão de corpo, e como esse estava sendo tratado nas escolas, sua resposta a princípio causou-me certa inquietação. De acordo com o mesmo, o grande equívoco dos professores de Educação Física era tentar buscar igualdade com outras disciplinas, acreditando que o seu reconhecimento só se dará dessa forma.

Para Charlot, os benefícios da Educação Física ultrapassam o de qualquer outra disciplina, que segue um aparato capaz de “deformar” as crianças. O corpo, segundo ele aprisionado na sala de aula pelos demais professores, em nada se compara com o corpo que se expressa nas aulas de Educação Física. Uma disciplina que foge dos moldes tradicionais da educação em que pouca coisa mudou, oferecendo algo a mais; não pode legitimar-se através desse argumento de igualdade com as demais. Feito isso perderemos o que a mais nos é proporcionado e que vem sendo conquistado durante tempos.

Mas será que esse corpo também sofre o controle e a punição no campo da Educação Física? E os professores, assim também o fazem ou proporcionam uma prática que possibilite a esse corpo se manifestar de forma consciente e autônoma, considerando a bagagem cultural que traz?

2.3 Educação Física e manifestações da violência

Alguns estudos relacionam o fenômeno da violência com a Educação Física Escolar, e os exemplos de fatos ocorridos no interior da escola nos remetem ao pensamento de que tais ocorrências, podem também fazer parte do cotidiano de nossas aulas. Poucos em relação a um assunto de grande visibilidade e ocorrência no universo escolar.

Lippelt (2004), faz um estudo sobre a violência nas aulas de Educação Física em duas escolas públicas do Distrito Federal. Utilizando-se do método de observação e tendo na amostra alunos de 6ª a 8ª séries, o autor relata os tipos de violência ocorridos em ambas escolas (contra o patrimônio, do professor, do aluno, contra o professor, contra o aluno, da escola) e a relação dessas manifestações com as aulas de Educação Física. Constatou-se a verificação de violências físicas, verbais e simbólicas como mais freqüentes e o mascaramento através de atitudes consideradas como brincadeiras, ressaltando ao final o comprometimento não só do professor, mas dele principalmente, no enfrentamento de tais situações.

Vaz et al (2008), trazem uma experiência realizada em uma escola pública onde, por meio do futebol, foi desenvolvida uma sensibilização dos alunos e das alunas para as relações de violência que permeavam suas práticas. Através da observação dos alunos em sala de aula, no recreio e nas aulas de Educação Física, constatam que é nessa última que as práticas de violência, em especial a física e a psicológica, se davam com maior intensidade. Mostram também a dificuldade do professor em traduzir a crítica em prática pedagógica e o quadro de frustração, insegurança e constrangimento, resultando em um chamado pelos autores de vazio pedagógico preenchido por “aulas livres”. Os resultados apontam situações habituais de violência, relacionadas muito à formação dos professores e a falta de legitimidade da disciplina no espaço pedagógico.

Costa (2007), ao pesquisar os episódios de violência na escola e nas aulas de Educação Física, constata a presença de atitudes de discriminação, violência física, verbal e simbólica, além das invasões de elementos de fora da escola, que pulavam os muros para depredar o prédio. Interessante é o fato de que essas práticas de violência, principalmente a verbal, são consideradas normais por

professores e alunos, comuns das atividades e do ambiente das aulas de Educação Física.

Outro estudo que traz considerações válidas é o de Peres (2005), quando relaciona a prática pedagógica do professor de Educação Física com atitudes de violência. Segundo o mesmo, algumas práticas como o tom de voz, ironia, menosprezo, punição, omissão e principalmente a exclusão, foram constatadas como atitudes de violência por parte dos professores. Toda discussão girou em torno da aplicação do esporte como atividade técnica e de exclusão, apresentando algumas reflexões acerca da postura desse profissional.

Filho e Schwartz (2006), trazem uma proposta baseada na aplicação dos jogos cooperativos como colaboradores na formação e inserção de valores positivos nos alunos. De acordo com os autores, a proposta do estudo vem devido o aumento da violência e da agressividade dos alunos nas aulas de Educação Física; acrescido de um exacerbado aumento do individualismo e da competição, o que acabava por contribuir para uma falta de atitudes e condutas de companheirismo e de cooperação.

Oliveira e Votre (2006), trazem uma abordagem sobre o bullying (uma das diversas manifestações de violência) e em seu estudo relatam e analisam alguns casos típicos deste fenômeno, ocorridos com meninas e meninos nas aulas de Educação Física de uma escola pública do Rio de Janeiro; concluindo que esse comportamento está inserido em conjunturas culturais e sociais e que as aulas de Educação Física reproduzem um contexto que os favorece.

Ramos et al investigaram os tipos e as formas mais freqüentes de manifestação de violências ocorridas entre crianças da faixa etária de oito a onze anos, correspondentes à 4ª e 5ª séries, onde observaram o comportamento dos estudantes nas aulas de Educação Física a fim de averiguar e identificar os possíveis focos geradores de agressividade que aconteciam nessas aulas e no ambiente escolar. Através das observações constataram a existência de atos e gestos de violência tais como murros, chutes e xingamentos ocorridos entre algumas crianças; e novamente surge a figura do professor relatando se tratar de atitudes comuns entre eles.

Brito e Simon (2009), apresentam um estudo teórico acerca de algumas transgressões disciplinares identificadas na Educação Física Escolar em especial aquelas relacionadas à disciplina enquanto ferramenta de controle. Na visão dos

autores, as transgressões se dão a partir do momento em que o aluno, durante as aulas de Educação Física, fica submisso ao comando do professor, obediente às regras do esporte e adestrado técnica e fisicamente para jogar. Portanto, o aluno deve ser disciplinado no respeito e não questionamento de uma figura superior representada aqui pelo professor.

Oliveira (2006), durante seus escritos sobre a educação do corpo na escola brasileira, traz um exemplo acontecido em uma aula de Educação Física e que representa bem o intuito deste trabalho na busca de tais manifestações.

Durante uma aula de Educação Física, uma turma de 5ª série realizava um jogo pré-desportivo. Nessa atividade, de cunho competitivo, uma das alunas não conseguiu desempenhar o objetivo proposto de apanhar a bola quando ela foi lançada para seu campo. Essa situação repetiu-se várias vezes e um grupo de alunos passou a hostilizar a menina cobrando dela uma maior eficiência. A provocação intensificou-se e ela foi vigorosamente agredida, com palavras e ameaças. Ao mesmo tempo em que isso ocorria pude notar que os agressores demonstravam uma imensa satisfação perante a humilhação da aluna. Em contrapartida, nenhuma providência foi tomada, nem pela professora, que percebeu a situação mas não interferiu, nem pela aluna, que corporalmente demonstrou uma imensa fragilidade e permaneceu paralisada, sem nenhum tipo de reação diante da ameaça. (p.67)

Fante (2005) também em um estudo sobre o bullying nas escolas, apresenta alguns relatos de casos ocorridos durante as aulas de Educação Física e assim os descreve;

“O aluno Carlos, da 5ª série, foi vítima de alguns colegas por muito tempo, porque não gostava de futebol. Era ridicularizado constantemente, sendo chamado de gay nas aulas de educação física. Isso o ofendia sobremaneira, levando-o a abrigar pensamentos suicidas, mas antes queria encontrar uma arma e matar muitos dentro da escola.”

“Minha vida escolar não é a melhor. Gosto muito dos professores, mas de umas semanas para cá eles andam me difamando, por causa de um trabalho escolar. Estou sendo rejeitada por algumas pessoas da minha classe. Na aula de educação física, dizem que sou baixinha e frágil, então não sirvo para nada [...]” (aluna da 6ª série, 12 anos).

Vale aqui a abertura de um parêntese no intuito de explanar a não abordagem e aprofundamento do fenômeno bullying na escola e nas aulas de Educação Física. Acredita-se que por não dar conta da violência escolar como um todo, este conceito apresenta limitações. É claro que as pesquisas devem ser

consideradas, mas a forma como a temática é abordada acaba deixando de considerar outras práticas, tais como a violência dos adultos, a violência anti-institucional, a violência relacionada ao contexto social o qual os sujeitos estão envolvidos, dentre outras. Por se tratar de um conceito psicologizante, tende a individualizar o problema, responsabilizando apenas o perpetrador e a vítima, sendo retirados do contexto, sem considerar assim o contexto socioeconômico ou da própria instituição.

Diante de alguns relatos e fatos, questionamentos se fazem necessários acerca da relação entre essas manifestações e o ambiente escolar, a frequência com que ocorrem, a percepção de professores e alunos sobre essas situações, o professor de Educação Física frente às mesmas, e o posicionamento da escola, enquanto instituição, em relação a essas ocorrências.

Detectar tais manifestações que também se apropriam do ambiente das aulas de Educação Física, discorrer e discutir, dentre outras, “se”, “como” e “por que” ocorrem práticas de violência nas escolas do DF, compreender a aula de Educação Física, a figura do professor, a escola e as relações desta com a comunidade como elementos integrantes e intervenientes nessa análise, torna-se de fundamental importância para a construção de estudos teóricos a respeito do assunto, contribuindo para o enriquecimento de uma área pouco comentada por nós professores e tão pouco explorada por pesquisadores; cientes de que o problema aqui não se esgota.

METODOLOGIA

CAPÍTULO 3 - Amostra e Procedimentos

Para verificação das manifestações de violência ocorridas nas aulas de Educação Física e como este fenômeno interfere nas mesmas, duas etapas de investigação foram realizadas; de modo a articular vantagens e superar as limitações de cada: a) uma abordagem quantitativa e, b) uma abordagem qualitativa. Tais abordagens são apresentadas simultaneamente na parte de análise dos dados e dos resultados.

O cruzamento entre as abordagens, além de mensurar tais manifestações em sua multiplicidade de formas; apresenta relatos e testemunhos de situações relacionadas ao fenômeno a partir das vozes dos sujeitos que passaram (ou passam) por tais experiências. Além de trazer relatos dos envolvidos, este estudo possibilita compreender a mecânica de construção do fenômeno nas aulas na medida em que mostra as motivações, as causas, os modos como determinados atos e atitudes se entrelaçam, e os efeitos sobre os indivíduos, as relações sociais e o ambiente escolar.

Para tanto foram realizadas observações que possibilitaram um melhor entendimento do ambiente escolar e das aulas de Educação Física, entrevistas com os envolvidos nesse processo e uma busca no caderno de ocorrências diárias da escola sobre práticas que possam ser relevantes ao estudo, assim como a aplicação de questionários e a formação de grupos focais.

A metodologia proposta por Abramovay e Rua (2002) será utilizada como apoio para o delineamento amostral e de investigação em razão de apresentar características similares e atender às expectativas do presente estudo.

a) Delineamento Amostral:

Amostragem não aleatória, dividida em duas etapas: na primeira foi selecionada a escola pública de ensino fundamental da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal pertencente à Regional de Ensino de Santa Maria, e na segunda as séries/turmas. O tamanho da amostra teve como parâmetro a variância do tamanho da(s) escola(s), medida pelo número de alunos.

b) Abordagem quantitativa:

Aplicação de questionário, adaptado de Abramovay (2009), composto por um conjunto de questões destinadas a identificar as características do informante,

seguido de questões envolvendo as manifestações de violência no espaço da escola e da Educação Física. Foram respondentes do mesmo, alunos, professores e equipe de direção.

c) Abordagem qualitativa:

Formação de grupos focais que, segundo Abramovay e Rua (2002), pode oferecer informação ágil, pouco onerosa, em profundidade e com um volume significativo de informação qualitativa fornecida pelos membros de um grupo específico. Com isso, foi observado o processo através do qual os participantes selecionados responderam às questões da pesquisa, sendo os dados teoricamente interpretados.

Neto, Moreira e Sucena (2002), definem Grupo Focal como;

“uma técnica de Pesquisa na qual o Pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico” (p.05)

A interação entre os participantes e o pesquisador, objetivando colher dados a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos, é a essência do grupo focal. Pode ser utilizado como forma de reunir informações necessárias para a tomada de decisão; como promotores da auto-reflexão e da transformação social e como uma técnica para a exploração de um tema pouco conhecido, visando o delineamento de pesquisas futuras.

Seu manejo requer a seleção aleatória dos membros, alunos, professores, equipe de direção e policiais; controlando alguns denominadores comuns como sexo e idade dos participantes, formando grupos que permitam obter uma maior pluralidade de opiniões. Este instrumento é freqüentemente usado pelas Ciências Sociais para buscar uma resposta aos “porquês” e “como” dos comportamentos.

As análises foram realizadas de modo a traçar um paralelo entre as observações, os depoimentos obtidos nos grupos focais e os dados obtidos pelo questionário, assim como os registros dos cadernos de ocorrências; buscando verificar a relação entre as práticas de violência e sua percepção através dos envolvidos.

3.1 O Campo de Pesquisa: Histórico da Cidade Satélite de Santa Maria e a Instituição Educacional

A cidade de Santa Maria surgiu no cenário do Distrito Federal com uma população oriunda de invasões, fundo de quintais e migrações das diversas áreas do entorno, sendo por isso, caracterizada como uma comunidade transplantada. Constituída na sua maioria por famílias de prole numerosa, apresenta razoável percentual de fragmentação, com um grau de instrução que varia entre o não alfabetizado e o 1º grau incompleto. Trata-se de uma comunidade, raras exceções, de baixo nível sócio-econômico que demonstra um universo cultural bastante diferenciado.

Fundada em 1999, a escola pesquisada atende a alunos de 5ª a 8ª série nos turnos matutino e vespertino, além de uma classe de ensino especial.

Neste panorama surge a necessidade de um posicionamento da escola, enquanto responsável pela articulação entre os diversos segmentos, para que estes possam estabelecer uma crítica construtiva da sociedade, possibilitando uma ação constante e eficaz destes ante o cenário sócio-político-econômico e cultural, levando-se em conta o seu papel de formadora de opinião, voltada para a qualidade, eficiência e a eficácia.

No contexto sócio-cultural e econômico a escola observou que a desqualificação profissional derivada da escolaridade insuficiente, alia-se às dificuldades enfrentadas por toda comunidade de periferia, como por exemplo: escassez de recursos para a manutenção da saúde, segurança, transporte, lazer, educação, alimentação e outros, gerando uma inconformidade que se manifesta mascarada pelo alcoolismo, prostituição, vandalismo, que contribuem para o elevado grau de violência no seio da própria comunidade que se vê vitimada por esta explosão de inconformismo mal canalizado.

Durantes os anos constataram que a escola está situada em área de difícil acesso, enfrentando problemas dos mais variados, relacionados à violência urbana, além de freqüência irregular dos alunos, gravidez precoce, violência doméstica, alcoolismo, uso indevido de drogas, ausência de acompanhamento da família, despreparo de alguns profissionais para lidar com tais problemas, e outros, comuns a escolas de periferia.

Estando a escola imersa nesta realidade, verificaram a necessidade de um projeto que de forma participativa, responsável, compromissada e coerente, contemple os anseios desta comunidade, na busca de alternativas para valorização do potencial humano.

Sendo assim tal instituição tem por objetivo instruir a criança e o adolescente para utilizar as diferentes linguagens - verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal - como meios para compreender o ambiente natural e social, o sistema político, as diferentes tecnologias, as artes e os valores em que se fundamentam a nossa sociedade, expressar e comunicar suas idéias e usufruir das produções culturais; assim como promover e incentivar as condições básicas para que possam assegurar ao aluno o acesso, a permanência e o êxito na escola, visando sua preparação e qualificação para o trabalho.

A escola apresenta como metas o trabalho com as diversidades e especificidades de cada indivíduo sem distinção de credo, raça e cor; a promoção de ações de conscientização para toda a comunidade escolar, a fim de abolir qualquer atitude discriminatória e preconceituosa; e o trabalho com ações que busquem diminuir a violência e o vandalismo advindos de grupos formados por gangues e pichadores hoje tão comuns nos estabelecimentos de ensino.

RESULTADOS

CAPÍTULO 4 – Análise dos dados

A combinação de instrumentos para coletar as informações pertinentes ao estudo foi de fundamental importância, pois possibilitou confrontar dados dos grupos focais com os questionários aplicados e observações realizadas; além do suporte do livro de ocorrências diárias da instituição de ensino em tela.

A aplicação do questionário objetivou-se pela constatação individual sobre a temática em questão, ou seja, o que os participantes isoladamente pensavam sobre o tema específico; sendo escolhido para fornecer dados quantitativos que pudessem ser cruzados com os depoimentos obtidos nos grupos focais e as observações das aulas. O mesmo teve sua aplicação realizada pelo próprio pesquisador e destinada a um grupo composto de 50 alunos, 05 professores e 06 membros da equipe de direção.

O grupo focal possibilitou, no confronto de opiniões, revelar o posicionamento dos mesmos diante do foco da discussão; sendo 08 grupos de alunos, 01 grupo composto por professores de Educação Física, professores de demais áreas, coordenador e diretora, e 01 grupo de policiais do Batalhão Escolar. Sua aplicação deu-se através da visita do pesquisador no estabelecimento de ensino, sendo os grupos formados aleatoriamente por meninos e meninas pertencentes às séries investigadas, e por professores, coordenadores e equipe de direção. No grupo focal composto por policiais, além da presença do pesquisador, contou com a presença do orientador da pesquisa e de anotadores em igual quantitativo de número dos participantes.

As informações fornecidas pelos grupos foram registradas com o auxílio de gravador digital para não perder a riqueza e o grande quantitativo de dados, sendo dividido por blocos de assuntos para facilitar a discussão, análise e posterior interpretação. O tempo de aplicação seguiu de acordo com a dinâmica particular pertencente a cada grupo, variando entre 30 minutos e aproximadamente 2 horas. Os grupos possuíam entre 05 e 07 pessoas, número esse considerado favorável à participação de todos e de fácil controle do aplicador; sendo a quantidade desses grupos, em especial o de alunos, justificada pela saturação das alternativas de resposta; ou seja, quando passaram a não produzir mais novidades nas discussões,

foi um sinal de que o mapeamento das informações foi conseguido. Ressalva seja feita para a conservação estratégica das repetições, mesmo com a saturação, no sentido de não perder a riqueza dos dados que possibilitassem um cruzamento das abordagens quantitativa e qualitativa. A escolha por tal técnica qualitativa justifica-se pela possibilidade de obter maiores informações dos participantes e atender melhor as expectativas do estudo.

As observações permitiram comparar o que foi produzido nos demais instrumentos com o cotidiano dos participantes em seu ambiente natural, ou seja, durante as aulas de Educação Física, sendo observados também os momentos de intervalo; ambientes esses considerados pelos alunos diferenciados do controle da sala de aula e assim passíveis de algumas práticas que ali podem se fazer presentes. O roteiro seguido durante tal técnica possibilitou a aquisição de informações que pudessem favorecer o seu cruzamento com os demais dados já obtidos; tendo também o livro de ocorrências como suporte para obtenção do número e da tipificação dos atos.

Todos esses dados, analisados após cada dinâmica para sua apropriação imediata, foram considerados para que possibilitassem uma interpretação das práticas de violência em sua diversidade de formas, sendo organizados em blocos ou núcleos temáticos. Essa organização realizou-se com base em categorias elaboradas a partir das respostas produzidas, dando suporte às linhas de argumentação e posicionamento dos participantes diante do tema, mantendo assim o foco na discussão. Além disso, a divisão por blocos permite uma melhor compreensão do leitor frente à riqueza e o quantitativo de dados produzidos.

4.1 BLOCO I

4.1.1 O conceito de violência

Para começarmos a análise das práticas de violência presentes na escola e na Educação Física, e como se dá o entendimento daqueles envolvidos direta ou indiretamente no fenômeno, fez-se necessário um questionamento inicial sobre o entendimento dos participantes a respeito do que consideravam ser violência.

Os conceitos e definições ajudam a perceber com mais exatidão, qual a noção trazida por pessoas que participam diretamente das práticas e entender, por consequência, o contexto social ao qual se insere a escola; uma vez que percebe-se

uma estreita relação entre a interpretação do fenômeno e o contexto inserido. Os dados apresentados a seguir fazem parte das respostas obtidas através do questionário:

EQUIPE DE DIREÇÃO

ED1	<i>“A pobreza, que gera mais e mais violência nas casas e comunidades mais carentes.”</i>
ED2	<i>“Na escola, tudo que se diz respeito, como apelidos, xingamentos, ameaças, intimidações, desacato, gestos obscenos, preconceitos, etc.”</i>
ED3	<i>“Tudo aquilo que gera desconforto no dia a dia da escola”</i>
ED4	<i>“Qualquer tipo de força física onde houver danos físicos, ameaça contra uma pessoa ou grupo, ou comunidade resultante de morte ou qualquer danos morais, psicológicos, danos físicos e morte acidental.”</i>
ED5	<i>“Falta de saber tratar com os demais.”</i>
ED6	<i>“Todo ato que degrada o ser - humano, de maneira a afetá-lo na sua integridade física ou moral.”</i>

QUADRO 1 – Conceito de violência na opinião da equipe de direção

PROFESSORES

P1	<i>“Toda e qualquer agressão ao indivíduo, seja ela física ou moral.”</i>
P2	<i>“Qualquer ato que possa agredir a integridade física, moral ou psicológica da pessoa.”</i>
P3	<i>“Todo ato agressivo vindo dos alunos tanto com seus colegas como com os professores.”</i>
P4	<i>“Toda e qualquer agressão física ou moral.”</i>
P5	<i>“Existe vários tipos de violência, verbal... É tratar com falta de respeito e descaso.”</i>

QUADRO 2 – Conceito de violência na opinião dos professores.

ALUNOS

A1	<i>"Eu acho ruim porque é um crime".</i>
A2	<i>"Roubar, furtar."</i>
A3	<i>"Violência, é tudo aquilo que nos faz mal, que nos faz sofrer, que nos faz sentir dor."</i>
A4	<i>"Uma falta de respeito e consideração."</i>
A5	<i>"Briga."</i>
A6	<i>"Uma falta de respeito."</i>
A7	<i>"Uma pessoa muito mal."</i>
A8	<i>"Violência é uma coisa do mal que tem que acabar."</i>
A9	<i>"Praticar a violência."</i>
A10	Não respondeu
A11	Não respondeu
A12	<i>"Coisa muito mal."</i>
A13	<i>"Um ato infantiu"</i>
A14	<i>"Uma coisa que eu não gosto."</i>
A15	<i>"Quando você esta quente e vem uma pessoa mexer com você e uma falta de respeito"</i>
A16	<i>"Maltratar os outros, atingir os outros com palavras tão baixas como xingamento, matar as pessoas e etc."</i>
A17	<i>"Maltratar os outros machugar pessoas enosente maguar e desrespeitar as crianças adulto e defisientes."</i>
A18	<i>"Briga ameaça omicidio para a sato".</i>
A19	<i>"Bater nos outros, chingar etc."</i>
A20	<i>"Maltratar os outros com uma coisa que você não gostaria que fizerem com você, violência sexual e muitas outras coisas."</i>
A21	<i>"Acaba com a escola."</i>
A22	<i>"Bater, brigar, quer vingança."</i>
A23	<i>"Morte, estupro, assalto e varias coisas que leva ao presidio e ninguem gostaria e ficar engaiolado."</i>
A24	<i>"Agregção com os outros alunos."</i>
A25	<i>"Agredir as outras pessoas."</i>
A26	<i>"Briga, chinga. Bate nos outros isso que eu considero violência."</i>
A27	<i>"Brigar, xingar uns aos outros, bater e muitas outras coisas."</i>
A28	<i>"E feio por que e falta de respeito e sem educação."</i>
A29	<i>"Ronaldo"</i>
A30	<i>"Ruim."</i>

A31	<i>“Bater, ser preso, briga, matar e etc...”</i>
A32	<i>“Justisa.”</i>
A33	<i>“Eu concidero a violencia um ato ruim.”</i>
A34	<i>“Ser uma coisa discriminial e matar alguém”</i>
A35	<i>“Matar, estrupar é uma coisa muito rui.”</i>
A36	<i>“O desrespeito a acreção.”</i>
A37	<i>“Eu não considero nada”</i>
A39	<i>“Violencia para mim e matar roba cumete farios outros crimes”</i>
A39	<i>“Agreção física”</i>
A40	<i>“As pessoas baterem uma nas outras, brigarem, chingarem e tudo de ruim.”</i>
A41	<i>“Brigas, mortes etc.”</i>
A42	<i>“Uma coisa bruta”</i>
A43	<i>“Muinto ruim”</i>
A44	<i>“Xinga bate dar enporan essi eu já concidero uma violência”</i>
A45	<i>“Violência na escola, nas ruas”</i>
A46	<i>“Brigar um com o outro.”</i>
A47	<i>“Ameasar um aus outros”</i>
A48	<i>“Quando a pessoa comesa a olhar com cara feia para o outro já motivo de um matar o outro”</i>
A49	<i>“Eu acho que a violência é uma coisa muito ruim, brigas, assaltos, mortes e etc.”</i>
A50	<i>“Considero abuso sexual, briga, criminosidade...”</i>

QUADRO 3 – Conceito de violência na opinião dos alunos.

Percebe-se na fala da equipe de direção e dos professores, dois aspectos abordados na construção teórica do estudo. Um primeiro que diz respeito à atribuição de vários comportamentos para designar o que viria a ser violência, e um segundo que associa o fenômeno estritamente ao sentido da agressão; no caso dos depoimentos prevalecendo as agressões físicas e morais. Um importante registro se faz na fala de um membro da equipe de direção que atribuiu à violência o caráter da desigualdade (a pobreza para ser mais específico) e um professor, que considerou como violência o ato vindo somente por parte dos alunos e somente ocorrido dentro do ambiente escolar, como se só esse fosse responsável pela prática do fenômeno e o mesmo só acontecesse nesse cenário. Demais depoimentos incluíram

xingamentos, apelidos, ameaças, intimidações, desacato, gestos obscenos, preconceitos, desconforto, morte acidental, tratamento inadequado, desacato e falta de respeito.

Quando feito o mesmo questionamento, nota-se nas respostas dos alunos que o entendimento trazido sobre o fenômeno permeia um discurso único da violência como agressão física traduzidos por brigas e vias de fato. Outras características atribuídas foram em relação aos crimes, assaltos, mortes, ameaças, abuso sexual, agressões verbais, discriminação, falta de respeito e maus tratos; mas na grande maioria precedidos pela noção da agressão física como elemento principal. Mas como salientou Michaud (1989), cada sociedade – e porque não falarmos de cada grupo e no sentido mais restrito, cada indivíduo - percebe a violência segundo seus próprios critérios, dando maior ou menor ênfase de acordo com suas experiências.

A utilização dos grupos focais possibilitou que essas informações fossem contrastadas, ou melhor, acrescidas das falas dos participantes, pois como mostrado nos estudos de Abramovay (2002) tal instrumento pela abertura do diálogo e da conversa mais informal acrescenta dados que não são atingidos no questionário.

No grupo focal composto por alunos percebeu-se de início que a noção que os mesmos traziam perpassava a traduzida, através do questionário, por brigas e vias de fato. Compreende-se nas falas além das agressões físicas e verbais, também as agressões psicológicas, sendo abordado por alguns alunos o conceito de bullying para representar tais agressões. Outras definições incluíam o consumo e tráfico de drogas, situações de preconceito, as chacotas e apelidos, o vandalismo e a depredação tanto do patrimônio público quanto pessoal. Fator que chamou atenção foi a consideração dos grupos em relação à violência doméstica e a preocupação em torno do ambiente familiar como influenciador das práticas de violência, que será discutido e aprofundado no próximo item que aborda as causas da violência.

“Depende da violência. Existe violência não só na escola, mas em casa, assim uma violência doméstica. Depende do meio em que a pessoa convive. Se é num meio de violência, ela vai passar para as pessoas essas violências.” (Grupo Focal, aluna 8ª série)

O grupo focal composto por professores e equipe de direção demonstra que a noção de violência primeira, permeia o discurso da agressão física, sendo

constatados outros tipos de práticas que se completam na diversidade de um ambiente escolar. E como citado anteriormente, uma definição de violência, se é que podemos defini-la, está vinculada ao ambiente e às vivências a que determinada pessoa ou grupo é submetida; sendo utilizados inclusive exemplos do próprio contexto para ilustrar o fato. Para os professores e equipe de direção:

ED – Todos os tipos de violência. Hoje em dia até um olhar maldoso gera violência. Aqui as meninas principalmente, se passa e olha meio atravessado já é motivo pra partir pra briga.

P1 – acho que tem a violência física, a verbal, a discriminação...

P2 – Acredito que tem diversas formas de violência. A violência física e a simbólica, que eu acho que fere mais do que a física, onde o próprio sistema propõe isso aí e muitos acabam reproduzindo, e os que têm alguma atitude pra mudar acabam se omitindo.

Na fala do professor, percebe-se a ênfase dada a um tipo de violência que passa despercebida pelos olhares não só de quem a pratica, mas também de quem a sofre. A violência simbólica presente no ambiente escolar torna-se de difícil identificação, pois a verdadeira violência de seus atos não são revelados; e o pior é que insinua naturalmente o modo de ser e de viver não só dos alunos, como professores, funcionários e equipe gestora. E a omissão citada pelo professor, muitas vezes se dá pela simples reprodução sem ao menos perceber que ela existe.

Em relação ao grupo focal composto por policiais do Batalhão Escolar, o conceito de violência permeia entre o discurso da legalidade e a definição da palavra e o ato agressivo.

Todo ato que seja contrário às normas do código penal brasileiro, do Estatuto da Criança e do Adolescente, todo ato cometido em contrário aos nossos códigos, estatutos; é dado como violência. Seja de um simples palavrão, de um apelido que eu colocar numa pessoa e ela não gostar, até chegar ao ponto de um espancamento; tudo isso eu tenho como definição de violência.

Um ponto em comum entre os participantes é a noção de que a violência é evidenciada quando regras estabelecidas por determinado grupo ou sociedade são quebradas, principalmente pelo uso da força física ou psicológica, ameaçando o que chamaram de “viver bem”. A violação de conceitos, leis, estatutos e normas de boa convivência, torna-se um gerador da violência.

...a violência nada mais é do que uma quebra de conceitos que a sociedade faz da segurança pública. Dentro da sociedade, nós temos que viver numa sociedade de comum acordo, com algumas leis, princípios e normas. Quando a gente fere essas leis, normas

e princípios aí fica subentendido que é um ato de violência contra uma pessoa só ou pode ser praticada por um grupo. A partir desse momento que uma pessoa passa a agredir alguém com palavras, com atitudes, ameaças; caracteriza-se aí um ato de violência.

Uma abordagem sobre o direcionamento do ato violento se fez presente com um discurso acerca daquelas pessoas que o praticam contra outro(s) ou contra si mesmo; como os casos de flagelação e suicídio. E mantendo a mesma linha de pensamento salientaram que um ato violento ou qualquer dano ou prejuízo a si ou a terceiros é subentendido por uma pessoa e por outra não. Corroborar a fala do policial com o que já foi dito na construção teórica desse projeto, onde determinadas sociedades possuem sua concepção de violência própria da cultura a qual estão inseridos.

Para certa tribo indígena é comum sacrificar um dos filhos gêmeos por credences típicas do seu povo; para grupos de repressão a minorias, como os skinheads, casos de espancamento e morte de negros e homossexuais são para o grupo um favor prestado à sociedade. Mas será que temos na escola alunos que praticam atos violentos contra outros e não têm consciência do feito?

Abre-se um parêntese aqui para o relato pessoal de experiência onde demonstra claramente o agir sem ter consciência do ato, porém fugindo às regras de convívio. Foi encaminhado um aluno de aproximadamente 10 anos à direção da escola, pois o mesmo estava pegando nas partes íntimas de uma colega de turma. Quando questionado acerca do acontecido, o mesmo disse achar normal, pois em casa era comum acontecer entre sua irmã e um primo. Uma aluna de 6 anos que, mesmo sem ter a noção exata do que é racismo, agride e maltrata seus colegas negros de sala. Ou como relatam os policiais:

A gente encontra muito isso em escola, às vezes um aluno pratica um ato de violência contra o outro aluno por desconhecer que existe uma norma que trata dizendo que aquilo é um ato violento. “Ah eu não sabia”. A gente lida muito com isso no nosso dia-a-dia. Alunos que, por exemplo, carregam coisas na mochila porque acham que tá na moda, por exemplo, uma soqueira, um canivete, armas brancas [...] ele carrega isso e acha bonito carregar isso e mostrar na escola... muitas vezes porque o colega dele carrega... e ele não quer ficar de fora da tribo... quando a gente aborda esse aluno, na mochila tem punhal, canivete e ele diz: Ah eu não sabia.

Esse relato veio acompanhado novamente da noção de violência como sendo uma demonstração de força ou do que os policiais chamaram de status e pertencimento a um grupo. Para não ficar de fora e se sentir pertencente a um grupo, muitos alunos cometem delitos e infrações, o que, dependendo do feito, poderá dar-lhe status e poder. Como relatado por Abramovay (2009), os jovens constroem identidades e traços de personalidade dentro dos grupos, orientando assim suas condutas e modificando as posturas, a relação ao trato das pessoas, relação à sexualidade e questões como o abuso de álcool e drogas; fator determinante para o cenário das escolas.

Mas devemos considerar os grupos tanto como forma de pertencimento de um indivíduo quanto à exclusão do mesmo. Se por um lado o aluno ingressa em determinados grupos para se sentir aceito e acolhido pelos demais, da mesma forma outros tantos não conseguem ingressar ou interagir com grupos fechados, e isso pode ser um fator determinante para sua percepção do meio escolar.

Outro fator elucidado pelos policiais e considerado atualmente como difusor de um conceito equivocado de violência é a exposição realizada pela mídia. Em suas falas percebe-se a preocupação em como a mensagem repassada por jornais, novelas e desenhos, pode influenciar negativamente nossa percepção a respeito de um fato ocorrido, criando assim um conceito baseado mais no sensacionalismo do que na apuração real dos fatos. Sendo assim, o intuito da mídia hoje não estaria em evitar a criminalidade, pois estaria ensinando mais a prática do que a coibindo.

Quando a gente vê uma reportagem no jornal, a gente não vê eles levando para um lado de disciplina, de educação, eles levam pro lado de apenas mostrar o fato porque aquilo vai vender o jornal. Então hoje eu não vejo proveito nenhum da mídia quanto esse trabalho de educar; são pouquíssimas, 99% hoje da mídia não educa contra a violência.

Porto (2002) nos remete a idéia de um mundo virtual construtor de um mundo real. Em outras palavras, a violência transformada em objeto de consumo e com amplo poder de venda, passa a fazer parte do cotidiano dos indivíduos, mesmo que esses nunca tenham vivido ou se confrontado com tais experiências; multiplicando assim as percepções sobre o fenômeno. A violência torna-se uma moeda com valor de troca elevado, uma vez que vende muito bem enquanto mercadoria.

Porém, mesmo que não diretamente responsáveis pelo aumento da violência e da criminalidade, os meios de comunicação de massa os apresentam como comportamentos valorizados e sempre em forma de espetáculo. Uma celebração à violência que, se não tornam nossos alunos mais violentos, contribuem para excitá-los.

A fala da maioria dos participantes permeia o discurso da violência física, traduzida em agressões e vias de fato, para criar as suas idéias a respeito da temática proposta. Fato esse pode ser justificado pela presença constante, tanto pessoalmente quanto no bombardeio dos meios de comunicação, de episódios lamentáveis ocorridos em nosso meio e que baseiam nossa análise e até induzem nossa percepção.

4.1.2 Causas da violência

É imprescindível a justificativa neste item, de que não é pretendido aqui eleger um culpado acerca das práticas de violência, mas sim buscar subsídios para entender a dinamicidade de um fenômeno tão múltiplo, onde todas as informações se fazem necessárias para ilustrar tal estudo. Começando por uma parte mais conceitual do fenômeno, até mesmo para ter a noção do que os participantes trazem a respeito de violência, parte-se nesse próximo item para as causas que levam aos comportamentos citados por eles como violentos; chegando ao ambiente escolar, com considerações acerca dessas representações.

Os dados trazidos pelo grupo focal com os alunos assemelham-se em vários aspectos com os demais grupos focais, tendo grande enfoque no ambiente familiar e o papel dos pais na criação de seus filhos.

A1 - O principal motivo é a criação em casa, o que você tá aprendendo dentro de casa... desde pequeno ele convive com aquele ambiente estranho... se a pessoa tiver uma boa criação, mesmo que tenha influências na rua ele vai ter consciência do que é certo fazer.

A2 - a maioria é por causa da educação dos pais. Se botar limite tudo bem, agora se não botar limite ele não vai respeitar os outros.

A3 - Os pais muitas vezes ficam agredindo as mães aí eles vê e acaba agredindo na escola. Ele vê; se é normal eu também posso.

A4 - Professor tá na escola é pra ensinar. A educação desse tipo assim são os pais que deve dar; os professores só tão aqui pra complementar.

Idéia semelhante trazida por professores e equipe de direção, quando no ambiente familiar os exemplos se firmam como comuns e passíveis de serem repassados e reproduzidos, gerando intolerância, desrespeito e um conviver próprio dos alunos. Outro aspecto atribuído às causas dessas práticas de violência relaciona-se ao meio em que estão inseridos nossos alunos:

P – a violência aqui está relacionada à intolerância; eles não sabem respeitar o próximo; tem que ser da forma deles. Mas eu não os culpo por isso; eu acho que isso vem de uma desestruturação familiar, do meio em que eles vivem; eles trazem isso pra cá... eles acabam reproduzindo o que eles têm lá fora... eles exteriorizam todo aquele sentimento de raiva, de rebeldia tudo aqui na escola.

D - a violência na escola hoje tem muita relação com o meio social dos nossos alunos... hoje não existe escola que não tem violência. Os alunos hoje marcam território...

Os policiais, que vivenciam diariamente como se configura essa relação, trazem idéias bem concretas sobre como se dá o funcionamento dessa dinâmica familiar na contemporaneidade. As exemplificações trazidas contribuem muito para o entendimento de um ambiente influenciador de práticas violentas que, muitas das vezes, desembocam no ambiente escolar. Na opinião dos policiais:

PM1 - Mesmo pra falar de violência dentro do ambiente escolar, a gente precisa retroceder um pouquinho e falar do ambiente familiar. Pra mim a maioria da violência ou uma boa parte começa da desagregação familiar. A gente encontra alunos praticando atos infracionais porque a mãe trabalha o dia todo, o pai abandonou a família, o pai bebe, a mãe se prostitui, enfim, a base familiar deles normalmente é fraca, tá desestruturada ou eles não têm apoio nenhum, nenhum tipo de referencial dentro da própria família pra guiá-los e tirá-los desses tipos de atos. Então muito da violência lá dentro da escola, é por causa da desagregação familiar, e muitos dos alunos se rebelam, saem de casa, passam noites fora de casa e no outro dia vai pra escola. Tem aluno lá que a gente encontra que passou o final de semana todo longe de casa e na segunda-feira foi direto pra escola e a mãe vai desesperada atrás e ele faz questão de dizer que não vai pra casa, que não gosta de estar em casa.

PM2 - Nós tínhamos na família o quê, o pai que trabalhava fora e a mãe que cuidava do lar. Nas necessidades de hoje, esse papel da mãe que era de educar, ela deixou de lado e foi auxiliar o pai no trabalho. Então quando saem os pais de casa, os filhos ficam com quem... com isso, os filhos começam a fazer certas coisas pra chamar a atenção dos pais; “vou fazer algo errado aqui porque meu pai vai ser chamado e ele vai voltar a atenção pra mim.” Dentro da escola acontece muito isso, eles aprontam, cometem algum ato

infracional porque sabem que a direção vai chamar os pais, então com isso vão me dar um pouquinho de atenção.

Mesmo que a família em nossa sociedade se configure de várias formas, independente de sua estrutura é a primeira experiência vivenciada pelo indivíduo, podendo marcar e até mesmo determinar sua trajetória. E, dependendo dessas experiências, a forma como nossos alunos interpretam a realidade pode ser afetada. Um ambiente familiar marcado pela violência, assim como a perda de funções da família (Aquino,1998), pode influenciar a criança a ser agressiva e a ter comportamentos anti-sociais fora de casa, principalmente na escola. Some-se a isso a rua, vizinhança ou bairro em que vivem.

Outras causas apresentadas pelos grupos focais foram o aprendizado que a rua traz, independente da criação familiar, que acaba por influenciar o comportamento dos jovens; condições financeiras; a falta de segurança; o próprio aluno como causador da violência e a escola por não oferecer um ambiente diferenciado; e a crise de autoridade refletindo na escola.

4.1.3 Violência: causas internas ou externas

De acordo com os depoimentos, diversas são as causas que levam os jovens a praticar atos violentos e procurou-se no item a seguir classificá-las entre internas ou pertencentes ao próprio ambiente escolar, e externas ou vinculadas ao contexto social ao qual está inserida a escola. Sendo assim, obtiveram-se os seguintes resultados na aplicação do questionário:

Você considera que os casos de violência ocorridos são por motivos:

	Internos à escola	Externos à escola	Internos e externos à escola
Equipe de Direção	-	05	01
Professores	-	02	03
Alunos	07	12	28
TOTAL	07	19	32

TABELA 1 – *Resultados acerca dos motivos internos e externos de violência escolar.*

A prevalência das respostas, no que se refere aos casos de violência, atribuiu motivos tanto internos quanto externos à escola. A consciência de que as

práticas de violência permeiam tanto o ambiente da escola, quanto o contexto social ao qual está envolvida, como elucida Ruotti (2006), fez parte das respostas da maioria dos professores e alunos. Interessante ressaltar que a equipe de direção quase que na sua totalidade, considera que os casos de violência são atribuídos a causas externas à escola.

Semelhante constatação é trazida nos estudos de Sposito (2001) que traz uma abordagem considerando que os principais problemas não seriam produzidos no interior das escolas, mas trazidos do ambiente externo e, portanto fora do controle dos representantes da instituição, responsabilizando-se o outro e ocultando o seu lugar na produção dessa violência. Afirma ainda que a escola não é a única responsável pela violência que a envolve, mas que deve assumir o seu papel frente a realidade. 03 alunos não responderam ao questionamento.

Percebe-se nos grupos focais dos alunos, discurso semelhante aos dados obtidos pelo questionário, sendo possível exemplificar os casos que se fizeram presentes através da exposição de fatos. Para os alunos, tanto o contexto o qual a escola está inserida, quanto a própria escola são causadores das práticas de violência que se fazem presentes no ambiente escolar. Os fatores relacionados às causas externas incluíram a desestrutura familiar; o aprendizado das ruas, que se infiltra na escola; a quadra em que se encontra a instituição, considerada violenta; e o influente tráfico de drogas, que acaba por invadir o ambiente escolar como relatado por alguns alunos numa próxima discussão sobre os casos ocorridos no interior da escola e também trazidos nos estudos de Debarbieux apud Abramovay (2002).

A1 - Eu chorei quando fiquei sabendo que vinha estudar aqui. Apesar de a escola ser mal vista, não são os alunos, é o que fazem lá fora aí pensam que todos os alunos são assim... às vezes vem gente de outras quadras para fazer alguma coisa aqui e aí pensam que foram pessoas daqui mesmo.

A2 - A escola não é assim como dizem, a gente leva a fama por causa do que fazem lá fora.

A3 - Muitas vezes é da família, desestrutura familiar; aquele pai que mexe com droga, aquela mãe que bebe. Muitas vezes os pais que incentivam.

A4 - A fama da escola é mais por causa da quadra, não é a escola; a quadra é um pouco violenta. Lembro que o último caso que aconteceu aqui foi um menino que morreu aqui nessa quadra de esportes, aqui do lado da escola.

A5 - A quadra aqui não é boa, você vai ali agora que vai ter um monte de gente fumando (mangueiral)

Durante as visitas à escola e principalmente nas observações realizadas durante as aulas de Educação Física, realmente era inegável o fato de que a escola é sitiada por pontos de encontros de grupos que, na fala dos alunos, são as pessoas que fazem uso e comercializam drogas na região. O mangueiral citado pelo último aluno é uma área verde bem arborizada e sem construções, situada ao lado do muro da escola e próximo à quadra de esportes. O aglomerado de pessoas é freqüente e é uma constante o consumo de drogas nessa área.

Várias foram as vezes que os alunos tiveram que pular o muro para buscar a bola próxima a essas pessoas; e como relatado, quando eles devolviam. Além disso, esses pontos funcionavam como lugares para os olheiros que recebiam informações de alunos no interior da escola sobre aqueles que portavam celular, tênis ou chinelo de marca e demais pertences que pudessem interessá-los.

Em relação às causas internas, os alunos citam como casos que podem influenciar a criação de um ambiente violento, principalmente o tratamento que lhes é dado por coordenadores e professores e a falta de critério na aplicação de sanções.

A1 - A escola até faz algumas coisas que deixam a gente indignado ... às vezes à toa você tá andando e do nada gritam com você... não precisa, acho que não tem necessidade de falar tão grosso assim... um constrangimento, todo mundo começa a vaiar; quando tem necessidade aí ele não grita.

A2 - Eu já fui pra direção duas vezes porque estava comprando lanche e cheguei atrasada, não precisava isso tudo...

Os alunos ressaltaram a necessidade de repensar o tempo do intervalo, baseado no fato de a escola possuir apenas uma lanchonete pequena para muitos alunos; o que gera incômodo tanto para eles quanto para professores e equipe de direção. Alguns relataram que várias vezes ficaram sem lanche, mesmo após enfrentar uma fila enorme e que vários são os acidentes no percurso para sala de aula, pois têm medo de não chegar a tempo em sala e serem encaminhados à direção e por isso saem correndo de volta à sala. Quando questionados se já teriam levado a proposta para direção da escola, os mesmos dizem não ter coragem e que ficam com medo de recusarem o pedido; pois “não é um não normal.”

O tratamento dispensado por professores também foi citado:

Tem uma professora aqui que só vive de ignorância com os alunos, acho que se você quer respeito tem que dar o respeito. Ela chama a gente de incompetente, de burro, às vezes na brincadeira, mas mesmo assim ofende. Se a gente leva um dever na mesa dela e tá errado, ela rabisca tudo e rasga e chama a gente de incompetente, gritando na frente da turma toda. Hoje mesmo na aula tinha gente conversando e ela parou de dar aula e falou que o conteúdo já tinha sido lançado, sendo que na próxima aula a gente tem prova. Poxa e os outros que não estavam conversando, vai ficar prejudicado. Ela ainda falou que vai mudar a prova todinha, ela vai punir a turma inteira por causa de alguns.

Abramovay (2009) traz dados interessantes a respeito dessa relação entre alunos e professores, onde a mesma é conduzida pela falta de diálogo, pela arbitrariedade na aplicação de notas e sanções, deboches, xingamentos, humilhações e ameaças. Fato importante que merece destaque no referido estudo é a constatação de que os alunos esperam eficácia, respeito e compreensão por parte dos professores; mas desses mesmos alunos, de acordo com os professores, menos da metade os respeitam e a maioria presta pouca ou nunca presta atenção às aulas. Ou seja, querem ser reconhecidos por professores e direção como sujeitos dignos de direitos e de voz; porém em contrapartida não oferecem o mesmo nessa relação. Guimarães (1996) aborda justamente a violência tratada pelos alunos através da transferência de culpa para a figura do professor, seu autoritarismo e sua falta de respeito; eximindo-se assim como agente também participante no fenômeno.

Os professores e equipe de direção ficam divididos em suas falas a respeito das práticas de violência serem causadas pelo ambiente externo ou interno da escola.

P1 - Acredito que ela vem de fora pra dentro, porque se você pega um aluno de família estruturada, dificilmente ele vai ter alguma situação de agressão dentro da escola; até porque esses que gostam de brigar, que vive arrumando confusão e vive na direção têm famílias desestruturadas.

ED – Na verdade é a que vem de fora, porque muitas das brigas que existe na escola elas acontecem lá e explodem aqui... aconteceu um caso aqui que as meninas na Semana Santa, na quinta-feira brigaram de faca. Estavam de recesso, mas quando foi segunda-feira deu polícia porque, elas trouxeram de lá. É claro que acontece a violência de dentro da escola, e não vou falar só de aluno, vou falar da gente mesmo, os próprios funcionários. Existe sim uma violência verbal. Então existe ela aqui dentro, mas a maioria, principalmente dos alunos, elas vem de fora por causa de problemas da rua.

P1 – O que eu vejo é que alguns alunos que se relacionam com aqueles que já têm má índole, acabam tendo atitudes ruins também. O que eu quero dizer com isso; a influência acontece dentro da escola. O que eu percebo, desde a época em que eu estudava, é que os alunos que fazem sucesso são os que estudam pouco, e eles é que fazem sucesso no meio. Aquele que dá trabalho é o mais popular e aquele estudioso que não tem muito amigo vai procurar ter as mesmas atitudes daquele cara para tentar se inserir no grupo. Ele procura se adaptar ao grupo, só que de uma forma negativa.

P2 – Uma maçã podre estraga todas as outras. Então se vem um aluno com esses comportamentos e que fazem sucesso, eles tendem a ser imitados por aqueles que também querem obter status.

O grupo focal realizado com os policiais foi o que trouxe uma consideração mais ampla sobre as causas da violência escolar, sendo analisados, além dos já citados problemas de estrutura familiar e uso inadequado da mídia, as ações e programas de governo; políticas de valorização do professor; projetos da Secretaria de Educação; mínima autoridade da equipe de direção na tomada de decisões em relação aos alunos; omissão de algumas dessas equipes; e a própria estrutura do batalhão escolar.

Quando das ações governamentais em relação às escolas; os policiais citaram a omissão do governo com as políticas públicas para colocar o aluno em um local saudável, com estrutura e que atenda suas reais necessidades; assim como a valorização dos professores, considerados por eles uma classe fundamental.

P1 - Se nós somos o que somos hoje é porque teve um professor para nos ensinar, então o investimento em cima do professor, a valorização ainda é pouca. Condições de trabalho, melhor estrutura das escolas... o investimento no ensino brasileiro ainda é muito pouco.

Igual preocupação demonstraram acerca de projetos adotados pela Secretaria de Educação. Um deles, nomeado Acelera DF e implantado em 2008, tem por objetivo combater a distorção idade-série, ocorrida em virtude de múltiplas repetências e do abandono escolar, fazendo com que os alunos fiquem defasados em relação à série esperada para a idade. O projeto possibilita que esses alunos superem as defasagens de conhecimento e voltem a estudar no ensino regular, junto a colegas de idade aproximada, e completem a sua escolarização.

A primeira vista um ótimo programa, porém esconde infortúnios que vão desde uma metodologia diferenciada, até um avanço de séries que torna o aluno refém da continuidade de outros programas. Ou seja, um aluno de 3º ano do ensino

fundamental pode ao final de um ano avançar diretamente ao 6º ano, e nesse mesmo ano são desenvolvidas competências e habilidades previstas para as quatro primeiras séries do Ensino Fundamental.

De acordo com as experiências já vividas com essas classes, dos mesmos alunos que são promovidos e chegam à série regular, uma minoria consegue acompanhar novamente a série e acabam reprovando. Isso gera um círculo vicioso à medida que são promovidos pulando séries até que cheguem no ensino médio, e diga-se de passagem, sem condições de concorrer em iguais condições com aqueles que completaram seus estudos no tempo regular.

Soma-se a isso que, guardando suas exceções, são alunos extremamente desinteressados, de várias faixas etárias e o pior, com comportamentos inadequados à um ambiente escolar.

P2 - Tem uma coisa que me preocupa muito também na estrutura das escolas e que influencia na violência. Foi criado a alguns anos, algum tempo atrás, uma coisa pra recuperar alunos repetentes, uma coisa chamada aceleração; pra mim, me desculpe o termo, não é uma aceleração, é uma aberração. Porque aquilo não educa o aluno, não ganha tempo com isso, ele passa pra outra série sem aprender realmente e outra coisa, cria-se um problema que gera violência dentro da escola: alunos de 16 anos na sala com alunos de 10 anos. Aí ele bate nesse aluno, ele toma o lanche dele, ele faz gato e sapato desse aluno. O projeto pra ele é um projeto fácil pra ele passar, e muito do tráfico que a gente tem combatido dentro das escolas vem dessa aceleração. Os nossos colégios mais problemáticos tem aceleração.

P2 - A gente baseia em três tipos: a escola que tem alunos em liberdade assistida, a que tem a Aceleração e a que a Direção é omissa; aí gera violência interna nas escolas. Uma boa parte dos nossos problemas é isso.

É sabido que essa distorção idade-série produz impactos negativos sobre a auto-estima dos alunos, desestimula-o a prosseguir com os estudos, levando ao abandono escolar; porém é preciso rever em que condições são realizados os programas para combater tal distorção.

Outro programa de governo, também criticado pelos policiais, é o da Escola Integral que tem como objetivo a permanência do aluno na instituição educacional durante todo o dia, realizando atividades que possam reforçar e favorecer a aprendizagem. De forma preventiva, tenta contribuir para a diminuição dos indicadores de insucesso escolar, tais como a reprovação, o abandono escolar e a

evasão. Mas tal iniciativa esbarra nas condições de infra-estrutura das escolas e até na qualificação dos profissionais envolvidos no programa.

P2 - O Projeto Escola Integral. Nós temos hoje as áreas das escolas muito mal aproveitadas, onde poderia ser construída uma quadra, uma piscina, uma pista de atletismo. Eu estudei minha vida toda em escola pública e ocupava meu tempo fazendo esporte, hoje não; e aí aquele velho ditado: mente vazia, oficina do diabo. Então o projeto tá ali de nome. Joga o menino ali na escola o dia todo, não tem uma piscina, uma quadra adequada, joga o menino ali debaixo do sol... essa falta de estrutura, o menino vai ficar na rua, e se ele estivesse dentro da escola fazendo uma atividade, ele estaria talvez mais longe do crime.

Um problema identificado que, de acordo com os policiais, vem contribuindo para o aumento da violência é o não reconhecimento por parte dos alunos e de alguns órgãos, da autonomia e poder das direções de escola em tomar decisões. Atribuíram ao fato: o não reconhecimento da autoridade do cargo; a impossibilidade de aplicar sanções previstas nos regimentos escolares; e o receio em ser destituído do cargo comissionado.

P4 - A direção das escolas hoje tem isso (mínima) de autoridade sobre o aluno; ela não pode suspender o aluno mais de duas, três vezes por ano, ela não pode transferir esse aluno, ela não pode expulsar o aluno, ela não pode quase nada. Entendam esse não poder; é que não convém fazer porque ela pode perder o cargo dela... precisa resgatar essa autoridade dos diretores, porque o aluno tem que entender limites. O Batalhão Escolar chega quando a direção já tá pedindo socorro. Ela não tá falando assim, faça-se cumprir uma ordem que eu deu pra esse aluno; ela tá é falando assim: me socorre porque eu estou refém do aluno.

P1 - A direção fica limitada mesmo, porque o jovem vai no Conselho Tutelar e denuncia, aí ele já volta com a ordem do juiz.

P5 - Eles até querem fazer, mas não podem. Nós, enquanto policiais, sugerimos que o aluno devesse ser transferido da escola... Ah, um deles, eu fui ameaçado de morte por aluno dentro da escola, o aluno de 13 anos me ameaçou, eu conduzi pra DCA, demos a opinião que ele deveria ser transferido, a diretora acatou porque era realmente um menino problemático. Mas aí esbarrou na regional de Ensino, porque a Regional teve que montar uma equipe, um Conselho Educacional pra votar aquilo e não conseguiram transferir o menino. Então muitos casos a direção é omissa, mas outros é porque realmente não tem autoridade.

A omissão das equipes gestoras foi contemplada como um dos fatores que também contribuem para uma violência interna nas escolas do DF, onde o compromisso em coibir as práticas de violência não é realizado por todos. O desejo

em resguardar a imagem da instituição acaba por mascarar situações de violência que hora ou outra podem fugir do controle.

Mas não devemos pensar que essa sensação de impunidade e incapacidade de resolver os problemas só se encontra nas escolas. Em depoimento isolado, uma das autoridades do regimento em que foram coletados os dados, denunciou o descaso com que são tratados os incidentes levados por eles às delegacias ou aos juizados. Casos em que o menor já carregava em sua ficha dez homicídios e que foi flagrado novamente, mas que os policiais tinham a noção que esse só ficaria no máximo dois meses em reclusão, e novamente iria para as ruas. Sua preocupação também é mostrada ao citar o status atribuído a esses jovens diante dos colegas de escola, pois cada vez mais aumentam o número de menores envolvidos em homicídios e tráfico por mando de um maior; pois de acordo com as leis o menor em pouco tempo tem sua liberdade adquirida.

P – Nós estamos trabalhando desacreditados, porque é em vão. Onera o dinheiro público com gasolina da viatura, com pessoal acionado para atender a ocorrência, a própria viatura é desgastada; sem contar também no desgaste físico e emocional dos policiais que às vezes ficam horas acompanhando aquele caso sabe pra quê: pra chegar o juiz e soltá-lo depois de um tempo. E esse menino fará tudo de novo.

O reconhecimento de que a própria estrutura da polícia, em especial do Batalhão Escolar, também vem contribuindo para esse aumento da violência escolar se fez presente na fala dos policiais; percebendo-se que um conjunto de fatores devem ser considerados antes de criarmos políticas de combate ou prevenção a esse tipo de violência.

P2 - Outro fator que contribui na violência escolar é a estrutura do Batalhão Escolar. Nós não temos estrutura; temos cinco viaturas e as cinco estão paradas. Hoje se tivéssemos que atender alguma escola nós não iríamos; iria o policiamento ali da área que não é preparado, que não é especializado. A gente já viu policial batendo mesmo em aluno, agredindo... a forma de atuar do policial e do Batalhão Escolar tem muita diferença; porque a gente consegue separar o aluno que está desacatando o policial e o aluno que está revoltado por causa dessa desagregação familiar, essa falta de estrutura. O policial comum se o aluno está xingando, ele vai logo metendo a algema; e a gente vai conversar, já conhece, já lida com aquela situação, chama pra conversar e resolve boa parte dos conflitos, dos casos de violência ali mesmo. Nós trabalhamos como mediadores também. Nós estamos nos especializando em

psicologia, mediação de conflitos...(risadas) Nem tudo é conduzido como ocorrência, se fosse a DCA não caberia.

P4 - Em 89, na criação do Batalhão Escolar, nós tínhamos 608 escolas pra serem cobertas e 1260 policiais pra cobrir essas escolas. Hoje o quadro inverteu; nós temos 1008 escolas e 527 policiais pra cobrir todas as escolas. Então nem todas elas serão cobertas, só com a ronda externa feita pelas viaturas.

Demais causas incluíram as salas ambiente, em que as ocorrências se dão na troca de salas; e alunos em liberdade assistida, que, por questões de exposição do menor, nem a própria escola sabe quem são.

Nos depoimentos dos participantes; tanto alunos, quanto professores, equipe de direção e policiais, é percebida a complexidade de fatos envolvidos quando se tenta estabelecer que causas, internas ou externas, contribuem nessa dinâmica das práticas de violência escolar. É importante entendermos que, além dos problemas familiares, econômicos, políticos, emocionais, dentre outros; a própria dinâmica da escola interfere no desenvolvimento dessa violência e contribui para que a mesma seja propagada.

Percebe-se também que as preocupações existentes quando do início do debate sobre violência escolar, trazidos por Sposito (2001), permanecem e são acrescidas de outras; pois mesmo passados trinta anos, continuamos cobrando por segurança e melhores condições em nossas escolas, convivemos ainda mais com as invasões e pedimos incessantemente a presença do aparato policial, e o pior; na tentativa de amenizar os acontecidos, punimos ainda mais nossos alunos e nos fechamos atrás de muros altos, cercas farpadas e câmeras de vigilância.

Importante justificar que não se pretendeu aqui buscar os culpados e responsabilizá-los por tais acontecimentos, mas como dito antes, apenas enxergar através de outros olhares a complexidade envolvida na temática em questão.

4.2 BLOCO II

4.2.1 Casos ocorridos

Com o objetivo de ilustrar e conhecermos “na prática” as ocorrências presenciadas pelos participantes do estudo, fez-se necessário a criação de um item que possibilitasse uma análise de fatos concretos vivenciados. Para começarmos a analisar esses dados obtidos em relação à tipificação dos casos ocorridos no ambiente escolar, primeiramente os resultados dos questionários serão abordados com uma posterior discussão dos grupos focais e observações.

Com que frequência ocorre na sua escola as situações abaixo apresentadas?

Para responder as questões, utilize a legenda:

1. SEMPRE	2. MUITO	3. POUCO	4. NUNCA
-----------	----------	----------	----------

Violência sofrida por alunos no percurso entre a casa e a escola	1	2	3	4
Casos de violência no entorno (perímetro) da escola	1	2	3	4
Brigas entre os alunos	1	2	3	4
Brigas entre professores e alunos	1	2	3	4
Xingamentos entre os alunos	1	2	3	4
Xingamentos entre alunos e professores	1	2	3	4
Humilhação entre os alunos	1	2	3	4
Humilhação entre alunos e professores	1	2	3	4
Ameaça entre os alunos	1	2	3	4
Ameaça entre alunos e professores	1	2	3	4
Pichação ou depredação da escola	1	2	3	4
Presença de integrantes de gangues na escola	1	2	3	4
Furto entre os alunos	1	2	3	4
Furtos de professores praticados por alunos	1	2	3	4
Danos aos bens de professores	1	2	3	4
Consumo de bebida alcoólica pelos alunos na escola	1	2	3	4
Consumo de drogas ilícitas pelos alunos na escola	1	2	3	4
Comércio ou tráfico de drogas na escola	1	2	3	4
Discriminação por raça/cor/etnia entre os alunos	1	2	3	4
Discriminação por raça/cor/etnia de professores contra alunos	1	2	3	4
Discriminação por raça/cor/etnia de alunos contra professores	1	2	3	4
Discriminação por condição socioeconômica entre os alunos	1	2	3	4
Discriminação pela condição socioeconômica de professores contra alunos	1	2	3	4

Discriminação pela condição socioeconômica de alunos contra professores	1	2	3	4
Discriminação por ser ou parecer homossexual entre os alunos	1	2	3	4
Discriminação por ser ou parecer homossexual de professores contra alunos	1	2	3	4
Discriminação por ser ou parecer homossexual de alunos contra professores	1	2	3	4
Discriminação por deficiência física ou mental entre os alunos	1	2	3	4
Discriminação por deficiência física ou mental de professores contra alunos	1	2	3	4
Discriminação por deficiência física ou mental de alunos contra professores	1	2	3	4
Porte de armas brancas (faca, porrete, punhal, soqueira, tesoura etc) por parte de alunos	1	2	3	4
Porte de armas de fogo por parte de alunos	1	2	3	4
Violência policial no interior da escola	1	2	3	4
Violência policial no entorno da escola	1	2	3	4
Debate por parte dos alunos sobre o tema da violência	1	2	3	4
Debate por parte dos professores sobre o tema da violência	1	2	3	4
Debate por parte da comunidade sobre o tema da violência	1	2	3	4
Debate por parte da equipe de direção sobre o tema da violência	1	2	3	4

QUADRO 4 – Freqüência com que ocorrem as práticas de violência na escola. Adaptado de ABRAMOVAY (2009)

Para tratamento dos dados da questão acima, foram considerados apenas alguns itens que se mostraram relevantes para o estudo. A relevância se deu baseada em questões abordadas pelos participantes, em especial aquelas em que atribuíram maior valor durante os debates e discussão da temática; porém, demais dados têm sua importância e influência, sendo importantes para a caracterização geral da realidade escolar. Na análise feita acerca do quadro apresentado, aplicado na forma de questionário, podemos chegar aos seguintes dados:

Violência sofrida por alunos no percurso entre a casa e a escola:

	1.SEMPRE	2.MUITO	3.POUCO	4.NUNCA
	%	%	%	%
Equipe de direção	-	50	50	-
Professores	40	40	20	-
Alunos	24	26	34	16

TABELA 2 – Resultados quanto à violência sofrida por alunos no percurso entre a casa e a escola

Quando questionados sobre a frequência com que é sofrida violência no trajeto casa-escola, 50% dos respondentes da equipe de direção relatam que acontece muito, enquanto os outros 50% que poucas vezes acontece. Com os professores, 40% relatam que sempre acontece, 40% que acontece muito e 20% pouco acontece. Já na visão dos alunos, 24% dizem que sempre acontece, 26% que acontece muito, 34% que pouco acontece e 16% que nunca acontece. Muito dessa violência sofrida entre a escola e a casa, pode ser atribuída ao contexto social ao qual está inserida a instituição. Como exemplo, a presença de gangues e o consumo de drogas nas proximidades da escola e que estão inseridos no cotidiano daquela comunidade.

O depoimento de alunos e equipe de direção relata que no trajeto casa-escola é onde ocorre o maior número de práticas.

A1 - Muita coisa acontece é lá fora. Tem a “casinha”, eles chamam um monte de gente armada, fica uns de um lado e os outros do outro lado, aí vai só um e chama pra briga...

ENTREVISTADOR: Mas armados mesmo?

A1- Arma mesmo.

ENTREVISTADOR: E vocês já viram?

ALUNOS: Muito, um monte de vezes.

ED - ... no caminho de ida e volta da escola é o que mais acontece. Aqui dentro é mais difícil porque a gente já faz as prevenções. Se alguém ouviu que vai acontecer briga a gente chama logo os envolvidos pra resolver o caso. Tem o livro preto que é tudo registrado diariamente.

O mesmo tipo de análise pode ser feita na questão seguinte, onde:

Casos de violência no entorno (perímetro) da escola:

	1.SEMPRE	2.MUITO	3.POUCO	4.NUNCA
	%	%	%	%
Equipe de direção	-	50	50	-
Professores	20	80	-	-
Alunos	18	32	32	18

TABELA 3 – Frequência com que ocorrem casos de violência no entorno da escola.

Sobre os casos de violência no entorno da escola, 50% dos respondentes da equipe de direção relatam que acontecem muito, enquanto os outros 50% que poucas vezes acontece. 80% dos professores relatam que acontece muito, enquanto os outros 20% que sempre acontece. Com os alunos, 18% afirmam sempre acontecer, 32% que acontece muito, 32% que pouco acontece e 18% que nunca acontece.

Os alunos frisaram bastante que por terem receio das sanções da escola, muitos acabam brigando do lado de fora. Citam inclusive dois casos envolvendo meninas onde no primeiro a menina levou uns tapas porque mexeu com o namorado da outra, ou o “*pé de pano*” na gíria dos alunos; e no outro caso uma das meninas portava uma. Mostram inclusive preocupação com a falta de policiais femininas, porque de acordo com eles são as meninas que carregam as coisas por não serem revistadas. Homem não pode dar “*bacu*” em mulher.

A1 - Violência física a gente vê muito, teve um dia que a gente tava na quadra e viu um menino que apanhou, desmaiaram ele na quadra ali fora.

Outro dia teve um menino que apanhou de quatro homens bem grandão, porque confundiram ele com um outro que tinha puxado a calcinha de uma menina.

ED - O que acontece aqui nessa comunidade é que nós somos vigiados. Nesse início de ano vinha duas meninas ex-alunas pra frente da escola pra tomar os tênis e as roupas das outras meninas, inclusive estão presas. E a gente passa isso tudo pro Batalhão; não sei quantos ofícios eles têm lá. Porque a gente pede um policial efetivo pra manha e pra tarde e nós nunca temos; nós temos dois que se vier na segunda não vem na terça; e aí quem tá do lado de fora eles observam que aquele policial está num dia e no outro não... então vai pra frente da escola pra atrapalhar.

D – Nesse ano, no final do turno da tarde pra poder não ter problema na rua eu solto as turmas de um bloco dez minutos antes vou lá pra

fora com o coordenador pra fazer o que eu costumo chamar de prevenção, depois vou soltando as outras de uma em uma. Quando dá o horário, tem um pouquinho de turma e não tem mais aquele tumulto e quem tá lá fora acha que os meninos já foram embora. É uma estratégia nossa porque senão tem problema na escola todo dia.

Percebe-se que em alguns casos que a escola se vê obrigada a mudar a dinâmica de funcionamento, inclusive com acúmulo de funções. É onde mora o perigo, pois coordenador e diretora, dependendo do dia, exercem papéis de porteiro e policial; tudo para evitar a aglomeração de pessoas em frente à escola.

Brigas entre os alunos:

	1.SEMPRE	2.MUITO	3.POUCO	4.NUNCA
	%	%	%	%
Equipe de direção	20	80	-	-
Professores	20	60	20	-
Alunos	36	30	24	10

TABELA 4 – Frequência com que ocorrem brigas entre os alunos.

Equipe de direção e professores concordam quanto às brigas entre os alunos acontecerem muito na escola; 80% da equipe direção e 60% dos professores. Já para os alunos, predominou a resposta onde sempre acontecem brigas entre alunos, seguida de 30% para acontece muito, 24% acontece pouco e 10% que nunca acontece.

Mas é durante os relatos que se tem noção de que esses dados podem mudar facilmente, impressionando inclusive pela crueldade com que são realizados. Os alunos dizem presenciar brigas que se iniciam por motivos fúteis como visita ao Orkut de outra menina, porque olhou de cara feia, jogou piadas, esbarrou; até brigas de parar no hospital.

A1 - Dois meninos da aceleração, tirou sangue um da cara do outro aqui mesmo no pátio pra todo mundo ver.

A2 - Assim a menina passou e esbarrou na outra, aí ela foi reclamar e a outra falou que ia bater, xingou até a menina e deu um tapa na cara dela. Não aconteceu mais nada porque ela não reagiu, porque se ela reagisse tinha um bando de meninas, umas 5 só esperando pra bater em uma só.

A3 - *Já vi um menino arrastando uma menina que bateu com a cabeça na lixeira e desmaiou, menino correndo atrás do outro com estilete.*

P - *Eu tive um caso que fui levar a turma justamente nessa quadra aqui fora pra jogar, e teve um menino (13anos) que na aula anterior pegou e mexeu com a menina, puxou a calça dela... aí parece que ela ligou pros tios dela e quando a gente estava descendo pra cá, desceram três adultos correndo na direção dele e já começaram a bater... fui tentar separar mais eram três caras e armados. O policial tentou mandar eles encostarem, mas eles entraram num carro e saíram. Eles vieram armados pra eliminar mesmo o menino.*

Porém, relato que nos faz pensar que crianças e até jovens são capazes de tamanha crueldade, é o do policial que mesmo com muitos anos de experiência confessa ter ficado chocado com tamanha frieza e maldade vindo, ainda por cima, de uma menina:

PM - *A situação mais chocante que eu já presenciei foi uma aluna esfaqueando um outro aluno, uma menina na porta da escola. Recebemos o chamado de briga generalizada e quando chegamos tinham vários alunos incentivando a briga, incentivando a violência, e quando chegamos pensamos que era aluno socando o outro e não era; tinha uma menina de 14 anos sentada no chão porque ela já tinha perdido as forças e a outra segurando no cabelo e com uma peixeira esfaqueando a outra. Nós separamos a briga, socorremos a menina, e nos deslocando de Santa Maria pra delegacia na Asa Norte, eu muito curioso com tanta violência, uma menina linda que aparentemente não mostrava ter esse tipo de ato, eu perguntei pra ela: fulana você se arrepende do que fez, tem noção do que te aguarda na delegacia? Do que me aguarda mais ou menos eu sei, que eu vou ficar presa... e, eu me arrependo sim. Aí eu pensei, poxa algo de bom tem nessa menina, mas era só uma reticências, ela não tinha terminado a frase. Ela continuou e terminou a frase: me arrependo de ter pego na hora da saída da escola,, escolhi a hora errada, eu tinha que ter pego ela sozinha, só eu e ela; aí eu ia ter conseguido matar ela. E ela repetiu friamente isso pro delegado. E tudo isso por um motivo fútil, a alegação dela: ela tomou meu homem. E nós descobrimos depois que o namoradinho dela era um traficante da área que a estava levando para prática de drogas.*

Outro fato que ocorreu aqui no Gama e que foi muito noticiado foi o de duas meninas que espancaram uma outra e ela chegou a ser internada com problema no baço. Começou depois de uma briga dentro da escola.

PM2 - *Lá em Santa Maria, uma menina tinha uma ganguezinha aí espancou uma outra menina. Levamos pra DCA e curiosidade, a mãe nem apareceu, porque a gente conduz pra lá e o responsável que tem que buscar, mas ela não foi. A menina foi transferida de*

colégio e um tempo depois de novo se envolveu numa briga. Levamos novamente pra DCA e a mãe não apareceu também. Aí essa menina se envolveu uma terceira vez, só que agora ela era a vítima; só que aí rapidinho a mãe apareceu pedindo providências.

Mesmo atribuindo um segundo lugar nas práticas ocorridas no ambiente escolar, perdendo apenas para as agressões verbais, as agressões físicas entre alunos são em número considerável e por serem mais visíveis do que os xingamentos por exemplo, têm maior percepção por parte de alunos, professores, equipe de direção e policiais.

Xingamentos entre os alunos

	1.SEMPRE	2.MUITO	3.POUCO	4.NUNCA
	%	%	%	%
Equipe de direção	66	34	-	-
Professores	80	-	20	-
Alunos	50	16	22	8

TABELA 5 – Frequência com que ocorrem xingamentos entre os alunos.

No item xingamentos, equipe de direção em sua grande maioria acredita que sempre acontecem, seguido de 34% dos que dizem acontecer com muita frequência. Os professores 80% também afirmam sempre acontecer, tendo 20% das opiniões que pouco acontecem. Em relação aos alunos, metade deles diz sempre acontecer, seguido de 22% pouco, 16% muito e 8% que nunca presenciaram.

Só a título de ilustração, são citadas as ocorrências de xingamento entre alunos, pois a mesma já foi discutida mais profundamente anteriormente no trabalho. Vale citar aqui que, apesar do item ser destinado a xingamentos entre alunos, não deixou de se evidenciar que tal fato ocorre também em relação aos professores.

A1 - Tinha um professor que era chamado de “viado” pelos alunos e até saiu da escola, parece até que ele brigou com um dos alunos.

ENTREVISTADOR: A que se deve o desrespeito com o professor?

A2 - ... ah tem professor que merece os apelido... tipo assim, pra você ser professor tem que ser ruim, porque se for bonzinho demais eles não te respeitam, montam em cima... Tem professor aqui que é de boa, é o mais bacana, mas os alunos confunde e acha que pode fazer o que quer com ele; mas ele já tá estourando....

A3 - Teve um professor aqui que era tipo do interior e só porque ele tinha um sotaque diferente, o pessoal ficava rindo dele.... ninguém prestava atenção na aula, ficava assobiando dentro da sala e ele pedia pra parar e mesmo assim ninguém obedecia... acabou que ele saiu da escola.

Agressões verbais são comumente tratadas entre os alunos como brincadeiras corriqueiras e sem a intenção de maltratar. Só que como comprovado no item que versa sobre agressões verbais, de tão banalizados que ficaram os tratamentos entre esses alunos, fazem parte do seu cotidiano e deu linguajar; configurando uma nova forma de comunicar-se. Mas acontece que de tão comum, acabam dando igual tratamento em se tratando de professores. Durante as observações, percebeu-se essa tola necessidade de sempre estar atribuindo um apelido, de preferência bem pejorativo, que chame mais atenção que o outro que colocaram; não deixando de escapar nem o professor.

Ameaça entre os alunos

	1.SEMPRE	2.MUITO	3.POUCO	4.NUNCA
	%	%	%	%
Equipe de direção	50	35	15	-
Professores	60	20	20	-
Alunos	50	28	16	6

TABELA 6 – Frequência com que ocorrem ameaças entre os alunos.

A maioria das opiniões dos alunos, professores e equipe de direção se fazem presente na frequência sempre, tendo os outros votos divididos entre as frequências muito e pouco. Somente 6% dos alunos dizem nunca ter acontecido ameaça entre alunos. As ameaças configuram outro tipo de prática muito freqüente entre os alunos e disputam posição com o roubo na caracterização das ocorrências feitas na escola.

A1 - Tinha um menino aqui ano passado que todo dia me ameaçava e eu tinha que dar dinheiro; ele falava: trouxe o dinheiro, trouxe o dinheiro...

A2 - Agora mesmo na hora do intervalo a gente tava encostado ali aí chegou uns meninos e acertou com uma varetinha em nós, tipo intimidando.

A3 - *O porteiro daqui sofre bastante com meninos, é xingamento, às vezes tacam pedra nele porque ele não deixa entrar no colégio...*

PM - *Nós temos as ameaças até mesmo contra policial. Eu fui ameaçado dentro da escola. Peguei um menino, 13 anos de idade, com drogas e ele falou; vou pegar, vou te dar um tiro na tua cabeça, vou atirar e quando você tiver no chão vou dar um tiro na tua cabeça. Quer dizer, se não tem respeito nem com um policial, imagine com um professor ou diretor.*

Recordo-me que em uma determinada escola aqui mesmo em Santa Maria, a vice-diretora sofreu ameaça por tentar coibir a presença de alunos que faziam o tráfico dentro da escola; dizendo que iriam atear fogo nela. Percebe-se que as ameaças não distinguem idade, profissão e muito menos a forma como agir. Pode ir desde uma extorsão, passando por uma posterior agressão, até chegarmos a uma ameaça de morte.

Furto entre os alunos

	1.SEMPRE	2.MUITO	3.POUCO	4.NUNCA
	%	%	%	%
Equipe de direção	50	35	15	-
Professores	40	40	20	-
Alunos	38	32	16	14

TABELA 7 – Frequência com que ocorrem furtos entre os alunos.

Apesar de apresentar um equilíbrio de opiniões em relação aos furtos ocorridos no interior da escola, a maior parte dos votos concentrou-se na frequência sempre. Isso acaba sendo comprovado através dos depoimentos. Os celulares e materiais escolares mostraram ser a preferência daqueles que fazem tal prática.

A1 - *Acontece também muito roubo de celular. As vezes chega com arma, faca, tesoura, estilete, ou até mesmo fala que a gangue vai pegar*

A2 - *Acontece mais roubo aqui, eles entram pelas janelas na hora do intervalo; roubaram o celular da professora de português. Eles chamam lá pro final do corredor aí ameaçam e tomam seu celular, ou até mesmo andando assim tomam, puxam do seu bolso; ou então eles avisam lá fora quem é que tá com celular, aí na hora da saída..... é informação aqui mesmo de dentro da escola.*

A3 - *Caso de roubo também acontece aqui, aconteceu comigo, roubaram meu celular ali no bebedouro, fui beber água aí tinha uma menina do meu lado, eu tava com o celular no bolso, aí puxaram o celular, aí quando olhei pra trás tinha uma menina; filmou e tudo, só que nas câmeras não dá pra ver quem pegou não.*

A4 - *Tem aqui muito roubo dentro de sala, de material, lápis, caneta, dinheiro...*

ED - *O roubo e o furto acontecem muito dentro da escola, é de material, de qualquer coisa que ficar em cima da mesa.... e roubo também de fora pra dentro, porque as salas que ficam do lado de lá, na hora do intervalo carregavam tudinho pelas janelas... se era uma mochila bonita, tirava tudo e levava só a mochila.... agora não roubam mais porque eu tive que colocar tela moeda lá.... porque não ficava nada em cima das carteiras... o que estivesse ao alcance e encostado na parede próximo à janela quando acabava o intervalo e chegava lá não tinha mais nada.*

Nem mesmo os professores são poupados dos roubos acontecidos, e mostram serem vítimas de seus próprios alunos, funcionando como uma espécie de crime organizado, através de contatos e informações a respeito do que possuem e horários propícios para atuar.

A1 - *O professor S. tinha um equipamento de áudio, reprodutor de imagem, aí os cara daqui de dentro sabia que ele tinha e já avisaram pros outros lá fora entendeu, aí ficaram esperando ele lá fora e quando ele saiu roubaram ele e ameaçando e tudo, tipo professor tem isso eu vou roubar dele, aí no outro dia os aluno começaram a rir da cara dele.*

A2 - *Teve um outro professor também que roubaram a moto dele e bateram nele, era professor da aceleração, na hora que ele saiu da escola...*

ENTREVISTADOR: *E era aluno aqui da escola?*

A3 - *Era o irmão de um aluno, da mesma forma, ele avisa lá fora...*

Apesar de constatada a presença de integrantes de fora da escola, a maioria dos furtos é protagonizada pelos próprios alunos e geralmente ocorrem em períodos onde a vigilância parece ser mínima, como horários de intervalo, atividades extraclasse; não deixando de ocorrer dentro das salas mesmo sob a supervisão de seus donos.

Consumo de drogas ilícitas pelos alunos da escola

	1.SEMPRE	2.MUITO	3.POUCO	4.NUNCA
	%	%	%	%
Equipe de direção	-	17	83	-
Professores	-	-	80	20
Alunos	12	8	38	42

TABELA 8 – Frequência com que ocorre o consumo de drogas ilícitas por alunos da escola.

Para o questionamento acima, não será feita uma discussão mais aprofundada a respeito das ocorrências de consumo de drogas ilícitas por alunos na escola, pois a mesma foi realizada anteriormente. O que cabe ressaltar aqui é que pelos dados do questionário, a maioria dos participantes fica entre as frequências pouco e nunca ocorrem; diferentemente das opiniões coletadas a partir dos grupos focais, em especial dos alunos. A presença de drogas como cigarro, maconha e bebida alcoólica era constante, principalmente nos horários de intervalo tendo como ponto de encontro a famosa pracinha. O desconhecimento por parte de professores e equipe de direção, mostra que é eficaz a estratégia dos alunos de posicionar-se no final dos corredores, longe da lente das câmeras.

Pichação ou depredação da escola

	1.SEMPRE	2.MUITO	3.POUCO	4.NUNCA
	%	%	%	%
Equipe de direção	50	50	-	-
Professores	60	20	20	-
Alunos	32	38	16	10

TABELA 9 – Frequência com que ocorre pichação e depredação da escola.

No que diz respeito às pichações e depredações da escola, a equipe de direção se divide entre a frequência sempre e muito. Quanto aos professores, sua grande maioria assinala que sempre ocorrem os casos; enquanto os alunos relatam

que acontece muito (4% não responderam). Percebe-se que as freqüências sempre e muito aparecem na grande totalidade, tendo as freqüências pouco e nunca menos assinaladas por todos os participantes. Tudo isso porque alguns citam que os danos ao patrimônio (incluindo depredações e pichações) são realizados pela insatisfação do aluno para com a instituição, seja pelas regras impostas, ou pelas sanções executadas. Esses danos seriam uma forma de se expressarem, de darem voz a algo que os incomoda.

P1 - Eu presenciei numa escola o aluno jogou a cadeira lá de cima com preguiça de dar a volta e descer o andar e quase acertou um outro lá embaixo. Quando eu perguntei: Por que você jogou a cadeira? Ele disse assim: Eu não queria acertar ninguém não, mas é que a cadeira é muito pesada pra dar essa volta toda, então eu joguei. Aí gera o quê também, dano ao patrimônio público, que acontece muito nas escolas, e o aluno tem que ser conduzido.

Apesar de no depoimento do policial, constar que acontece muito o dano ao patrimônio, durante as observações um único episódio foi percebido quando na aula de Educação Física um aluno estava pichando as janelas próximas à quadra. Nenhuma outra situação foi presenciada.

Presença de integrantes de gangues na escola

	1.SEMPRE	2.MUITO	3.POUCO	4.NUNCA
	%	%	%	%
Equipe de direção	16,6	66,6	16,6	-
Professores	20	40	40	-
Alunos	26	22	40	4

TABELA 10 – Freqüência com que ocorre a presença de integrantes de gangues na escola.

Como citado anteriormente, fatores externos à escola podem contribuir para situações de violência dentro da escola. Quando perguntados sobre a freqüência com que ocorria a presença de integrantes de gangue na escola, a equipe de direção teve sua grande parte de marcações na freqüência muito, enquanto os professores se dividiram entre muito e pouco. Quanto aos alunos, 40% acreditam que há pouca presença desses indivíduos em sua escola. Percebe-se uma das dimensões abordadas por Debarbieux apud Abramovay (2002) que associa a

violência a elementos que se originam de fora para dentro das escolas, manifestando-se por intermédio da penetração das gangues, do tráfico de drogas e da exclusão social na comunidade escolar inserida. 8% dos alunos não responderam.

*A1 - Aqui tem muitas gangues. Teve um colega que mexeu com um menino ali, aí quando saiu tinha uma cambada esperando ele lá fora, ele apanhou demais, pegaram ele assim com pedaço de pau, aí quando ele caiu todo mundo foi em cima, dando chute, pisão. No dia anterior esse menino tinha tacado uma pedra na cabeça do outro, aí cortou, tomou ponto e tudo; aí depois veio um montão pra pegar ele. Eles vêm tudo de bicicleta e quando a polícia chega some tudinho.
PM - Cada seguimento é um tipo de ocorrência. Escola classe é uma benção. Escolas de Ensino Fundamental você já vê mais problemas de drogas. No Ensino Médio já muda o foco das ocorrências, tem os grupinhos que ficam se esbarrando pelos corredores e lá fora é que eles resolvem. A gente identifica porque eles são grupos isolados, eles mesmos se isolam. Tem as lideranças... e geralmente eles aliciam os menores... é o caso das acelerações.*

Mas uma nova configuração surge no lugar das gangues, são os grupinhos que ao meu entender possuem a mesma dinâmica das gangues. Na explicação dos alunos, o grupinho funciona mais com um senso de justiça, se fazendo presente para garantir a briga somente entre as envolvidas. Mas complementam que se preciso entram na briga também.

A - Aqui não tem muita gangue não. Tem os grupinhos que se juntam.

ENTREVISTADOR: E isso não é uma gangue?

A - Não, sabe por que, gangue já se junta e vai logo bater na outra pessoa sem nem conversar, os grupinhos eles vê quem tá certo ou errado, vão só para garantir que ninguém vai entrar na briga, só as que caçaram a confusão.

Percebe-se que esses grupos estruturam-se em uma rede de relações eficientes com códigos próprios, sendo seus membros solidários entre si. Ligados em geral à condutas masculinas, aqui é apresentado como características tipicamente femininas com vários sentidos, tendo para as alunas um significado de união informal para defender uma colega por apenas um período de tempo. Mesmo assim, a presença desses grupos pode ser interpretada como um fator que fomenta a insegurança e a de falta de confiança na escola, atrapalhando assim o seu funcionamento.

Comércio ou tráfico de drogas na escola

	1.SEMPRE	2.MUITO	3.POUCO	4.NUNCA
	%	%	%	%
Equipe de direção	-	-	33,3	66,6
Professores	-	-	60	40
Alunos	8	12	22	52

TABELA 11 – Frequência com que ocorre o comércio ou tráfico de drogas na escola.

Equipe de direção e professores oscilam entre pouco e nunca, onde a equipe de direção em sua maioria afirma que nunca ocorreu o comércio ou tráfico de drogas na escola, enquanto os professores têm a maioria dos seus registros na frequência pouco. Para os alunos também na sua maioria, nunca ocorreu tal situação, porém nos grupos focais realizados entre eles apresentam discurso que relatam a presença constante desse comércio e do tráfico no ambiente escolar, como citado no item abordado mais à frente que versa sobre os locais e momentos em que se dão as práticas.

A1 - Quando eu tava na 6ª série teve uma menina que foi pega com uma faca e droga na mochila; ela saiu algemada e tudo....

A2 - Drogas acontecem aqui sim, não é toda hora. Em primeiro a agressão física, segundo as ameaças e depois as drogas.

PM - Nós tivemos um caso no Recanto das Emas, a festa do chamado “bolo doido”, essas festas são regadas a drogas, bebidas e sexo. A guarnição do Batalhão Escolar chegou e encontrou um casal em pleno ato sexual; eles estavam tão drogados que o policial teve que chamar várias vezes e nem viu que era um policial que estava ali; foi preciso tirar ele na marra de cima da aluna.

É importante que se faça uma consideração acerca do consumo de drogas no interior das escolas. Como explanado pelos alunos, o tráfico pode ser atribuído principalmente à localidade em que se insere a escola; podendo se fazer ao redor dos seus muros ou pior, tendo nos próprios alunos os verdadeiros traficantes.

Porte de armas de fogo por parte dos alunos

	1.SEMPRE	2.MUITO	3.POUCO	4.NUNCA
	%	%	%	%
Equipe de direção	-	-	33,3	66,6
Professores	20	-	20	60
Alunos	12	8	28	44

TABELA 12 – Frequência com que ocorre o porte de armas de fogo por parte dos alunos.

Todos os participantes concordam, em sua maioria, que nunca ocorreu dentro da escola a situação apresentada. Porém, como dito anteriormente, torna-se preciso considerar os demais dados que sinalizam tal presença. 8% dos alunos não responderam. Mas, apesar dessa concordância na não ocorrência do porte de armas, nos discursos dos envolvidos percebe-se que essas ações se dão longe do alcance de professores, diretores e policiais.

A1 - Muitas vezes a gente vê coisas muito esquisitas acontecendo e tem que ficar pra nós mesmos...

ENTREVISTADOR: O que são essas coisas esquisitas?

A1 - Ah, os outros com as armas ali no final do corredor, aí chama o outro: vamo ali que eu tenho uma coisa pra te mostrar; porque lá no final as câmeras não tem como enxergar; ou até mesmo nas salas do final dos corredores que fica aberta.

PM - Eu já consegui pegar um aluno armado dentro da escola.

Ao analisar as práticas de violência nas escolas, a presença de armas, tanto de fogo como outras, deve ser considerada por já fazer parte do contexto escolar. Sua aparição foi relatada por alunos, tendo como justificativa a necessidade de imposição à outros ou o sinal de poder e de força de quem a tem.

Debate por parte dos professores sobre o tema da violência

	1.SEMPRE	2.MUITO	3.POUCO	4.NUNCA
	%	%	%	%
Equipe de direção	33,3	50	16,6	-
Professores	40	40	20	-
Alunos	28	16	22	30

TABELA 13 – Freqüência com que ocorre o debate por parte dos professores sobre o tema da violência.

Interessante constatação no que diz respeito ao debate sobre o tema da violência, que para equipe de direção e professores as freqüências sempre e muito predominam, enquanto para os alunos nunca foi proporcionado tal debate. Como é realizado tal debate, precisaria também de um aprofundamento que explicasse essa divergência no assunto. 4% dos alunos não responderam. Nos grupos focais os alunos relatam realmente que poucos professores aproveitam das situações para iniciar uma discussão sobre o ocorrido; os professores assumem que fazem essa discussão ao final das atividades, pois não é possível parar no meio delas; e os policiais afirmam que muitas vezes fazem esse papel no lugar dos professores, mas que quando necessário possuem um programa de palestras na temática.

Demais casos incluíram alunos que pulavam o muro da escola, aprontavam na rua e retornavam à escola, para ter na presença registrada um álibi; as brincadeiras de pique-pega no telhado; as guerras de fruta; e um estupro ocorrido durante os jogos interclasse.

4.2.2 Os dados do Batalhão Escolar

No intuito de confrontar as ocorrências citadas anteriormente, foram coletados dados junto ao Batalhão Escolar sobre a tipificação ou natureza dos casos e a quantidade de ocorrências atendidas, sendo disponibilizados os dados dos anos de 2009 e 2010 até o mês de maio.

NATUREZA	2009	2010
Ameaça	16	06
Ato infracional praticado por criança e adolescente	20	02
Furto em estabelecimento de ensino	02	-
Lesão corporal	22	07
Porte de arma branca e arma de fogo	06	03
Tráfico de substância entorpecente	01	-
Uso e porte de substância entorpecente	19	04
Vias de fato	22	04

TABELA 14 – Quantidade de ocorrências atendidas pelo Batalhão Escolar nos anos de 2009 e 2010 de acordo com tipificação dos casos.

De acordo com depoimento do Capitão do Batalhão Escolar, as ocorrências que no ano de 2009 tiveram um grande índice de práticas com volume considerado de registros; diminuíram significativamente durante os primeiros meses desse ano. Fato importante e que influencia nesses dados, é o não registro das ocorrências, assim como o não acionamento do batalhão por parte de diretores das escolas, o que para os policiais pode representar uma necessidade de camuflagem e mascaramento da situação real da instituição educacional por parte dos gestores.

4.2.3 Locais e momentos em que mais ocorrem

Reconhecer em que ambientes e em quais momentos são constatadas as práticas de violência, pode auxiliar em muito o tratamento realizado por professores, equipe de direção e policiais; assim como influenciam o convívio e permanência dos alunos em determinados locais. Através dos instrumentos de coleta das informações, pôde-se constatar que existe para cada grupo e cada tipo de prática, um determinado momento e ambiente reconhecido por uns ou até mesmo desconhecido para outros.

Unanimidade entre os participantes é que o momento propício para realização dessas práticas é a hora do intervalo. Porém, merece destaque a fala dos alunos, onde citam uma pracinha existente no final de um dos corredores da escola. Nesse local concentram-se as ocorrências de consumo de drogas ilícitas como cigarro, maconha e bebida, furtos e porte de armas. Relatam inclusive que, apesar do circuito de câmeras existente, as árvores encobrem a imagem e os alunos posicionam-se estrategicamente para que não sejam flagrados.

A1 - *Muitas vezes a gente vê coisas muito esquisitas acontecendo e tem que ficar pra nós mesmos...*

ENTREVISTADOR: *O que são essas coisas esquisitas?*

A1 - *Ah, os outros com as armas ali no final do corredor, aí chama o outro: vamo ali que eu tenho uma coisa pra te mostrar; porque lá no final as câmeras não tem como enxergar; ou até mesmo nas salas do final dos corredores que fica aberta.*

A2 - *Acontece mais roubo aqui, eles entram pelas janelas na hora do intervalo; roubaram o celular da professora de português. Eles chamam lá pro final do corredor aí ameaçam e tomam seu celular, ou até mesmo andando assim tomam, puxam do seu bolso; ou então eles avisam lá fora quem é que tá com celular, aí na hora da saída..... é informação aqui mesmo de dentro da escola.*

A3 - *O que mais acontece aqui é a verbal e a física; dentro da sala assim, por coisa besta, xingamento, eles começam a se bater, no intervalo é muito freqüente. Assim a menina passou e esbarrou na outra, aí ela foi reclamar e a outra falou que ia bater, xingou até a menina e deu um tapa na cara dela. Não aconteceu mais nada porque ela não reagiu, porque se ela reagisse tinha um bando de meninas, umas 5 só esperando pra bater em uma só.*

Um segundo ambiente percebido pelos participantes é o portão da escola no horário da saída. Foi constatada uma incidência muito grande de ocorrências neste período e local, motivado inclusive por fatos que ocorreram ainda no interior da escola durante o horário do intervalo.

A - *Eles discutem no intervalo e brigam na saída. A direção até pede pra falar quando você se sentir ameaçado, mas não adianta nada porque ele só vai tomar uma advertência. Aí ele fala, ah é, só porque você foi na direção vai apanhar mais ainda. Porque se for lá pra fora, a direção não tem como mais tomar de conta, lá fora é lá fora, eles não tem mais nada a ver.*

As salas de aula foram percebidas também como um terceiro local onde presenciam diversas práticas de violência, em especial a agressão verbal; não deixando de culminar em posteriores ameaças e agressões físicas.

ED - *A violência verbal acontece muito dentro de sala também porque os alunos não respeitam mais ninguém, nem o professor, os funcionários, os colegas de sala.*

PM - *Um aluno uma vez jogou o leite do lanche todo no chão e disse que ninguém iria lanchar naquele dia. Uma vez também o professor chamou atenção de um aluno e quando virou pro quadro o menino acertou uma cadeira nas costas dele.*

Demais locais citados, em especial pelos policiais, consistiam em *lan houses*, paradas de ônibus ou qualquer outro local fora do raio de ação do Batalhão Escolar, representado por 100m do perímetro escolar.

4.2.4 Meninos ou meninas?

Uma questão que despertava curiosidade era saber se existia um predomínio ou diferenciação de gênero entre as práticas ocorridas nas escolas. De acordo com os dados há um predomínio de determinadas práticas por um gênero, diferenciando o modo de agir, a forma com que são iniciados, as atitudes tomadas e os desfechos.

Segundo o questionário, obteve-se o resultado abaixo:

Quem você considera ter atitudes mais violentas na sua escola?

	Meninos	Meninas	Ambos são violentos
Equipe de Direção	01	01	04
Professores	01	-	04
Alunos	26	04	18
TOTAL	28	05	26

TABELA 15 – Resultados acerca da consideração quanto a atitudes violentas entre meninos e meninas na escola.

Quando perguntados sobre quem consideravam ter atitudes mais violentas na escola, predominaram as respostas considerando os meninos como os que mais teriam tais atitudes, seguido, quase que na sua igualdade, por ambos os gêneros. Poucos foram os que consideraram nas meninas as protagonistas de tais atitudes. 02 alunos não responderam.

Interessante notar que nos grupos focais tal informação é totalmente contrária, tendo as meninas como principais atuantes nas ocorrências. Tanto alunos, quanto professores e policiais concordam que os meninos também têm sua parcela de contribuição, porém predominam as meninas na maioria dos casos. Suas condutas são variadas e vão desde o simples xingamento, passando pelas ameaças e agressões físicas, até a formação de gangues como mostram os depoimentos a seguir:

A1 - Menino é bater mesmo, mas menina elas arruma confusão aqui dentro do colégio e se a gente falar alguma coisa, porque a gente fica constrangida né, assim o povo começa a vaiar a gente, se falar alguma coisa elas batem lá fora. Mais é mais coisa de menina, muita menina até de fora da escola, coisa de gangue mesmo.

A2 - *A gente fica medindo as coisas pra fazer, por exemplo, se elas tão num corredor a gente fala, não, vamos voltar pra não passar por elas. Se pisar no pé já querem bater, qualquer coisa boba já se transforma assim num negócio estrondoso.*

A3 - *Na hora do intervalo vem meninas e esbarram na gente, por causa de tipo de cabelo, de pele; xingaram a M. porque ela era muito branca. Se você tem um cabelo cacheado aí falam: ô cabelo ruim. Elas xingam aí se você revidar elas partem pra cima.*

A4 - *O que eu mais vejo aqui é menina brigando. Mas é por causa de ciúmes.*

ED - *Agora, esse ano eu percebo que as meninas estão mais violentas que os meninos; porque elas fazem grupos pra ameaçar os outros. Os meninos quando vão brigar é um contra um, só eles; já as meninas juntam três quatro pra pegar a outra.*

PM - *É mais entre mulheres. Antigamente a gente via os homens, mas hoje quando a gente é chamado, já vai até preparado pensando que é homem, mas é mulher brigando. Isso sempre por causa de namorado.*

Verifica-se uma significativa mudança do comportamento feminino em especial às manifestações de sexualidade. Uma inversão de valores; onde os homens apareciam nas brigas e disputas pela mulher, hoje protagoniza a mulher nessa cena. Os policiais deixam isso claro quando dizem que em suas ocorrências envolvendo alunas, ao serem questionadas sobre os motivos alegam que a outra mexeu com seu marido, com seu macho; e que muitas vezes esses são traficantes influentes da área.

Com o estudo de Abramovay (2009) fica claro a visibilidade adquirida nas manifestações de agressividade e envolvimento em práticas violentas por parte dos alunos de escolas do Distrito Federal. Porém, mesmo considerando as práticas relacionadas ao público feminino, é no público masculino que se concentram as respostas e opiniões dos participantes do referido estudo; diferentemente do que foi constatado aqui, onde a unanimidade é representativa do público feminino, não desconsiderando logicamente a contribuição masculina.

4.2.5 Medidas tomadas nos casos de violência

Para cada prática de violência uma atitude é tomada, levando em consideração o tipo de ocorrência e a gravidade do fato. Mas vale lembrar que a interpretação do que considerar como passível de sanção leva em consideração o

olhar de quem a está aplicando. Durante a explanação do item a seguir, esses olhares se fazem presente nas figuras de alunos, professores e equipe de direção.

No geral, que tipos de medidas são tomadas pela escola quando há casos de violência?

-) promove-se um acordo entre as partes
-) são aplicadas sanções disciplinares
-) evita-se tomar medidas por temor de represálias
-) são adotadas medidas preventivas
-) solicita-se a intervenção de representantes da polícia (Batalhão Escolar, DCA, etc.)
-) dependendo do caso, o aluno é transferido.
-) nenhuma das anteriores

Pergunta feita através de questionário à equipe de direção e professores, contou com a totalidade afirmando que é solicitada a intervenção de representantes da polícia (Batalhão Escolar, DCA, etc.) como medida tomada na ocorrência de casos de violência. Afirmação seguida da noção de que é preciso mais polícia e policias para o enfrentamento da violência que toma conta das escolas, deixando assim de ser tratada por vertentes pedagógicas e assumida como problema específico de segurança pública.

A questão levantada sobre as propostas surgidas para o tratamento da violência dentro das instituições escolares, centradas exclusivamente na ação policial, fica evidente na fala dos participantes. Um segundo dado, também presente em grande parte das respostas, atribui a aplicação de sanções disciplinares, seguido da possibilidade de transferência do aluno envolvido nos casos de violência dentro do ambiente escolar.

Nos grupos focais as falas foram melhor interpretadas, possibilitando por parte dos participantes uma exemplificação dos procedimentos adotados em algumas situações. Se nos questionários a presença da polícia era a primeira medida adotada, nos grupos percebeu-se uma abertura para o diálogo e acordo entre os envolvidos, ficando a intervenção policial em segundo plano. Tal confronto entre atitudes tomadas pode se dar novamente pela noção primeira de violência atribuída pelos respondentes do questionário, podendo suas práticas serem interpretadas unicamente como casos de polícia.

Os professores mostraram autonomia nas medidas utilizadas para amenizar os problemas encontrados em suas aulas, sendo a direção da escola acionada quando percebem que a conversa não traz mais resultados.

P1 - Conversa no caso de agressão verbal. No caso de agressão física eu trago pra direção porque pode acabar levando lá pra fora. Se percebo que na conversa resolveu a situação tudo bem, mas se percebo que querem levar pra frente o caso aí eu levo pra direção.

P2 - Na sala de aula se acontece é mais fácil de parar a atividade e discutir sobre o caso, mas na aula prática não tem como, eles estão o tempo todo na ativa. Você tá no meio de uma atividade e acontece alguma coisa, ameniza na hora e volta pra atividade; aí depois no final da aula pára pra conversar por que aconteceu aquilo. Eu só trago na direção em ultimo caso.

ED - Na direção tem que seguir os procedimentos legais. Primeiro conversa, mas não deixa de registrar no livro preto, se o caso for complicado a gente já chama a família; já dá uma suspensão com tempo indeterminado, ou seja, se ele brigou de manhã e a mãe vem à tarde, está liberado e, caso não passem pra família, ele continua de suspensão, até porque a gente não sabe até que ponto vai essa briga; se vai ter revanche fora. Mas muitas vezes a gente resolve na conversa.

Mas se no questionário dos alunos não constava o item acerca das sanções disciplinares, suas idéias e opiniões se fizeram presentes nos grupos focais. E considerações devem ser feitas a respeito de como os alunos encaram o cumprimento das regras estabelecidas pela escola. Entende-se aqui por regras, os valores considerados comuns e conhecidos por todos, estabelecendo comportamentos esperados a cada momento e que se fazem presentes nas interações sociais.

A1 - Existe regras mas os alunos não cumprem. Se tem regras tem que ser para todos. Antes não podia vir de boné, só entrava com uniforme, não podia celular dentro de sala, só era autorizado sair no 2º e 5º horário. A regra ainda existe só não funciona mais.

A2 – Quando é briga, primeiro chama os pais; mas depende da briga. Teve uma que chamaram a polícia e o aluno só saiu quando a polícia chegou.

A3 - Quando é briga eles chamam logo o Batalhão, até conversa pra ver quem começou e porque bateu na outra, mas só depois que o batalhão chega. Tudo pra eles é assim, é Batalhão, DCA, é polícia...

ENTREVISTADOR: E já teve algum caso desse aqui de ter que chamar o Batalhão?

A3 - Já, teve uma briga entre duas meninas e uma chamou outras quatro, e aí foi maior confusão, e as duas foram parar na DCA; mas a que foi expulsa foi a que estava sozinha. Por isso é que eu acho

que deve ser resolvido dentro da escola, só se for caso assim mais grave, de morte é que tem que chamar a polícia.

A4 - O que acontece lá na direção é que eles querem resolver tudo gritando, fica um monte de gente gritando, a gente tá errado, mas ficar gritando não vai ajudar a resolver, já tá todo mundo nervoso porque acabou de sair de uma briga.

Na interpretação dos alunos, as regras foram impostas pela escola no início do ano letivo, e já estabelecidas só funcionaram nesse curto período. Apesar de todos terem conhecimento de quais são essas regras, não existe o devido cumprimento por parte deles; mas se mostraram interessados em participar na elaboração das mesmas. Interessante observação se faz quando um trabalho em conjunto com os alunos, respeitando suas opiniões e idéias, é seguido; e esse cumprir ou não determinadas regras pode ser diferente se considerados os diferentes atores presentes nessa dinâmica. Outros argumentos consideraram a raridade com que acontecem discussões a respeito do assunto da violência e, quando acontecem, ou é por iniciativa do professor ou a partir de algum comentário feito pelo aluno.

A violência, enquanto fenômeno social e histórico, deveria ser objeto de estudo e reflexão na escola, porém constata-se na fala dos alunos que em casos de agressões físicas a reflexão cede lugar à repressão dada pela presença da polícia no seu interior, e à punição através da aplicação das sanções disciplinares. Como será discutido no próximo item, a realidade das escolas hoje acaba interferindo no fazer pedagógico, em especial no uso de sanções disciplinares, onde as figuras do professor e diretor perdem autoridade na resolução dos problemas, não restando outra alternativa a não ser o uso do aparato policial.

4.3 BLOCO III

4.3.1 Polícia e escola

Por ser a violência esse fenômeno multifacetado, possibilitando variadas interpretações, e a escola estar no centro dessa discussão; existe uma tendência em considerar a polícia ou o policial um novo componente no fazer pedagógico destas instituições. Nem sempre essa nova configuração é percebida como um fator importante nas considerações acerca das práticas de violência na escola, podendo influenciar no entendimento dos papéis desenvolvidos tanto por polícia quanto pela

própria escola. O que foi percebido a esse respeito é que o papel da polícia, ou melhor, a presença de um policial na escola configurou-se como fundamental para maioria dos respondentes, prevalecendo o discurso pela ordem e segurança.

Através do questionário obteve-se o seguinte resultado:

Qual a sua opinião sobre a presença da polícia dentro da escola?

EQUIPE DE DIREÇÃO

ED1	<i>“Ajuda nos momentos em que a situação fica complicada ao ponto de necessitar da presença de um policial.”</i>
ED2	<i>“Bom, pois com a presença da polícia que são treinados para trabalhar com pessoas violentas, nós nos sentimos mais seguros com a presença dos policiais na escola.”</i>
ED3	<i>Nos sentimos seguros quanto ao policial dentro da escola, mais a necessidade de rondas policiais ao redor da escola, pois tanto a escola como os moradores do local terão mais segurança.”</i>
ED4	<i>“Dá uma sensação de segurança para os funcionários e alunos também”</i>
ED5	<i>“Transmite uma preocupação em melhorar as atitudes dos alunos.”</i>
ED6	Não respondeu

QUADRO 5 – Opinião da equipe de direção sobre a presença da polícia dentro da escola

PROFESSORES

P1	<i>“Ótima.”</i>
P2	<i>“É importante.”</i>
P3	<i>“É necessário. Era preferível não precisar ter 1 policial dentro da escola tomando conta dos alunos, mas já que acontece, acaba sendo útil. Coíbe um pouco as brigas dentro da escola.”</i>
P4	<i>“Todas as escolas tem que ter um batalhão escolar, nos ajuda bastante com os alunos que são mais alterados e nos da maior tranqüilidade em relação a violência na comunidade escolar”</i>
P5	<i>“Um bem necessário.”</i>

QUADRO 6 – Opinião dos professores sobre a presença da polícia dentro da escola.

ALUNOS

A1	<i>“Bom por que nos defende de brigas mais elas são pesimas”</i>
A2	<i>“Não tem quase nenhum, so quando tem brigas na escola.”</i>
A3	<i>“Bom, porque quando tiver briga eles podem separa.”</i>
A4	<i>“Ter mais policial na escola”</i>
A5	<i>“Me sinto seguro”</i>

A6	<i>“Boa para não deixar brigar”</i>
A7	Não respondeu
A8	<i>“É muito bom para acabar com a violência”</i>
A9	<i>“É muito ruim porque em vez de dar exemplo eles batem em pessoas dentro da escola. Pessoas que tentam entrar sem ser da escola.”</i>
A10	<i>“Ela é muito bom.”</i>
A11	<i>“Boa”</i>
A12	<i>“Fica mais cauma na escola”</i>
A13	<i>“Bom para os alunos e os professores.”</i>
A14	Não respondeu
A15	<i>“Ruim não podemos fugir”</i>
A16	<i>“Muito pouco por que so tem um”</i>
A17	<i>“Tudo de bom”</i>
A18	Não respondeu
A19	<i>“Não tenho muito o que fala porque eu no tempo em que estudo aqui vi um policia eu acho isso muito errado deveria te mas policiamento nas escola”</i>
A20	<i>“Bom para todo mundo”</i>
A21	<i>“I pra desea” (Ir para a DCA – Delegacia da Criança e do Adolescente)</i>
A22	<i>“E bom por que vai nos guarda”</i>
A23	<i>“Eu acho muito bom porque qualquer coisa o porte de armas, drogas, etc a polícia está aqui”</i>
A24	<i>“É importante para nos por que aí nos sabemos que estamos seguros mas não muito”</i>
A25	<i>“Bom.”</i>
A26	<i>“Acho ótimo.”</i>
A27	<i>“Não tem polícia dentro da escola”</i>
A28	<i>“Não tem polícia dentro da escola.”</i>
A29	<i>“As vezes é bom por que quando tem brigas eles separam.”</i>
A30	Não respondeu
A31	<i>“Eu acho que com a polícia fica mais difícil de brigar”</i>
A32	<i>“Legal para nossa segurança”</i>
A33	<i>“Boa”</i>
A34	<i>“É boa porquê nós aprendemos, sobre drogas, policiais...”</i>
A35	<i>“Muito bom e melhor que não tem brigas no final da aula”</i>
A36	<i>“Muito boa”</i>

A37	<i>“Não tem polícia dentro da escola”</i>
A39	Não respondeu
A39	<i>“Boa por quê pelo menos podemos disser que estamos com segurança.”</i>
A40	<i>“Quase não tem”</i>
A41	<i>“A minha opinião é muito bom que não acontece nem crime e morte nem dentro da escola e nem fora da escola é a minha opinião”</i>
A42	<i>“Muito bom.”</i>
A43	<i>“A presença da polícia na escola é bom por que os alunos ficam com mais medo de brigar mas mesmo assim brigam na saída”</i>
A44	<i>“É uma carnisca” (É uma carniça)</i>
A45	<i>“Não sei”</i>
A46	<i>“Boa.”</i>
A47	<i>“Bom”</i>
A48	<i>“Bom porque se tem briga separa e se entra bandido não deixa e em fim. O policial que tem aqui não faz nada só fica sentado.”</i>
A49	<i>“Bom ele ate que e bom”</i>
A50	<i>“Na minha opinião e bom sim”</i>

QUADRO 7 – Opinião dos alunos sobre a presença da polícia dentro da escola.

O que se nota é que a imagem que equipe de direção, professores e alunos trazem da polícia, quase na sua totalidade, é uma imagem positiva, onde a figura do policial é associado à não ocorrência de brigas e situações conflituosas na escola. Dois aspectos podem ser abordados a partir das respostas dos participantes: um que diz respeito ao quantitativo de policiais para atenderem as escolas e outro quanto à segurança transmitida e o papel do policial. Segundo os professores, a presença da polícia é importante, pois está melhor preparada para resolver os casos de violência, porém o quantitativo é insuficiente para garantir a eficiência dos serviços.

Para os alunos, a presença do policial garante que não aconteçam roubos, entrada de pessoas estranhas e principalmente brigas entre os alunos. Novamente, a idéia da polícia fazendo parte do cotidiano escolar, se dá mais como caráter de repressão do que pela prevenção. Na fala de todos os participantes percebe-se que polícia e escola se tornam uma só instituição, numa relação de dependência, onde se misturam casos de polícia com casos de escola. Apenas dois participantes atribuíram características negativas à figura do policial na escola.

Através dos grupos focais com alunos e equipe de direção, percebeu-se que as falas se localizam entre o discurso de um apoio precário e o da necessidade de presença do aparato policial. No primeiro discurso, são apresentados fatores como ausência do policial ou insuficiente quantitativo; falta de autoridade; inadequado desempenho da função; e omissão; sendo o segundo discurso baseado na presença preventiva e não repressiva; e na garantia de segurança para alunos e professores.

O discurso do apoio precário é constatado através das falas a seguir:

A1 - De vez em quando, só aparece mesmo quando a coisa ficou mais séria.

Só quando chama, quando sabe que vai acontecer uma briga. A menina que estava sendo agredida foi se esconder atrás do policial e ele falou pra ela assim: sai daqui, empurrou ela e aí ela correu.

A2 – Tem um PM duas vezes na semana, mas que não dá conta. Dois já ajudaria, porque um já corre e chama ajuda; mas com viatura, porque senão dão dá conta também não.

A3 - Não adianta nada, ele fica lá parado olhando pras pessoas. Tem gente que passa separando maconha e ele não faz nada. Tem gente que fuma na hora do intervalo.

ENTREVISTADOR: Mas é maconha?

A3 - É, maconha mesmo, se você sair aqui no intervalo e sentar aqui nesse banco e olhar lá pra baixo, a coisa mais comum é gente fumando. Eles pedem é o isqueiro pro porteiro.

ENTREVISTADOR: Na sala também?

A3 - Às vezes na sala; já pegaram um uma vez, mas na hora do intervalo, só vê a fumaça subindo.

ENTREVISTADOR: E o policial não interfere?

A3- Nada. Às vezes vê e nem fala nada. Eles não fazem nada, tinham que agir. Ano passado, tinha policial, e teve uma briga, demorou um tempão pra ele interferir; o menino já tava quase morrendo lá no chão. Ele levantou a arma, falou que ia atirar, fez tudo, e o povo continuou batendo no menino, parece até que não tinha a presença de um policial. A gente só sabe que é um policial por que ele tá com a farda dele, mas não tem muita atuação não. Se ele não tivesse aquela farda é bem capaz dele apanhar também. Eles não tem medo de mais nada.

Ao longo das falas, algumas percepções sobre a presença e atuação de policiais nos ambientes escolares se fazem presente de uma forma negativa, pois o desejo expresso pelos alunos é que se tenha um policial não só presente, mas atuante e que garanta a segurança tanto dentro quanto fora da escola. Constata-se também que a imagem que o policial possuía não é a mesma percebida pelos alunos na atualidade. A visão desse profissional sempre foi associada a um agente de violência, e sua presença sempre negativa; mas a postura antes abusiva e

arbitrária é substituída por uma omissa e sem finalidade. Situações como esta acabam alimentando, principalmente entre alunos, uma imagem negativa do policial.

A1 - Esse policial não serve pra nada, só tá aqui pra dizer que tem. Depois que acabou uma briga aí que foi lá. A presença dele aqui é como se fosse uma pessoa normal, comum, sentado numa cadeira vendo os alunos entrar e sair.

ENTREVISTADOR: *Porque vocês acham que ele não faz nada?*

A2 - Deve ser medo. É importante ter policial aqui pra intimidar, mas não é isso que tá acontecendo. Os meninos aí de outras turmas, pulam o portão, trazem drogas; e eles fazem alguma coisa, não; pode até mostrar assim na cara dele que ele não faz nada. Ele só fica lá na frente, raramente ele vem pra cá e pra beber água, nem roda dentro da escola.

Constantemente é citada a ausência do policial, e quando pedem sua presença a fazem caracterizada por um aspecto repressivo, uma vez que, no discurso dos alunos, se encontra instalado um ambiente de tráfico e consumo de drogas. Observação importante feita por um aluno foi a ausência também de uma policial durante as operações, o que facilitaria a passagem das drogas e demais objetos para as alunas.

A3 - Ele vem duas vezes no mês, quase não aparece aqui. Ano passado eles tavam tomando atitude, mandando o Batalhão revistar e escola toda, dando bacu nos alunos revistando as mochilas, mas foi bom porque pegaram uma menina com droga...

ENTREVISTADOR: *E é comum encontrar esses casos de drogas, armas?* *A4 - Arma não, mas droga já. Ano passado vinham mais por causa das drogas*

ENTREVISTADOR: *Então esse ano não tem mais esses casos?*

A5 - Tem sim, mas é que não tem o policial pra ver. Deveria ter uma policial por que se os meninos vêm que é só homem eles passam as coisas para as meninas.

A6 - Mesmo que não tivesse o problema das drogas mais pesadas, deveria ter policial porque aqui tem as drogas ilícitas, assim como o cigarro, direto a gente vê aluno fumando no intervalo, dentro do banheiro; em todos os lugares tem gente fumando e a direção não faz nada. O que mais tem aqui é gente fumando, as vezes é tão pequeno que a gente fala assim, nossa tão pequeno e já fumando. O meu primo mesmo maior quietinho e foi pego esses dias atrás fumando, aí chamaram a mãe dele e ela ficou maior chateada, porque ninguém na casa dela fuma então ele aprendeu na escola.

P1 - É fundamental, mas tá sendo omissa. É essencial por causa destas questões que nós falamos e principalmente devido a violência de fora pra dentro.

P2 – O problema é justamente esse. Se tivesse o policial ali atuando na prevenção, mas se ainda tiver que ligar, aí já pode ter acontecido um monte coisa. Os alunos já sabem quando eles estão aqui então dificilmente tem problema. As vezes eles tacam pedra aqui pra dentro, mas quando sabe que o policial está aqui já não fazem

O discurso pautado na necessidade da presença do aparato policial nos mostra que predominam sentimentos de medo e insegurança entre alunos e professores, e essa simples presença aparentemente solucionaria os problemas de violências nas escolas.

A1 - É importante sua presença por causa da segurança, não que devia ter muito, mas ter um ou dois aqui dentro pra controlar as coisas aqui dentro; e um na saída.

A2 - Um andando pela escola para ver o que acontece, se tem pessoas fumando, porque as pessoas da direção até vêm mas não falam nada, porque não dão mais jeito, ou tem medo de serem ameaçadas.

Ano passado teve um cara que assaltou e pulou pra dentro da escola, aí ficaram as viaturas da ROTAM na porta da escola. Ele pulou aqui pra dentro, a gente até tava na quadra, aí eles veio com tipo fuzil e sai da frente...

ED – Escola não é lugar para ter polícia, é lugar de ter professor e aluno. Professor bem formado, aluno interessado, comunidade interessada. Mas pensando no que vem ocorrendo não só nessa escola, mas em todas as escolas do país inteiro, é necessário que exista o policial pra inibir os meninos, pra inibir essa violência. Porque no dia em que eles estão a coisa corre tranquilamente, até nós professores a gente se sente mais à vontade, eu não preciso ir lá no portão saber quem está lá na frente. E no dia que não tem ninguém, no final da aula eu tenho que ir pra dar uma averiguada na situação e ver o que está acontecendo. Não deveria ter policial nas escolas, deveria ter muitos projetos sociais. Nós estamos abandonados. Policial não existe, e agora que não vai existir mesmo porque eles estão tirando os poucos que tem. Quando vem aqui na escola é só pra fazer uma ronda no pátio e voltar. Eu tenho telefone de todos os policiais que vem aqui, quando precisa pedir socorro.

A ausência de policiais nas escolas tanto reclamadas por alunos, professores e equipe de direção apresenta sua justificativa através das falas dos policiais que reforçam os depoimentos de um aparato falho o qual necessita ser repensado. Mas associam a esse problema o fato de a escola, incluindo todos os que dela fazem parte, não saber a real finalidade do policial, gerando muitas vezes um choque entre as partes. O trabalho realizado pelo professor não é, e nem deve

ser, um trabalho de polícia; porém o contrário é exigido, onde o policial é chamado para fazer o papel do educador e muitas vezes conselheiro.

PM1 - Se nós não tivermos estrutura operacional, como é que nós vamos atender as escolas. Há um clamor dos diretores, eles tentam nos seduzir: vem pra nossa escola.

PM2 - A nossa função é determinada, nós só podemos agir do portão pra fora. A função do PM na escola é uma ação preventiva, é proteger o patrimônio público, alunos, professores. Ele age tanto dentro quanto fora da escola, mas há certos diretores que tem colegas que nem gostam de trabalhar nessas escolas, porque a direção acha que eles é que são os nossos chefes, nossos comandantes e querem determinar certas ações: olha, faz isso pra mim, faz aquilo... toma o controle, abre e fecha o portão pra mim.

PM3 - Tem direção que chama o policial pra fazer a parte pedagógica, função do orientador pedagógico: ah, tem um fulano ali que tá dando problema na sala de aula, conversa com ele lá pra mim... isso não é o papel do PM, a gente as vezes até faz porque sabe que se conversar com ele é menos problema pra nós; ele na maioria das vezes ouve mais a gente. Tem escola que separa bem, mas tem outras que quer que seja o orientador pedagógico. Dependendo da escola, da direção, há realmente essa mescla, essa confusão.

Para os policiais, falta estabelecer uma divisão de papéis e definir realmente o campo de atuação de cada profissional envolvido nessa dinâmica complexa, sugerindo inclusive um trabalho efetivamente conjunto entre escola, comunidade, pais e polícia. Além de serem chamados para evitar ou controlar ataques dos diversos tipos, acabam intervindo em questões, por exemplo, de indisciplina dos alunos, e essa transferência da responsabilidade pode decorrer de um desconhecimento do papel que a polícia deve realmente desempenhar na escola. Mas quando perguntados sobre sua autonomia dentro da escola nos casos ocorridos, os policiais afirmam saber diferenciar o que é papel da escola e o que passa a ser de incumbência da polícia; mesmo que a atuação de um e de outro seja separada por uma tênue linha.

PM1 - Se aconteceu um ato infracional dentro e fora da escola, a polícia tem a sua legitimidade de atuar independente da administração da escola. Aborda, separa a briga, identifica e encaminha pra direção; se necessário encaminha à DCA. Há uma linha muito tênue entre o que é ato administrativo da escola e o que é ato infracional. Por exemplo, um aluno bateu no outro, pode ser resolvido na escola, mas não deixa de ser ato infracional; se um pai quiser representar aí tem que levar pra DCA.

ENTREVISTADOR: *Como vocês distinguem o que é caso da direção o que da é para encaminhar à DCA?*

PM2 - *A gravidade da ocorrência. Por exemplo, brigou ali e ninguém se machucou, chama os pais e resolve na direção mesmo. Mas se quebra o braço de um menino, aí já é lesão corporal; tem que ser feita a representação, tem que levar pra DCA. Mas a gente sempre passa pela direção, pra pegar os dados do aluno, comunicar os pais, isso já é de praxe, mesmo que aconteça fora da escola. A direção vai fazer o elo de ligação entre polícia e pais.*

Torna-se necessário saber a opinião da comunidade escolar a respeito da presença do policial, uma vez que o apelo por tal presença é cada vez maior. Mas independentemente da leitura feita é notória a constatação de que o policial é figura já incorporada ao cotidiano de muitos estabelecimentos de ensino; sendo apontado inclusive como alternativa para solução dos problemas de segurança, violência e indisciplinas ocorridos em seu interior. A escola, antes representada por um território protegido, passa a ser alvo dos mais diversos tipos de ataque, e ao tentar evitar ou controlar esses, acaba recorrendo à polícia.

Mas ao criar tal expectativa os resultados podem não ser muito positivos, pois nesse processo podem existir perdas de referenciais já conhecidos, tanto na figura representativa da autoridade na escola, quanto no papel desempenhado pelos professores. Mais do que nunca essa nova configuração da dinâmica escolar, em todos os aspectos até o momento citados, acabam por desqualificar a autoridade existente em funcionários, professores, diretores e porque não dizer na própria polícia.

4.4 BLOCO IV

4.4.1 As aulas de Educação Física

Resgatando o objetivo principal do estudo, procurou-se verificar “se”, “quais” e “por que” ocorrem práticas de violência nas aulas de Educação Física. Para tanto, foi necessária uma compreensão das dinâmicas envolvidas na escola, as relações desta com a comunidade, assim como os que figuram nesse cenário; possibilitando com isso entender o próprio ambiente das aulas de Educação Física. As análises dos questionários, dos grupos focais e observações permitiram uma melhor compreensão dos aspectos envolvidos nas práticas de violência relatadas.

O item do questionário versava sobre a frequência com que ocorria, durante as aulas de Educação Física, algumas situações descritas no quadro abaixo. Ao analisarmos as respostas obteve-se o seguinte resultado:

	Nunca (%)	Às vezes (%)	Muitas vezes (%)
AMEAÇAS	14	52	30
PROVOCAÇÕES	10	34	42
XINGAMENTOS	2	18	76
HUMILHAÇÕES	18	48	30
AGRESSÕES FÍSICAS	30	44	22
FURTOS	38	32	22
DANO AO PATRIMÔNIO	38	30	22
DESRESPEITO ÀS PESSOAS	22	38	28
USO/DISTRIBUIÇÃO DE DROGAS	60	18	14
PORTE DE ARMAS	48	20	10
OUTRAS SITUAÇÕES	-	-	-

TABELA 16 – Frequência com que ocorrem as práticas de violência nas aulas de Educação Física.

Percebe-se no relato dos alunos quanto à presença das situações acima descritas, que as provocações e os xingamentos acontecem muitas vezes durante as aulas de Educação Física. As ameaças, humilhações, agressões físicas e desrespeito, para a maioria dos alunos, têm ocorrido somente às vezes; e os furtos, dano ao patrimônio, uso/distribuição de drogas e o porte de armas nunca aconteceram. Outras práticas envolveram o consumo de bebidas.

Igual constatação em relação às agressões verbais foi percebida durante as observações e os grupos focais. Os xingamentos e ofensas dirigidas por alunos contra outros alunos ou até mesmo aos professores, caracterizou-se como uma constante nas aulas, que de tão comum, passa a ser interpretada como normalidade.

A1 - O que acontece mais é agressão verbal assim no futebol... até nos profissionais acontece, você vê muito jogador assim xingando o outro...

ENTREVISTADOR: E isso é normal?

A1 - ... é sim normal, acontece direto, os cara do mesmo time briga, fez um passe errado xinga.

A2 - Acontece até com o professor, por exemplo, os alunos quer jogar futsal e o professor quer ensinar vôlei, aí eles xingam o professor... “que nada, só quer ensinar vôlei, isso é coisa de viado”...

porque os cara só quer jogar futsal não se interessa em aprender outras coisas...

A3 - Tem agressão verbal também tipo assim, você tá jogando aí erra, as pessoas começam a xingar, isso acontece direto comigo.

A4 - Acontece muito também de colocar apelidos, não escolher pro time... aí ficam de fora... Aquele que quer aprender e que precisa mais acaba ficando de fora. Apelido, tem uns que são carinhosos, mas tem outros que acaba em briga... até professor põe apelido aqui.

P - Principalmente nas oitavas séries tem muita agressão verbal. Durante as atividades agora eu coloquei uma regra que tem que parar e marcar falta pra quem falar o palavrão, xingar o outro. Já é costume deles, tanto é que eles nem brigam, o outro já aceita. Pra quem está no meio deles, eles acham normal; mas no dia em que ele for jogar em outro meio e ele acha aquilo natural, o outro não vai achar, aí já vai partir pra violência física.

Embora a interpretação no depoimento do aluno seja comum em considerar esse tipo de agressão normal, devem ser resguardados os devidos cuidados no seu tratamento. No depoimento dos alunos, durante as aulas de Educação Física as agressões vinham associadas a uma determinada característica física, raça, gênero e até mesmo condição social. Relataram que foram xingados de diferentes formas e por motivos variados, como o simples fato de errar um passe durante a atividade, por não conseguir executar um determinado gesto exigido, por errar um gol. Mas por serem considerados casos de menor importância e interpretados como comportamentos típicos de adolescentes e jovens, a pouca atenção que lhe é atribuída pode ocasionar momentos de fúria e revolta proporcionando a entrada da violência física.

Não é pretensão afirmar aqui que necessariamente exista uma ligação direta entre agressão verbal e física, mas salientar, baseado nos depoimentos, o incentivo que uma pode dar a outra. Além do fator agressivo observou-se a opção de alguns alunos pelo isolamento ou preferência em ficar na sala de aula; estratégia aparente de defesa traduzida em uma forma de auto-exclusão.

Mas as agressões físicas não deixaram de ser citadas e foi outro ponto percebido pelos participantes. Mesmo considerando que sua ocorrência se dava somente às vezes, são situações que têm suas causas e os motivos devem ser considerados. Apesar de sua frequência ser menor do que a citada anteriormente, o que impressiona vai desde a futilidade de motivos até o grau de violência e agressividade que a envolve e que acaba por lhe dar maior visibilidade, chocando

até mais do que as outras tipificações. Vale lembrar que para os policiais, esse tipo de prática é a que mais ocorre nas escolas, fato esse podendo se caracterizar pelo que são mais solicitados. Em uma agressão verbal o policial não se faz presente, ao contrário de um briga.

A1 - Lá qualquer coisa é motivo de briga, tipo assim, se tá jogando queimada aí acerta mais forte e não aceitam aí já gera briga, quer tirar satisfação. Mas às vezes uma briga que acontece na sala, no intervalo, aí já sabe; resolve na quadra. Vou meter bolada na cara de gente. Acontece isso direto.

A2 - Teve uma menina que pegou a cabeça da outra assim e começou a bater no chão da quadra. Quando é queimada, se pega uma bola no rosto, por exemplo, aí já começa a confusão. A frequência de briga que acontece na quadra, na Educação Física, é por causa de jogo. Queimou uma menina mais forte é porque quis...

A3 - Às vezes também você tá jogando queimada aí joga a bola mais forte, aí já quer descontar, é só uma brincadeira... até no futebol, se acerta a canela de um já quer pegar o outro.

A4 - Quando tem duas turmas juntas sempre dá confusão...

P - Aqui teve uma semana de educação para vida e o turno da tarde fez uns jogos e usaram pedras grandes pra segurar a rede do gol. Essa pedra ficou até o outro dia pela manhã e eu tenho uma aluna que tem uns problemas comportamentais, aí na aula, no momento da atividade um menino esbarrou nela e ela se estressou com o menino, pegou a pedra e queria matar o menino, queria jogar na cabeça dele.

O predomínio de duas práticas, queimada para as meninas e futebol para os meninos, aparece como constante, ilustrando a maior quantidade de relatos por parte dos alunos. Abramovay (2009) foi feliz em citar que nas escolas brasileiras o futebol é uma prática exclusiva dos meninos, restando às meninas esportes considerados mais leves e por conseqüência mais seguros; mas percebe-se que essa segurança já não pertence mais ao mundo feminino. Relatam inclusive que a quadra é o local de resolução de conflitos já iniciados fora desse ambiente e que quando não resolvidos ali, são levados para fora dos muros da escola:

A1 - Eles sentem liberdade para fazer confusão na quadra porque é um espaço muito grande pra um professor; enquanto uns tão na quadra, outros tão saindo pra beber água, e aí vai caçando confusão... não tem como o professor controlar tudo...

A2 - Mas pode acontecer também na quadra e ir pra fora da escola.

Uma situação relatada por um policial expressa bem o que os alunos disseram, inclusive no que tange a junção de duas ou mais turmas na aula. Durante uma aula de Educação Física um aluno perfurou e cortou com uma tesoura outros

dois alunos. Tal fato não teve conseqüências mais trágicas pois a tesoura não possuía ponta. Quando questionado, o autor das tesouradas disse que já vinha sofrendo ameaças por parte dos outros dois alunos e então numa última ameaça reagiu daquela forma. Já na versão dos agredidos, o motivo foi uma discussão de quem seria o próximo a entrar no jogo de futebol. Independente dos motivos geradores de tal episódio, chocam a forma e o desfecho do caso. Soma-se a isso o fato de que é freqüente os professores juntarem várias turmas durante as aulas; ou pela precária estrutura da escola, com apenas uma ou nenhuma quadra, ou pela falta de algum outro professor, sendo as aulas de Educação Física o destino dos alunos.

Não por coincidência, a estrutura tanto física quanto de material a que estão submetidos os professores, foi um ponto abordado em todos os grupos. A falta de espaços ou espaços mal aproveitados; falta de recursos materiais e principalmente de infra-estrutura nortearam o debate, podendo influenciar nas práticas de violência ocorridas nas aulas.

A1 – Falta espaço, falta muita coisa, cobertura, rede, traves, aros de basquete, material, bolas. Quando o professor de Educação Física tá ocupado com alguma coisa da escola, sempre deixa a aula livre pra quem quiser jogar, agora quando ele tá lá sempre tem atividade.

A2 - Devia ter uma cobertura porque tem as aulas, tem uns campeonatos que fica muito difícil de ter por causa do sol quente.

A3 - Cada bimestre é um esporte diferente. Basquete nesse bimestre não foi feito porque não tinha a tabela, e pro vôlei não tinha rede.

P - É extremamente precária, depende da nossa criatividade, da nossa força de vontade. Piso, quadra descoberta que depende do tempo, salas ambiente. Vontade de trabalhar com projetor, data show, vídeos, internet. Bolas e materiais que acabam tendo que fazer eventos ou tirar do próprio bolso pra repor o que falta.

P2 – Ao redor da escola até tem as áreas verdes, mas não dá pra fazer uso dessas áreas. A situação da comunidade aqui não permite.

PM - Está precário, quando muito tem uma quadra. As áreas das escolas são enormes, daria pra construir mini vilas olímpicas. Por que o governador criou as Vilas Olímpicas e não fez escolas olímpicas, já que os freqüentadores são os próprios alunos. Nenhuma escola em Santa Maria tem estrutura pra Educação Física. Isso diminuiria bastante esses casos de violência.

Outro ponto associado à estrutura foi a influência que essa exercia na disputa de campeonatos externos, alterando o desempenho dos atletas e causando constantes transtornos.

A1 - As pinturas da quadra também influencia, porque a gente vai jogar fora e acaba sendo punido porque aqui as linhas são tudo torta, não existe algumas marcação. Isso atrapalha o andamento das aulas, porque ele ensina uma coisa aqui pra gente, mas chega lá é outra. Ele mostra como é aqui e chega lá é diferente.

P – Tem algumas modalidades que não são trabalhadas por falta de estrutura, de uma tabela pro basquete, de um poste e rede de vôlei. Trabalha até um adaptado, mas situação real de jogo, não dá pra disputar por exemplo o GDF de igual com outras escolas.

Esses mesmos torneios e campeonatos para alunos, equipe de direção, professores, e principalmente para os policiais são eventos que servem de chamariz à episódios violentos. A disputa entre turmas ou escolas e a atenção despertada na comunidade preocupa quem está a frente, pois já se espera a ocorrência de invasões pelos muros da escola, o consumo e tráfico de drogas ilícitas, as rixas entre gangues e principalmente os episódios de brigas após as partidas. Apesar de mediar a discussão dando enfoque para as aulas de Educação Física, o assunto sempre se voltava para os jogos e torneios, pois de acordo com os policiais precisavam ser repensados pelos professores e melhor trabalhados com os alunos.

A1 - Interclasse também as vezes acontece, você perde aí começa a xingar o outro e aí começa a brigar... porque a maioria dos casos acontece porque a quadra é ali perto do muro e os cara ficam lá fora ouvindo e quando vê que é briga pulam aqui pra dentro pra começar a brigar.

A2 - Interclasse é o dia em que você desconta toda raiva, porque sempre vai ter aquela pessoa que você não vai com a cara, “ah, eu vou dar uma bolada na cara daquela guria”, tá no jogo mesmo ninguém vai desconfiar....

P – Agora mesmo acabamos de sair de uma reunião onde o assunto eram os jogos que a gente queria fazer na quadra lá fora da escola. Só que ninguém concordou, porque a comunidade quando é aqui dentro já se aproveita, imagina lá fora. Nós queríamos até envolver a comunidade, mas infelizmente não é possível.

ED - No interclasse nós tivemos um estupro dentro da escola. O caso não vazou pra fora de jeito nenhum porque nós não deixamos. Quando a gente não deixa fazer no caso os jogos interclasse lá fora, é baseado no que eu já sei, nas experiências que tenho na comunidade que eu conheço. Porque olha só, aqui tem várias bocas de fumo, inclusive tem uma casa aqui perto que é uma boca de fumo pesada, eu conheço todas e os policiais também sabem porque eu mando vários ofícios por mês.

PM1 - Eu atribuo essa violência na Educação Física quando é olimpíada, colégio um com outro. São os jogos escolares; a

rivalidade e a competição tanto entre escolas como dentro da própria escola. Essa disputa para ver quem vai ficar em primeiro lugar gera violência, e aumenta essa violência física.

PM2 - Durante as aulas é normal; a não ser quando tem um futebol que um pega mais pesado. Mas durante os jogos é que acontece. Nesse ano mesmo (2009), teve a turma da aceleração que foi excluída do campeonato porque era briga todo dia. Principalmente quando é entre escola particular e pública; o aluno da escola pública não gosta do da particular e vice-versa.

Não sei se os alunos têm uma preparação com o professor assim pra participar desses jogos, se é feito um trabalho, porque o que mais gera violência são as disputas em relação aos jogos.

PM3 - Quando você tem a Educação Física na grade curricular, o professor tem o controle porque só tem aquela turma, antes misturava várias turmas; então quando você tem duas turmas juntas aí já causa problema. Eu sou contrário a esse horário só porque o aluno volta suado pra sala, mas diminuiu bastante por causa dessa mudança de horário.

A figura do professor e a sua atuação também se fez presente na fala dos alunos, tanto em relação à condução das aulas, como na resolução dos conflitos.

A1 - É chata... tem umas que são boas, mas outras são chatas...

ENTREVISTADOR: Quando não é boa?

A1 - Quando é na sala...ele passa o texto e aí só quando termina que vai pra quadra...

ENTREVISTADOR: Educação Física é só prática então?

A1 - Não, tem que ter o desenvolvimento na sala e depois complementa na quadra, mas o mais interessante é na quadra. É necessidade dele (professor) ter aula na sala, ele não pode só ficar levando pra quadra, tem que ter as coisas da sala... eu entendo, mas é chato.

A2 - Eu gosto de ficar na sala, porque chega lá na quadra tem que ficar fazendo umas palhaçada....

ENTREVISTADOR: O que é palhaçada?

A2 - Ficar fazendo umas besteirinhas que ele passa, ensinando como é que pega na bola...

ENTREVISTADOR: E isso aí não tem utilidade?

A2 - Pra mim não.

Todo planejamento do professor é voltado para o aluno, ou pelo menos deveria ser, onde precisam ser consideradas suas características individuais, sendo o espaço da Educação Física um espaço diferenciado, com propostas e estratégias pedagógicas que favoreçam um ambiente de interação, aprendizagem e convivência. Mas, infelizmente, nem sempre isso ocorre.

A atenção dispensada pelos professores aos casos ocorridos também foi ponto de debate entre os alunos, oscilando entre os que se omitiam e os que tomavam providências, mesmo que o incidente tivesse continuidade fora da sua visão; sem contar com aqueles que nem sabiam o que acontecia por não se fazerem presente no momento da aula.

A1 - Tem as vezes que ele não faz nada... teve um caso que o professor viu e não fez nada, por ele eles se matavam ali...

ENTREVISTADOR: Mais por que você acha que ele não fez nada?

A1 - Pode ser porque pode ele separar e o que tava batendo achar ruim, pode ser por medo também; a gente não se envolve porque tem medo também.

A2 - O professor faz é levar pra direção pra dar suspensão, não dá nada, depois o menino lá fora acerta as contas; eles acham é bom ficar três dias em casa suspenso.

A3 - O professor do ano passado saía e deixava a gente sozinho na quadra, aí acontecia as brigas e ele nem tava lá pra ver.

Muitas vezes perdemos oportunidades de aproveitar as situações de práticas violentas que ocorrem em uma aula, e não fazemos uso delas para criar um debate acerca do acontecido. Infelizmente ainda predomina a idéia de que não se pode parar a atividade para discutir o ocorrido e, quando muito, feito ao final da aula, já passado aquele momento, é hora de voltar para sala. Durante a observação de uma aula, a professora propôs uma atividade onde o objetivo era acertar o outro com uma bola. Não demorou muito e um menino acertou uma bolada na cabeça de uma menina que zozna saiu da brincadeira. A reação imediata da professora foi acabar com a brincadeira, chamando os alunos de violentos e partindo para próxima atividade.

Mas em outras vezes não fazemos mesmo é questão de tomar partido do que acontece nas nossas próprias aulas. A postura de determinados professores pode influenciar muito na construção ou ampliação do quadro dessas práticas violentas. E isso torna-se fácil de acontecer quando o comportamento do professor inclui deixar a turma sozinha representada na sua visão como a realização de uma “aula livre”. Ao léu, os alunos sem a orientação de um professor acabam criando situações de conflito que freqüentemente acabam em agressões; e o resultado para muitos é o desinteresse pela aula.

Mas, por sorte, nem sempre é assim. O discurso de um dos professores de Educação Física é pautado em uma concepção de ensino preocupada em não apenas ensinar o gesto técnico ou o conhecido “rolar o carço”. Demonstrou preocupação em repassar valores relacionados principalmente ao perder e ganhar, e a competição exacerbada.

P - Eu tento trabalhar esse comportamentos deles, pra chegar no interclasse, que eles saibam perder, ganhar, respeitar o outro, fazer com que todos participem. Trabalhar não só as modalidades esportivas, porque tradicionalmente é futsal e queimada, mas dar mais oportunidades para que todos se envolvam. Há uma certa exclusão, onde só alguns, só os mais hábeis participam e o restante fica de fora; isso é um tipo de violência. A gente tá sendo conivente com a violência da exclusão. Aqueles que tem vontade de participar mas não estão participando, vão procurar outra coisa pra fazer, e os beneficiados serão sempre os mais hábeis. Existe competição sempre, no mercado de trabalho, na sociedade; e a gente ainda vai colocar mais competição dentro da escola pra esses alunos.

E complementa;

P – Eu vou falar a verdade. Tem um grupo muito grande de professores que acham que Educação Física é só jogo, só jogar bola, botar pra correr e não é. Os conceitos são totalmente diferentes, os alunos sabem. A gente tem a oportunidade de trabalhar o aluno de forma integral, mas por acomodação ele não procura trabalhar algo diferente, estudar, se especializar; acha que dá trabalho e que o trivial é mais fácil. Não se importa se aquele conteúdo é válido para a vida do aluno; por isso é que muitas vezes o aluno não tem interesse nas aulas, não se interessa em vir pra escola.

P - Muitas vezes a gente culpa o aluno por ser agressivo, mas muitas vezes ele não tem carinho lá fora e aqui dentro também ele não recebe carinho. Ele leva porrada lá fora e leva aqui dentro. Tem professor que trata o aluno de cima pra baixo; aquela hierarquia sempre, não um bom dia pro aluno. Nós próprios construímos a violência aqui dentro, temos a oportunidade de transformar mas nos omitimos.

Interessante na fala do professor é a sua percepção que nós mesmos podemos ser os responsáveis e os próprios geradores da violência na escola.

Os policiais trazem uma visão complementar sobre a situação das práticas de violência nas aulas de Educação Física, o que contribuiu para entendermos o universo das aulas e aqueles que ali estão envolvidos. Da mesma forma que se

mostraram profundos conhecedores do ambiente escolar, envolvidos nessa dinâmica, assim o fizeram com a Educação Física. Para eles,

PM - Hoje as ocorrências são diferentes devido a Educação Física ser no mesmo turno, diminuindo consideravelmente porém não zerando. Os tênis eram roubados constantemente porque o número de alunos era menor na hora da saída, saía uma turma só. Agora que é no turno sai todo mundo junto então inibe essas ações.

O conjunto de experiências que trouxeram, incluiu o olhar atento em rondas pela quadra de esportes por considerarem um espaço externo na escola com necessidade de ação. Em relato apresentado por um deles, a intervenção começou a ser feita na quadra durante a hora do intervalo onde os alunos realizavam um futebol, pois era onde se concentravam a maior incidência de casos de agressão, brigas e violência. O mesmo começou a apitar os jogos e acabou estabelecendo vínculo com os alunos e, de acordo com ele, tornando o ambiente mais tranquilo. Outro policial já vigiava as mochilas durante as aulas por haver um grande número de furtos quando era preciso que os alunos levassem seus materiais. Da mesma forma, conseguiu uma relação de confiança e ao mesmo tempo dava continuidade ao seu trabalho, mesmo na sua ausência, com os chamados informantes; conquistados nessa relação.

Por algumas escolas possuem muros bem depredados, principalmente os próximos à quadra, e o espaço da Educação Física ser bem externo, pessoas freqüentemente entravam por esses locais e o controle era feito através do reconhecimento. Sendo assim, os policiais afirmaram conhecer o público, os alunos; e quem vinha de fora era facilmente identificado por geralmente não usar uniforme, ter faixa etária diferente e apresentar comportamentos suspeitos.

Demais casos relacionados que, na visão dos participantes, contribuía para o aumento das práticas de violência no ambiente das aulas de Educação Física incluíram o furto de bolas que caem do lado de fora da escola, mas que só acontecem por combinação com outros alunos que estão na quadra; o roubo de mochilas no último horário das aulas; assim como o furto de tênis, quando os alunos o retiram para participar das mesmas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo abordou a questão da violência na escola e, em especial, nas aulas de Educação Física, no sentido de detectar as práticas mais frequentes e como estas interferem no fazer pedagógico; pois, acredita-se que esse fenômeno justifica-se em razão do contexto ao qual se insere a escola e a dinâmica realizada no interior da instituição.

Fenômeno multifacetado, a violência, como todo fenômeno social, acompanha as sociedades e sua história; e para entendermos como ela se traduz na contemporaneidade, é preciso que situações e processos sociais sejam considerados a partir de um determinado contexto sociocultural. Tarefa não muito fácil, pois para cada cenário temos atores diferentes que modificam o desfecho da história, ou parafraseando Wieviorka; muda a violência e suas representações, sendo aquilo que determinada pessoa, grupo ou sociedade, em determinado momento, considera como tal.

Sendo assim, o principal objetivo do estudo foi conhecer como se processa essa dinâmica na atualidade em determinada escola pública da cidade satélite de Santa Maria – DF, para um posterior aprofundamento no cenário da Educação Física; compreendendo o ambiente das aulas e os que dela participam direta ou indiretamente, para uma reflexão acerca do fazer pedagógico. Mas antes de ingressar nesse cenário, foi preciso averiguar o contexto onde se insere a escola em questão, entender e ouvir aqueles que dela fazem parte e, só assim, partirmos para o componente curricular estudado.

Constatou-se que, cada vez mais presentes e constantes, as práticas de violência nas escolas tornam-se preocupação entre os que se inserem nessa dinâmica. Alunos, professores, equipes de direção, pais, policiais e parte da comunidade mostram inquietação com o assunto e ao mesmo tempo sentem-se incapazes frente ao ocorrido; mas não deixam de empreender esforços para amenizar a situação.

Quando observada mais à fundo, a violência na escola mostra-se como um fenômeno que carece de maior atenção, não no sentido de quantidade, mas sim de qualidade; uma vez que inúmeros são os estudos acerca da temática tratados superficialmente ou que deixam de fora componentes importantes para seu entendimento. Pode-se justificar essa superficialidade por se tratar de um fenômeno

com diversas faces e que possibilita diferentes interpretações de acordo com o ambiente e a população em que se insere.

A tendência dos que estudam o fenômeno da violência nas escolas é de buscar um culpado para justificar a situação em que essas instituições se encontram. E aí são lançadas teorias que a justificam pela situação socioeconômica, pela falta de referência e estrutura familiar; culpam a comunidade; criticam as instituições de ensino e o seu fazer pedagógico; acusam o próprio aluno; entre outras tantas. Não que essas premissas não sejam colaboradoras da construção de uma imagem da violência, mas não devem ser consideradas de maneira isolada, pois todos se complementam para dar forma ao fenômeno.

A utilização de duas abordagens de forma combinada e o cruzamento entre as mesmas tornou-se válido por intermédio dos resultados captados em ambas, o que talvez não fosse possível se utilizasse apenas uma delas, contribuindo assim com uma maior riqueza de dados obtidos.

As análises combinadas dos questionários, dos grupos focais e observações permitiram uma melhor compreensão dos aspectos envolvidos nas práticas de violência relatadas. Os questionários trouxeram opiniões do que os participantes pensam sobre a temática da violência; assim como os Grupos Focais possibilitaram capturar a riqueza de categorias lingüísticas extraídas de alunos, professores, equipe de direção e policiais. A utilização de mais de uma técnica fez-se não apenas no sentido de complementação de dados não perceptíveis por uma ou outra técnica, mas para buscar uma maior aproximação com a realidade estudada. Os escritos de Abramovay (2009) nortearam o estudo, no que tange as tipificações presentes no ambiente escolar e instrumentos de detecção dessas, possuindo uma terminologia de violência que melhor atendeu ao propósito do trabalho.

Foram constatados vários episódios ocorridos tanto devido ao local em que a escola se insere, quanto dentro da própria dinâmica de funcionamento da instituição. Como exemplo, as justificativas apresentadas pelos participantes durante o estudo incluíram desagregações familiares citadas por quase maioria desses. Tanto alunos, quanto professores, equipe de direção e policiais, afirmam que os casos de práticas de violência quando apurados mais afundo têm nas relações familiares a justificativa dos atos.

Há um embate entre família e escola sobre quem é o responsável pela educação da criança. Quando definem a violência como produção externa, deixam

claro que a comunidade a qual está inserida a escola, com as gangues e o tráfico de drogas, exerce grande influência e até conduzem esse fazer pedagógico. Criticam a estrutura física em que se encontram nossas escolas assim como programas de governo que vão de encontro a essa estrutura; mas não descartam a violência produzida pela própria escola, através de regras impostas, da relação professor-aluno, do modo de avaliar.

Sendo assim, além do recorte teórico acerca da temática, são consideradas as discussões sobre as relações sociais entre os atores escolares; suas percepções e contribuições; para dessa forma aprofundar o debate no campo da Educação Física e as práticas de violência.

Foi constatado através dos dados coletados, que assim como na escola, as práticas de violência também se fazem presentes na Educação Física, modificando inclusive a dinâmica das aulas. A tipificação dos atos em muito se assemelha com os ocorridos em outras situações e ambientes, inclusive com a mesma frequência, sendo justificadas por percepções diferenciadas do fenômeno.

Os xingamentos e ofensas dirigidas por alunos contra outros alunos ou até mesmo aos professores, caracterizou-se como uma constante, ocupando uma das práticas mais ocorridas nas aulas. Aspecto importante é o tratamento dado pelos alunos, considerando tal prática comum e interpretada com normalidade, mesmo quando associadas de forma pejorativa a uma característica física, de raça, gênero e até mesmo condição social. Os motivos são variados; e vão desde um fundamento não executado corretamente, até um comportar-se diferente; mas reinam pela omissão em considerarem o caso como sendo de menor importância, podendo despertar momentos de fúria e revolta, proporcionando brechas para a entrada da violência.

Tais comportamentos passaram a influenciar na participação dos alunos durante as aulas, sendo percebido principalmente a opção de alguns pelo isolamento ou preferência em ficar na sala de aula. Em alguns depoimentos fica claro inclusive a falta de interesse pelas atividades, considerando-as sem utilidade e desconectas da realidade desses. Logo em seguida foram citadas as agressões físicas que acontecem esporadicamente, mas impressionam pela futilidade de motivos e o grau de violência e agressividade envolvido, tornando-se muito mais visíveis do que as agressões verbais. Disputas de namoros, um pisão no pé, um olhar atravessado ou xingamentos, foram relatados como desencadeadores desse

tipo de agressão. Relatam inclusive que a quadra é o local de resolução de conflitos já iniciados fora desse ambiente.

Atribuem também como causas dessas práticas, a alta competitividade, a ausência do professor, e principalmente o tipo de esporte ou jogo praticado; tendo na queimada e no futebol modalidades que predominam durante as aulas e que são propícias ao encontro das duas ocorrências. Mesmo que em vários estudos seja atribuída a característica agressiva aos meninos durante a prática do futebol, percebe-se que na escola em questão as meninas são as que com mais frequência se envolvem em episódios violentos. Seu envolvimento adquire uma nova configuração, predominando incidentes que vão desde uma discussão até o envolvimento com gangues e tráfico de drogas.

Aliado a isso, o planejamento das aulas e a postura do professor na resolução de conflitos foram considerados pelos alunos como colaboradores das práticas de violência. Aulas sem utilidade e consideradas como “palhaçadas” por um aluno, devem servir de norte para melhoria da prática e enriquecimento do professor, devendo o planejamento ser uma construção conjunta, dando voz aos que realmente objetivam nosso trabalho. Isso comprova o fato de que um trabalho conjunto deve ser feito quando se pensa em estratégias de tratamento das práticas de violência.

Outro ponto muito citado pelos participantes foi o aumento da incidência dos casos em época de Jogos Interclasse. Cenários de brigas, consumo e tráfico de drogas, bebidas alcoólicas, grande número de furtos e invasão de bandidos, foram associados a esse evento. Pode-se constatar o quão prejudicial é para escola e para os alunos a realização de um evento considerando a comunidade em que está inserida a escola. Desde uma Festa Junina com portões fechados para a comunidade, até a não utilização de espaços externos para aulas diversificadas de Educação Física ou o próprio torneio.

Vale ressaltar aqui que durante a aplicação do grupo focal com professores e equipe de direção, formou-se um embate sobre a abertura ou não para a comunidade na realização de eventos. Equipe de direção se apóia no fato de conhecer a comunidade por se tratar de ex-alunos que não aproveitaram as oportunidades dadas à época, e que o mesmo ainda fariam agora; justificando a fala com a realização de um evento aberto em que esses alunos se aproveitaram para praticar seus delitos. Já os professores em minoria, acreditam que a falta de

atrativos para comunidade e a sensação transmitida à eles de mais uma exclusão, aqui no caso dos eventos, pode ser um fator agravante para que ocorram tantas práticas de violência.

Além dessas causas, citam a estrutura da quadra, a falta de material e a comunidade como contribuintes na criação de um cenário onde figuram as práticas de violência. Mas há aqueles que depositam no esporte e na Educação Física a solução para todos os males, inclusive o da violência, porém percebe-se que sem planejamento e abertura para construção conjunta e discussão da temática, podemos é contribuir para difundir ainda mais essas práticas. O desinteresse dos alunos pela aula, a revolta quando se perde um jogo, a rebeldia e agressividade nas situações apresentadas, podem fazer parte do dia-a-dia, principalmente, do professor que não tem um planejamento bem definido e que não é aberto a discussões.

O que podemos perceber é que fora do ambiente da quadra de esportes, o controle sobre os alunos é enorme, mas quando esses se vêem em uma situação de jogo e de espaços mais livres, a prática da Educação Física pode se constituir em uma válvula de escape dessas tensões do dia-a-dia. E é nesse espaço que os alunos têm a oportunidade de se expressar, mesmo que seja de uma forma mais violenta.

Nesse contexto, a indagação que se faz é em relação a situação da Educação Física e da figura do professor frente a essas práticas e sua real contribuição, trazendo soluções ou problemas. Tal indagação se deve ao fato de se atribuir importância da prática de atividades físicas na inibição de comportamentos violentos. Mas algumas situações ou momentos das aulas podem ser considerados excludentes, violentos, ou reprodutores de situações de violência. Teorias trazem o espaço da Educação Física, representado pelo aprendizado de um esporte, como um espaço de resolução dessas práticas, mas percebe-se que ao lidar com a questão da violência, por muitas vezes acabamos por reforçar o fenômeno, tanto na relação entre os atores envolvidos, quanto na dinâmica das aulas.

Vale lembrar que o referido estudo não teve a pretensão de resolver o problema das práticas de violência nas aulas de Educação Física, mas sim de verificá-las, em que frequência e por quais motivos ocorrem; de forma a contribuir com comunidade, estudantes, professores e equipe gestora, na construção de um

ambiente escolar mais harmônico; fornecendo indicadores e ferramentas de auxílio à prática pedagógica.

Ao dar voz aqueles que participam direta e indiretamente dessas práticas de violência, em especial nas aulas de Educação Física, o trabalho possibilita uma reflexão dos profissionais envolvidos com o componente curricular em questão, ressaltando a fundamental importância de um planejamento constante construído em conjunto com os alunos e voltado para eles; descortinando um fenômeno em sua complexidade e auxiliando na construção de uma prática voltada para o enfrentamento da violência.

Finalizando, a temática da violência e suas formas de manifestação devem ser trabalhadas com mais afinco por todos aqueles envolvidos na dinâmica escolar, pois aos que presenciam cotidianamente essas práticas e dela tomam partido, faz-se necessário um aprofundamento pela temática, evitando com isso possíveis rotulações, e reduções do fenômeno à práticas corriqueiras e sem a atenção devida. O professor deve, além de atentar para comportamentos que podem despertar as práticas de violência, intervir e promover o debate acerca dos episódios ocorridos, encontrando soluções conjuntas para melhoria do ambiente das aulas. Mas não deve ser um trabalho isolado, pois como são vários os fatores intervenientes nessa dinâmica, os mesmos devem ser considerados quando se pensar em estratégias mais eficazes para tratamento das práticas de violência.

O discurso da Educação Física enquanto salvação dos males existentes já não é suficiente frente à dinamicidade das práticas e do tratamento exigido, carecendo assim de um olhar mais atento e crítico, que possa intervir e colaborar em um fazer pedagógico que não mais seja duramente contestado; lembrando que o estudo representou uma contribuição acadêmica sem a pretensão de aqui esgotar o assunto.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. Escola e violência / Miriam Abramovay *et alii*. – Brasília: UNESCO, 2002. 154p.
- _____ Violência nas escolas / Miriam Abramovay *et alii*. – Brasília : UNESCO, 2002. 400p.
- _____ Cotidiano das escolas: entre violências. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência nas Escolas, Ministério da Educação, 2005. 404 p.
- _____ Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas / Miriam Abramovay, Anna Lúcia Cunha, Priscila Pinto Calaf. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana - RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, 2009. 496 p.
- ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. 2.ed. São Paulo, Paz e Terra - 2000.
- AQUINO, Júlio G. A violência escolar e a crise da autoridade docente. Caderno Cedes, Campinas, anoXIX, nº 47, p.7-19, dezembro de 1998 (b).
- ARENDT, Hannah. Sobre a violência. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- BOTELHO, Rafael Guimarães; SOUZA, José Maurício Capinussú de. Bullying e educação física na escola: características, casos, conseqüências e estratégias de intervenção. Revista de Educação Física – Nº 139 – Dezembro de 2007
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 2ªed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Livraria Francisco Alves Editora S.A – 1975.
- BRITO, Clovis; SIMON, Ingrid. As transgressões disciplinares na Educação Física Escolar. 2009. Disponível em: <http://sieduca.com.br/2009/index>. Acesso em 14/09/2009.
- COSTA, Júlio Alves. Violência nas aulas de Educação Física. UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências. Departamento de Educação Física. 2007 – Monografia.
- COSTA, Marcia Regina da. A violência: natural ou sociocultural? São Paulo, 2006: Ed. Paulus – (Coleção Questões fundamentais do ser humano).
- CHAUÍ, Marilena. Ética e Violência São Paulo, 1998. Universidade de São Paulo - USP. Teoria e Debate Nº 39.

- DA MATTA, Roberto. As Raízes da Violência no Brasil: Reflexões de um Antropólogo Social. In DA MATTA, Roberto; PAOLI, Maria Célia Pinheiro Machado; PINHEIRO, Paulo Sérgio; BENEVIDES, Maria Victória. Violência Brasileira. Ed. Brasiliense, 1982.
- DEBARBIEUX, Eric. Violência nas escolas: dez abordagens européias / Éric Debarbieux e Catherine Blaya. – Brasília: UNESCO, 2002.
- FANTE, Cleo. Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.
- FILHO, Sandro Carnicelli; SCHWARTZ, Gisele Maria. Jogos cooperativos e condutas violentas: visão do professor de Educação Física. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Ano 11 - Nº 96 - Maio de 2006. Acesso em 14/09/2009.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. 34. Ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2007 – 288p.
- _____ Microfísica do Poder / organização e tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 4ª Ed. 1984.
- GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva, 1974. 315 p
- GUIMARAES, A. M. Indisciplina e Violência: ambigüidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, J. G. (org.). Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996b, pp. 73-82.
- _____ Escola: Espaço de Violência e Indisciplina. Revista Unicamp 2006. Disponível em <http://www.lite.fae.unicamp.br/revista/guima.html>. Acesso em 25/08/2009
- LIPPELT, Ricardo Tucci. Violência nas aulas de Educação Física: estudo comparado entre duas escolas da rede pública do Distrito Federal. Dissertação de Mestrado – UCB. 2004
- MICHAUD, Yves. A violência. Editora Ática. 1989
- MIRANDA, Luciano. Pierre Bourdieu e o campo da comunicação: por uma teoria da comunicação praxiológica. EDIPUCRS: Coleção Comunicação nº 34.
- MINAYO, Maria Cecília de S; SOUZA, Edinilsa R. de. Violência para Todos. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 9 (1): 65-78, jan/mar, 1993

- MISSE, Michel. Sobre a Construção Social do Crime no Brasil: esboços de uma interpretação in MISSE, Michel (org.) Acusados & Acusadores – Estudos sobre ofensas, Acusações e incriminações. Rio de Janeiro: Revan. 2008
- NETO, Otávio Cruz; MOREIRA, Marcelo Rasga; SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. *Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002. Disponível em: www.abep.nepo.unicamp.br/.../Com_JUV_PO27_Neto_texto.pdf. Acesso em junho de 2009.*
- ODALIA, Nilo. O que é Violência. Coleção primeiros passos; nº 85. Ed. Brasiliense, 1983.
- OLIVEIRA, Flávia Fernandes de; VOTRE, Sebastião Josué. Bullying nas aulas de Educação Física. Revista Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 173-197, maio/agosto de 2006.
- _____ Discriminação de gênero nas aulas de educação física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E I CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14., 2005, Porto Alegre. Anais... Rio de Janeiro: UGF, 2005.
- OLIVEIRA, Luciane Paiva Alves de. Violência, Corpo e Escolarização: Apontamentos a partir da teoria crítica da sociedade *in* Educação Do Corpo Na Escola Brasileira / Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (org.). – Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção educação física e esportes).
- PAVIANI, Aldo; FERREIRA, Ignez Costa Barbosa; BARRETO, Frederico Flósculo Pinheiro (Organizadores). Brasília: dimensões da violência urbana – Editora Universidade de Brasília, 2005. 378 p. (Coleção Brasília)
- PERES, Luís Sérgio. A Prática Pedagógica do Professor de Educação Física: Atitudes de violência no contexto escolar. PUC/São Paulo, 2005. Tese de Doutorado.
- PORTO, Maria Stela Grossi. A violência entre a inclusão e a exclusão social. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 12(1): 187-200, maio de 2000.
- _____ Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 152-171

- RAMOS, Cleonice Pereira; SANTOS, Luciene Neves; LEITE, Amanda Maurício Pereira. A produção das violências nas aulas de Educação Física do C.M.E.F Sívio Paternez. Acesso em 29/07/2009.
- RUOTTI, Caren; ALVES, Renato; CUBAS, Viviane de Oliveira. Violência na escola: um guia para pais e professores – São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- SOARES, José Montanha. O poder simbólico no cotidiano escolar: reflexões sobre o corpo da criança / José Montanha Soares, Márcio Xavier B. Figueiredo – Ijuí : Ed. Unijuí, 2009.
- SOARES, Luiz Eduardo. Uma interpretação do Brasil para contextualizar a violência. In Linguagens da violência / organizadores, Carlos Alberto Messeder Pereira... [et al.]. – Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SODRÉ, Muniz. Sociedade, mídia e violência. Porto Alegre: Sulina: Edipucrs 2002. 112p. (Coleção Comunicação 22)
- SPOSITO, Marília P. A instituição escolar e a violência. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, nº 104, p.58-75, jul.1998.
- _____ Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, nº 1, p.87-103, jan/jun.2001.
- VAZ, Alexandre Fernandez; BASSANI, Jaison José; ZEISER, Cristiane Camila; ALBINO, Beatriz Staimbach. Acerca da violência por meio do futebol no ensino de educação física: retratos de uma prática e seus Dilemas. Pensar a Prática, maio/ago. 2008
- VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos. Cidadania e violência. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Editora FGV, 1996.
- WASELFISZ, Júlio Jacobo (organizador). Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília / UNESCO. São Paulo. Editora Cortez. 1998
- WIEVIORKA, Michel. O novo paradigma da violência. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 9(1): 5-41, maio de 1997.
- ZALUAR, Alba. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. São Paulo Perspec. , São Paulo, v. 13, n. 3, 1999 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288391999000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 Abril 2008. doi: 10.1590/S0102-88391999000300002

ZALUAR, Alba (organizadora); BARRETO, Vicente; PAIVA, Vanilda. *Violência e Educação* /. São Paulo: Livros do Tatu / Cortez, 1992.

ANEXOS



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA – FEF

Prezado(a) aluno(a),

Muito se tem falado sobre violência nas escolas do DF, porém é necessário que se entenda como ela se faz presente e por quê. Para isso, a comunidade escolar deve ser ouvida e contamos com a sua colaboração sincera, que fará parte de um estudo do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília-UnB. Será garantido o sigilo dos dados fornecidos. Desde já agradecemos.

QUESTIONÁRIO

01) Qual a sua idade? _____

02) Sexo: () masculino () feminino

03) Qual a sua série? _____

04) Na sua opinião, para que serve a escola?

05) Por que você frequenta a escola?

06) O que você considera ser violência?

Para responder as questões abaixo, utilize a legenda:

1. SEMPRE	2. MUITO	3. POUCO	4. NUNCA
------------------	-----------------	-----------------	-----------------

07) Com que frequência ocorre na sua escola as situações abaixo apresentadas?

Violência sofrida por alunos no percurso entre a casa e a escola	1	2	3	4
Casos de violência no entorno (perímetro) da escola	1	2	3	4
Brigas entre os alunos	1	2	3	4
Brigas entre professores e alunos	1	2	3	4
Xingamentos entre os alunos	1	2	3	4
Xingamentos entre alunos e professores	1	2	3	4
Humilhação entre os alunos	1	2	3	4
Humilhação entre alunos e professores	1	2	3	4
Ameaça entre os alunos	1	2	3	4
Ameaça entre alunos e professores	1	2	3	4
Pichação ou depredação da escola	1	2	3	4
Presença de integrantes de gangues na escola	1	2	3	4
Furto entre os alunos	1	2	3	4
Furtos de professores praticados por alunos	1	2	3	4
Danos aos bens de professores	1	2	3	4
Consumo de bebida alcoólica pelos alunos na escola	1	2	3	4
Consumo de drogas ilícitas pelos alunos na escola	1	2	3	4
Comércio ou tráfico de drogas na escola	1	2	3	4
Discriminação por raça/cor/etnia entre os alunos	1	2	3	4
Discriminação por raça/cor/etnia de professores contra alunos	1	2	3	4
Discriminação por raça/cor/etnia de alunos contra professores	1	2	3	4
Discriminação por condição socioeconômica entre os alunos	1	2	3	4
Discriminação pela condição socioeconômica de professores contra alunos	1	2	3	4
Discriminação pela condição socioeconômica de alunos contra professores	1	2	3	4
Discriminação por ser ou parecer homossexual entre os alunos	1	2	3	4
Discriminação por ser ou parecer homossexual de professores contra alunos	1	2	3	4
Discriminação por ser ou parecer homossexual de alunos contra professores	1	2	3	4
Discriminação por deficiência física ou mental entre os alunos	1	2	3	4
Discriminação por deficiência física ou mental de professores contra alunos	1	2	3	4
Discriminação por deficiência física ou mental de alunos contra professores	1	2	3	4

Porte de armas brancas (faca, porrete, punhal, soqueira, tesoura etc) por parte de alunos	1	2	3	4
Porte de armas de fogo por parte de alunos	1	2	3	4
Violência policial no interior da escola	1	2	3	4
Violência policial no entorno da escola	1	2	3	4
Debate por parte dos alunos sobre o tema da violência	1	2	3	4
Debate por parte dos professores sobre o tema da violência	1	2	3	4
Debate por parte da comunidade sobre o tema da violência	1	2	3	4
Debate por parte da equipe de direção sobre o tema da violência	1	2	3	4

08) Em que locais ocorrem mais ações violentas? (marque quantas alternativas julgar necessário)

- salas de aula
- pátio, corredores
- banheiros
- quadra de esportes
- no entorno (perímetro) da escola

09) Em que momentos ocorrem mais ações violentas? (marque quantas alternativas julgar necessário)

- na hora da entrada
- durante as aulas
- na hora do recreio
- na hora da saída
- durante atividades fora do horário das aulas
- Outro. Qual?

10) Na sua opinião, quais os TRÊS maiores problemas da sua escola?

- alunos desinteressados
- alunos demais por sala
- falta de infra-estrutura (salas, banheiros, carteiras e cadeiras, etc...)
- merenda insuficiente e/ou de má qualidade
- professores que faltam às aulas
- professores desinteressados / desestimulados
- número insuficiente de professores
- vizinhança perigosa, bandidos
- ocorrência de episódios de violência dentro da escola

11) Quem você considera ter atitudes mais violentas na sua escola?

- meninos meninas ambos são violentos

12) Você considera que os casos de violência ocorridos são por motivos:

- internos à escola externos à escola internos e externos à escola

13) Com que freqüência ocorre, durante as aulas de Educação Física, as situações abaixo apresentadas?

- | | | | |
|-------------------------------|--------------------------------|-----------------------------------|---------------------------------------|
| a- AMEAÇAS | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| b- PROVOCações | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| c- XINGAMENTOS | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| d- HUMILHAÇÕES | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| d- AGRESSÕES FÍSICAS | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| e- FURTOS | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| f- DANO AO PATRIMÔNIO | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| g- DESRESPEITO ÀS PESSOAS | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| h- USO/DISTRIBUIÇÃO DE DROGAS | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| i- PORTE DE ARMA | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> às vezes | <input type="checkbox"/> muitas vezes |
| j- OUTRAS SITUAÇÕES. QUAIS? | | | |

14) Gosta das aulas de Educação Física?

- não gosto gosto mais ou menos gosto adoro

15) O que acha das aulas?

- não posso fazer aquilo que gosto fazemos sempre as mesmas coisas
 a turma é muito cheia tem muita bagunça

16) O espaço para as aulas:

- é bom atende a todos os alunos é pequeno para a quantidade de alunos
 a quadra está em péssimas condições não temos quadra

17) Qual a sua opinião sobre a presença da polícia dentro da escola?

18) Caso existam casos de violências nas escolas, que não foram abordados nesse questionário, e que gostaria de compartilhar, por favor, utilize o espaço abaixo para contá-los.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA – FEF

Prezado(a) professor(a),

Muito se tem falado sobre violência nas escolas do DF, porém é necessário que se entenda como ela se faz presente e por quê. Para isso, a comunidade escolar deve ser ouvida e contamos com a sua colaboração sincera, que fará parte de um estudo do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília-UnB. Desde já agradecemos.

QUESTIONÁRIO

01) Qual a sua idade? _____

02) Sexo: () masculino () feminino

03) Qual o componente curricular que ministra?

04) Tempo de formação:

05) Na sua opinião, qual o principal objetivo da escola?

06) O que você considera ser violência?

07) Você considera que os casos de violência ocorridos são por motivos:

() internos à escola () externos à escola () internos e externos à escola

08) Que regras são utilizadas para o combate à violência?

09) Que normas são impostas por direção ou professores quando as regras são infringidas?

10) Você acredita que sua formação profissional o capacitou para lidar com situações violentas presentes na escola?

Para responder as questões abaixo, utilize a legenda:

1. SEMPRE	2. MUITO	3. POUCO	4. NUNCA
------------------	-----------------	-----------------	-----------------

11) Com que frequência ocorre na sua escola as situações abaixo apresentadas?

Violência sofrida por alunos no percurso entre a casa e a escola	1	2	3	4
Casos de violência no entorno (perímetro) da escola	1	2	3	4
Brigas entre os alunos	1	2	3	4
Brigas entre professores e alunos	1	2	3	4
Xingamentos entre os alunos	1	2	3	4
Xingamentos entre alunos e professores	1	2	3	4
Humilhação entre os alunos	1	2	3	4
Humilhação entre alunos e professores	1	2	3	4
Ameaça entre os alunos	1	2	3	4
Ameaça entre alunos e professores	1	2	3	4
Pichação ou depredação da escola	1	2	3	4
Presença de integrantes de gangues na escola	1	2	3	4
Furto entre os alunos	1	2	3	4
Furtos de professores praticados por alunos	1	2	3	4
Danos aos bens de professores	1	2	3	4
Consumo de bebida alcoólica pelos alunos na escola	1	2	3	4
Consumo de drogas ilícitas pelos alunos na escola	1	2	3	4
Comércio ou tráfico de drogas na escola	1	2	3	4
Discriminação por raça/cor/etnia entre os alunos	1	2	3	4
Discriminação por raça/cor/etnia de professores contra alunos	1	2	3	4
Discriminação por raça/cor/etnia de alunos contra professores	1	2	3	4
Discriminação por condição socioeconômica entre os alunos	1	2	3	4
Discriminação pela condição socioeconômica de professores contra alunos	1	2	3	4
Discriminação pela condição socioeconômica de alunos contra professores	1	2	3	4
Discriminação por ser ou parecer homossexual entre os alunos	1	2	3	4
Discriminação por ser ou parecer homossexual de professores contra alunos	1	2	3	4
Discriminação por ser ou parecer homossexual de alunos	1	2	3	4

contra professores				
Discriminação por deficiência física ou mental entre os alunos	1	2	3	4
Discriminação por deficiência física ou mental de professores contra alunos	1	2	3	4
Discriminação por deficiência física ou mental de alunos contra professores	1	2	3	4
Porte de armas brancas (faca, porrete, punhal, soqueira, tesoura etc) por parte de alunos	1	2	3	4
Porte de armas de fogo por parte de alunos	1	2	3	4
Violência policial no interior da escola	1	2	3	4
Violência policial no entorno da escola	1	2	3	4
Debate por parte dos alunos sobre o tema da violência	1	2	3	4
Debate por parte dos professores sobre o tema da violência	1	2	3	4
Debate por parte da comunidade sobre o tema da violência	1	2	3	4
Debate por parte da equipe de direção sobre o tema da violência	1	2	3	4

12) Em que locais ocorrem mais ações violentas? (marque quantas alternativas julgar necessário)

- salas de aula
- pátio, corredores
- banheiros
- quadra de esportes
- no entorno (perímetro) da escola

13) Em que momentos ocorrem mais ações violentas? (marque quantas alternativas julgar necessário)

- na hora da entrada
- durante as aulas
- na hora do recreio
- na hora da saída
- durante atividades fora do horário das aulas
- Outro. Qual?

14) No geral, que tipos de medidas são tomadas pela escola quando há casos de violência?

- promove-se um acordo entre as partes
- são aplicadas sanções disciplinares
- evita-se tomar medidas por temor de represálias
- são adotadas medidas preventivas
- solicita-se a intervenção de representantes da polícia (Batalhão Escolar, DCA, etc.)
- dependendo do caso, o aluno é transferido.
- nenhuma das anteriores

15) Na sua opinião, quais os TRÊS maiores problemas da sua escola?

- alunos desinteressados
- alunos demais por sala
- desinteresse dos pais/responsáveis
- falta de infra-estrutura (salas, banheiros, carteiras e cadeiras, etc...)
- merenda insuficiente e/ou de má qualidade
- professores que faltam às aulas
- professores desinteressados / desestimulados
- número insuficiente de professores
- vizinhança perigosa, bandidos
- ocorrência de episódios de violência dentro da escola

16) Quem você considera ter atitudes mais violentas na sua escola?

- meninos meninas ambos são violentos

17) Como a violência no ambiente escolar afeta o seu trabalho? (marque quantas alternativas julgar necessário)

- seu estímulo para o trabalho diminui
- não consegue se concentrar direito no seu trabalho
- não sente vontade de ir trabalhar
- fica nervoso e irritado na escola
- sente-se revoltado
- não afeta em nada

18) Qual a sua opinião sobre a presença da polícia dentro da escola?

19) Caso existam casos de violências nas escolas, que não foram abordados nesse questionário, e que gostaria de compartilhar, por favor, utilize o espaço abaixo para contá-los.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA – FEF

Caro(a) diretor(a) e equipe de direção;

Muito se tem falado sobre a violência nas escolas do DF, porém é necessário que se entenda como ela se faz presente e por quê? Para isso, a comunidade escolar deve ser ouvida e contamos com a sua colaboração sincera, que fará parte de um estudo do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília-UnB. Desde já agradecemos.

QUESTIONÁRIO

01) Sexo: () masculino () feminino

02) Qual o cargo que ocupa? _____

03) Formação: _____ Tempo de formação:

04) Na sua opinião, qual o principal objetivo da escola?

05) O que você considera ser violência?

06) Você considera que os casos de violência ocorridos são por motivos:

() internos à escola () externos à escola () internos e externos à escola

07) Que regras são utilizadas para combater a violência?

08) Que normas são impostas quando as regras são infringidas?

09) Você acredita que sua formação profissional o capacitou para lidar com situações violentas presentes na escola?

Para responder as questões abaixo, utilize a legenda:

1. SEMPRE	2. MUITO	3. POUCO	4. NUNCA
------------------	-----------------	-----------------	-----------------

10) Com que frequência ocorre na sua escola as situações abaixo apresentadas?

Violência sofrida por alunos no percurso entre a casa e a escola	1	2	3	4
Casos de violência no entorno (perímetro) da escola	1	2	3	4
Brigas entre os alunos	1	2	3	4
Brigas entre professores e alunos	1	2	3	4
Xingamentos entre os alunos	1	2	3	4
Xingamentos entre alunos e professores	1	2	3	4
Humilhação entre os alunos	1	2	3	4
Humilhação entre alunos e professores	1	2	3	4
Ameaça entre os alunos	1	2	3	4
Ameaça entre alunos e professores	1	2	3	4
Pichação ou depredação da escola	1	2	3	4
Presença de integrantes de gangues na escola	1	2	3	4
Furto entre os alunos	1	2	3	4
Furtos de professores praticados por alunos	1	2	3	4
Danos aos bens de professores	1	2	3	4
Consumo de bebida alcoólica pelos alunos na escola	1	2	3	4
Consumo de drogas ilícitas pelos alunos na escola	1	2	3	4
Comércio ou tráfico de drogas na escola	1	2	3	4
Discriminação por raça/cor/etnia entre os alunos	1	2	3	4
Discriminação por raça/cor/etnia de professores contra alunos	1	2	3	4
Discriminação por raça/cor/etnia de alunos contra professores	1	2	3	4
Discriminação por condição socioeconômica entre os alunos	1	2	3	4
Discriminação pela condição socioeconômica de professores contra alunos	1	2	3	4
Discriminação pela condição socioeconômica de alunos contra professores	1	2	3	4
Discriminação por ser ou parecer homossexual entre os alunos	1	2	3	4
Discriminação por ser ou parecer homossexual de professores contra alunos	1	2	3	4
Discriminação por ser ou parecer homossexual de alunos contra professores	1	2	3	4
Discriminação por deficiência física ou mental entre os alunos	1	2	3	4
Discriminação por deficiência física ou mental de professores contra alunos	1	2	3	4
Discriminação por deficiência física ou mental de alunos	1	2	3	4

contra professores				
Porte de armas brancas (faca, porrete, punhal, soqueira, tesoura etc) por parte de alunos	1	2	3	4
Porte de armas de fogo por parte de alunos	1	2	3	4
Violência policial no interior da escola	1	2	3	4
Violência policial no entorno da escola	1	2	3	4
Debate por parte dos alunos sobre o tema da violência	1	2	3	4
Debate por parte dos professores sobre o tema da violência	1	2	3	4
Debate por parte da comunidade sobre o tema da violência	1	2	3	4
Debate por parte da equipe de direção sobre o tema da violência	1	2	3	4

11) Em que locais ocorrem mais ações violentas? (marque quantas alternativas julgar necessário)

- salas de aula
- pátio, corredores
- banheiros
- quadra de esportes
- no entorno (perímetro) da escola

12) Em que momentos ocorrem mais ações violentas? (marque quantas alternativas julgar necessário)

- na hora da entrada
- durante as aulas
- na hora do recreio
- na hora da saída
- durante atividades fora do horário das aulas
- Outro. Qual?

13) Em que turnos ocorreram mais ações violentas? (marque quantas alternativas julgar necessário)

- matutino
- vespertino
- fim de semana, feriados ou datas/eventos especiais

14) Na sua opinião, quais os TRÊS maiores problemas da sua escola?

- alunos desinteressados
- alunos demais por sala
- desinteresse dos pais/responsáveis
- falta de infra-estrutura (salas, banheiros, carteiras e cadeiras, etc...)
- merenda insuficiente e/ou de má qualidade
- professores que faltam às aulas
- professores desinteressados / desestimulados
- número insuficiente de professores
- vizinhança perigosa, bandidos
- ocorrência de episódios de violência dentro da escola

15) Quem você considera ter atitudes mais violentas na sua escola?

meninos meninas ambos são violentos

16) Como a violência no ambiente escolar afeta o seu trabalho? (marque quantas alternativas julgar necessário)

- seu estímulo para o trabalho diminui
- não consegue se concentrar direito no seu trabalho
- não sente vontade de ir trabalhar
- fica nervoso e irritado na escola
- sente-se revoltado
- não afeta em nada

17) No geral, que tipos de medidas são tomadas pela escola quando há casos de violência?

- promove-se um acordo entre as partes
- são aplicadas sanções disciplinares
- evita-se tomar medidas por temor de represálias
- são adotadas medidas preventivas
- solicita-se a intervenção de representantes da polícia (Batalhão Escolar, DCA, etc.)
- dependendo do caso, o aluno é transferido.
- nenhuma das anteriores

18) Qual a sua opinião sobre a presença da polícia dentro da escola?

19) Caso existam casos de violências nas escolas, que não foram abordados nesse questionário, e que gostaria de compartilhar, por favor, utilize o espaço abaixo para contá-los.
